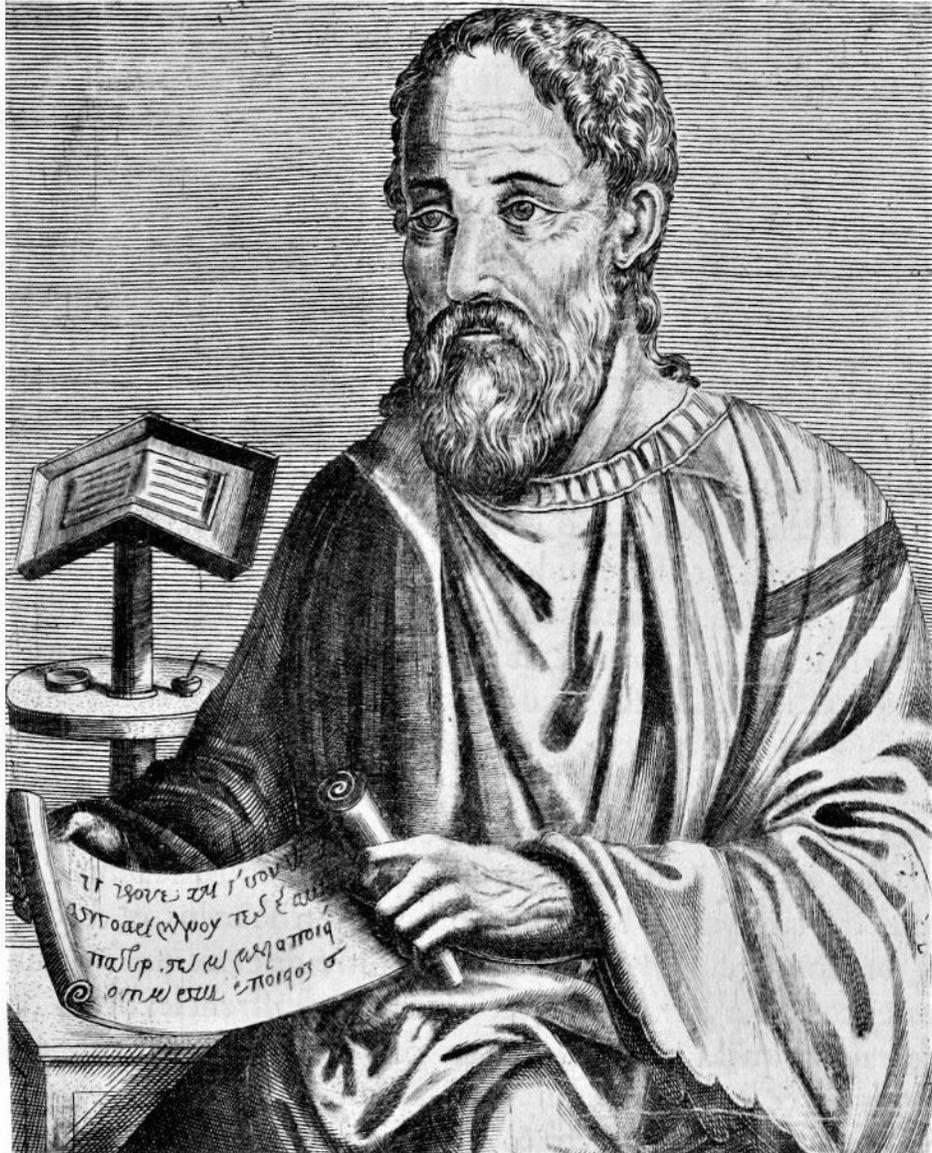


EUSÉBIO, BISPO DE CESAREIA



HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA
LIVROS VI a X

FONTES DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

wikipédia

Texto extraído do Vol. 15, «EUSÉBIO DE CESARÉIA -
História Eclesiástica», da colecção "Patrística", editada por
"PAULOS"

LIVRO SEXTO

CAPÍTULO 1

Perseguição de Severo

Ao mover também Severo uma perseguição contra as Igrejas,⁸⁵ brilhantes foram em toda a parte os testemunhos prestados pelos atletas da religião. Mas eles se multiplicaram especialmente em Alexandria, onde, qual em grande estádio, eram congregados, de todo o Egito e da Tebaida,⁸⁶ os atletas de Deus e onde receberam de Deus a coroa, suportando com toda coragem diferentes suplícios e gêneros de morte. Entre eles achava-se aquele que é chamado pai de Orígenes, Leônidas, e que foi decapitado. Deixou o filho muito jovem. Deste, é oportuno lembrar brevemente qual foi, desde este momento, a predileção pela palavra divina, sobretudo por ser grande sua fama diante da maior parte dos homens.

CAPÍTULO 2

Educação de Orígenes

1. Quem tentar transmitir longamente por escrito sua vida terá muito a dizer e a narração completa exigiria uma obra particular. No entanto, no momento, resumiremos a maioria dos fatos tão brevemente quanto possível e o pouco que dissermos, nós o explanaremos segundo as cartas e o relato de seus familiares sobreviventes entre nós.
2. No tocante a Orígenes, por assim dizer, é digno de memória, a meu ver, mesmo o tempo em que esteve envolvido em faixas. Era no décimo ano do reinado de Severo; Laeto governava Alexandria e o restante do Egito; Demétrio, por sua vez, tinha recentemente obtido, após Juliano, o episcopado das comunidades deste país.
3. O incêndio da perseguição se propagava então, e milhares de fiéis haviam cingido a coroa do martírio. Tal paixão pelo martírio se apossou da alma de Orígenes, ainda menino, que era para ele prazer ir ao encontro dos perigos, saltar e lançar-se à luta.
4. Pouco faltou para que perdesse a vida, mas a divina e celeste Providência, para o bem da maioria dos fiéis, pôs obstáculos a seu ardor, por meio da mãe.
5. Esta suplicou primeiro por palavras, exortando-o a se compadecer de seu amor materno; mas vendo-o ainda mais impetuosamente inclinado ao martírio, ao ter conhecimento da prisão e encarceramento do pai, e completamente tomado do desejo do martírio, escondeu todas as suas vestes, obrigando-o a ficar em casa.
6. Ele, porém, nada mais podendo fazer, e como o desejo intensificado, bem acima de sua idade, não o deixava ficar inativo, enviou ao pai uma carta cheia de exortações ao martírio,⁸⁷ na qual o encorajava, dizendo textualmente: “Cuida de não mudar de opinião por nossa causa”. Seja isto anotado por escrito como primeira prova da vivacidade de espírito de Orígenes, ainda menino, e de sua adesão segura à religião.
7. Entretanto, ele já havia lançado sólidos fundamentos no conhecimento da fé, exercitando-se desde a

infância nas divinas Escrituras. A estas se aplicara diligentemente, em medida extraordinária, pois seu pai, não contente de fazer com que passasse pelo ciclo dos estudos, não havia considerado supérflua a solicitude pelas Escrituras.

8. Acima de tudo, portanto, antes de se dedicar às disciplinas helênicas, ele o havia levado a exercitar-se nos estudos sagrados, exigindo diariamente dele recitações e prestação de contas.

9. E isto não desagradava ao menino, que, ao contrário, trabalhava com zelo excessivo, de tal sorte que não lhe bastava conhecer o sentido simples e óbvio das Escrituras sagradas, mas já procurava, desde aquela ocasião, algo mais, querendo descobrir uma visão mais profunda. Chegava mesmo a deixar o pai embaraçado, fazendo-lhe perguntas sobre o que queria indicar a Escritura divinamente inspirada.

10. Este, exteriormente, fingia repreendê-lo, exortando-o a não procurar saber o que estava acima de sua idade ou além do sentido óbvio. Mas, interiormente, sentia intensa alegria, dando muitas graças a Deus, causa de todos os bens, por ter merecido ser pai de tal filho.

11. Diz-se que parava muitas vezes junto do filho adormecido, descobria-lhe o peito, íntima habitação do Espírito divino, beijava-o respeitosamente, considerando-se feliz pela ótima prole que possuía. Conta-se sobre a infância de Orígenes estas e muitas outras coisas análogas.

12. Quando o pai consumou o martírio, ficou sozinho com a mãe e seis irmãos menores. Não tinha mais do que dezessete anos.

13. Como a fortuna paterna fora confiscada pelos agentes do tesouro imperial, ele encontrou-se com os seus na carência das coisas necessárias à subsistência. Mas dignou-se a providência divina cuidar dele. Encontrou acolhimento, bem como tranqüilidade junto de uma senhora riquíssima de recursos materiais e muito ilustre, mas que tratava com grande consideração um homem famoso entre os hereges que então viviam em Alexandria. Era antioqueno de nascença; ela o tinha na conta de filho adotivo, cercado-o inteiramente de cuidados.

14. Mas Orígenes, que forçosamente tinha de conviver com ele, desde então deu provas brilhantes de fé ortodoxa. Enquanto Paulo (assim ele se chamava), aparentando eloqüência, reunia junto de si uma inumerável turba, não apenas de hereges, mas ainda dos nossos, Orígenes jamais consentiu em unir-se a ele para a oração, mantendo desde a infância a norma da Igreja e tinha horror, segundo sua própria expressão, das doutrinas heréticas.

15. Iniciado pelo pai nas disciplinas helênicas, após a morte deste último, ele se entregou com maior ardor e inteiramente ao exercício das letras, de sorte que veio a possuir pouco tempo após a morte do pai, uma preparação suficiente nos conhecimentos gramaticais e consagrando-se a eles, acumulou, ao menos para sua idade, a base necessária.

CAPÍTULO 3

Ainda jovem, ensinava a doutrina de Cristo

1. Enquanto ele estava ocupado no ensino, conforme ele próprio relata em alguma parte por escrito, ninguém se dedicava em Alexandria à catequese, mas todos de lá haviam fugido pela ameaça da perseguição; alguns pagãos, contudo, procuraram-no para ouvir a palavra de Deus.

2. Denota que o primeiro dentre eles foi Plutarco, que, após uma vida louvável, foi ornado com o martírio divino; o segundo, Héraclas, irmão de Plutarco que, também, deu depois dele grande exemplo de vida filosófica e ascética e que, em seguida a Demétrio, foi considerado digno do episcopado em

Alexandria.

3. Orígenes tinha dezoito anos ao começar a dirigir a escola de catequese; progrediu muito na ocasião das perseguições sob Áquila, governador de Alexandria, e seu nome tornou-se extremamente célebre, junto de todos aqueles cuja fé ele estimulava, por causa do acolhimento e zelo por ele manifestados para com todos os santos mártires conhecidos e desconhecidos.

4. Pois, não os assistia apenas na prisão, nem só quando interrogados e condenados, mas ainda depois da sentença final, com a maior audácia e expondo-se ao perigo, ficava junto deles ao serem os santos mártires levados para a morte. Assim, quando ele avançava corajosamente e com grande ousadia saudava os mártires com um beijo, acontecia freqüentemente que o povo pagão que os cercava se enfurecia e estava a ponto de se precipitar sobre ele, mas estendia-se a mão de Deus

5. para socorrê-lo e fazer com que milagrosamente escapasse. A mesma graça divina e celeste o protegeu em milhares de circunstâncias e é impossível dizer quantas vezes, quando ele se expunha às ciladas por seu ardor e ousadia excessivos em prol da doutrina de Cristo. E tão grande era a guerra que os infiéis lhe faziam, que se reuniam e punham guardas em volta da casa onde ele estava por causa da multidão daqueles aos quais ensinava as questões pertinentes à sagrada fé.

6. Desta forma, cada dia, a perseguição contra ele se inflamava tanto que a cidade toda não lhe oferecia mais refúgio seguro. Ia de casa em casa, expulso de todos os lugares, por causa dos que procuravam a doutrina divina. De fato, suas ações continham lições espantosas, da mais autêntica filosofia.

7. Dele se dizia: Sua palavra é tal qual sua vida; e sua vida corresponde a sua palavra. Por esta razão, sobretudo, pelo poder de Deus que o sustentava, ele conduzia milhares a idêntico zelo.

8. Ao verificar que os discípulos já se aproximavam mais numerosos, e ele era o único a quem Demétrio, o chefe da igreja, tinha confiado a escola da catequese, julgou inconciliáveis o ensino das ciências gramaticais e o exercício das disciplinas divinas, e, sem delongas, rompeu com a escola das ciências gramaticais, como inútil e oposta às disciplinas sagradas.

9. Em seguida, por um motivo conveniente, a fim de não necessitar do auxílio de outrem, cedeu tudo o que tinha até então de obras antigas, transcritas com grande cuidado e contentou-se com quatro óbolos cotidianos que lhe pagava o comprador. Durante muitos anos, observou este modo de filosofar, renunciando a tudo o que pudesse alimentar as paixões juvenis. Durante o dia inteiro, fazia grandes trabalhos de ascese e, a maior parte da noite, dava-se ao estudo das Escrituras divinas, entregando-se assim a uma vida tão filosófica quanto possível, ora pelo exercício de jejuns, ora por estrita medida no tempo de sono, e cuidando de dormir não sobre uma esteira, mas estendido no chão.

10. Pensava, acima de tudo, que deviam ser observadas as palavras evangélicas do Salvador que recomendam não possuir duas vestes, não usar sandálias (Mt 10,10; Lc 10,4), e também aquelas que ordenam não viver preocupado com o futuro (Mt 6,34).

11. Além disso, com ardor acima de sua idade, persistia em viver no frio e na nudez (2Cor 11,27), atingindo o termo da extrema pobreza. Impressionava vivamente os que o cercavam; entristecia mesmo a muitos deles que o suplicavam consentisse em participar de seus bens, por causa das fadigas que o viam suportar em vista do divi- no ensinamento; mas ele em nada relaxava a sua austeridade.

12. Conta-se até que, durante vários anos, andou descalço, sem jamais usar sandálias; que, durante

longos anos, absteve-se de vinho e de tudo que não fosse indispensável para se nutrir, de sorte que incorreu no risco de cair doente e de moléstia do peito.

13. Dava tais exemplos de vida filosófica a testemunhas oculares e estimulava com justeza tão grande número de discípulos a zelo semelhante ao seu que atraía até mesmo pagãos infiéis, não vulgares, mas importantes, cultos, filósofos ao ensino que ministrava. Aconteceu até que estes, após ter recebido dele verdadeiramente, no íntimo da alma, a fé na palavra divina, distinguiram-se, por ocasião da perseguição que houve então, de sorte que alguns deles foram presos e receberam a consumação do martírio.

CAPÍTULO 4

Muitos de seus catequizados foram promovidos ao martírio

1. O primeiro dentre eles foi, portanto, Plutarco, de quem se falou mais acima. Ao ser levado para a morte, pouco faltou para que Orígenes, que o assistiu até o fim último, não fosse massacrado por seus concidadãos, como sendo a causa manifesta de sua morte; a vontade de Deus, ainda desta vez, o preservou.

2. Após Plutarco, o segundo dos discípulos de Orígenes que se tornou mártir, foi Sereno que deu pelo fogo provas da fé que havia recebido.

3. O terceiro mártir da mesma escola foi Heráclides, e depois dele, o quarto é Herão. O primeiro era ainda catecúmeno e o segundo neófito; ambos foram decapitados. Além destes, o quinto da mesma escola proclamado atleta da piedade é Sereno, diferente do primeiro, o qual, depois de ter suportado inúmeros tormentos, narra-se que teve a cabeça cortada. Das mulheres, Heraís, ainda catecúmena, deixou a vida, conforme ele próprio diz em determinado lugar, por meio do batismo de fogo.

CAPÍTULO 5

Potamiena

1. Enumera-se Basíledes como o sétimo dos mártires. Ele levava ao martírio a célebre Potamiena, cuja fama até hoje é decantada entre os seus compatriotas.⁸⁸ Depois de mil combates contra homens corruptos para defender a pureza do corpo e a virgindade pela qual ela se distinguiu (pois, sem falar de sua alma, a beleza do corpo era nela qual flor que desabrocha), após mil tormentos e torturas terríveis, cuja narrativa é de arrepiar, foi, com sua mãe Marcela, consumida pelo fogo.

2. Narra-se que o juiz, chamado Áquila, depois de ter submetido seu corpo inteiro a duros tormentos, por fim ameaçou-a de entregá-la aos gladiadores para desonrá-la. Mas ela refletiu por um instante e foi-lhe pedida uma decisão. Deu tal resposta que pareceu-lhes algo de ímpio.

3. Enquanto ela falava, foi proferida a sentença e Basíledes, um dos soldados a tomou e conduziu à morte. E como a multidão se esforçava por incomodá-la e insultá-la com palavras inconvenientes, ele afastava com ameaças os injuriadores e manifestava para com ela muita piedade e humanidade. Ela, porém, acolhendo a simpatia que lhe era demonstrada, exortava-o a ser corajoso, dizendo-lhe que o reclamaria, quando tivesse voltado para junto de seu Senhor e que, em pouco tempo, lhe retribuiria o que havia feito em seu favor.

4. Tendo assim falado, sofreu corajosamente a morte. Derramaram pez fervente sobre as diferentes partes do corpo desde a extremidade dos pés ao alto da cabeça devagar, pouco a pouco.

5. Assim foi o combate da ilustre jovem. Basíledes, porém, não esperou muito tempo. Os companheiros de armas, por um motivo qualquer, exigiram dele um juramento. Ele declarou com energia que não lhe era permitido absolutamente jurar, porque era cristão e confessava-o abertamente. No princípio, acharam que ele estava gracejando; mas como perseverasse obstinadamente, levaram-no ao juiz, a quem ele confessou sua resistência; e ele mandou algemá-lo.

6. Seus irmãos segundo Deus visitaram-no e perguntaram-lhe a causa deste ardor repentino e extraordinário. Narra-se ter ele respondido que três dias após seu martírio, Potamiena lhe aparecera durante a noite, pusera-lhe uma coroa na cabeça e havia pedido uma graça ao Senhor, obtivera o objeto de seu pedido e que ele o receberia dentro de pequeno prazo. Então, os irmãos lhe deram o sigilo do Senhor e no dia seguinte, após ter brilhado no testemunho pelo Senhor, foi-lhe decepada a cabeça.

7. Nota-se que muitos outros, dentre os habitantes de Alexandria vieram em grande número à doutrina de Cristo, na época a que nos referimos, porque, durante o sono, Potamiena lhes aparecera e os chamara. Do assunto, agora, basta.

CAPÍTULO 6

Clemente de Alexandria

Sucessor de Panteno, Clemente dirigia até esta época a catequese em Alexandria, de forma que Orígenes encontrava-se também no número de seus discípulos. Ao explicar a matéria dos *Stromata*, Clemente no primeiro livro apresenta uma cronologia, que abrange até a morte de Cômodo. Assim, evidencia-se ter sido a obra composta sob Severo, cuja época vem descrita no presente livro.

CAPÍTULO 7

O escritor Judas

Nesta mesma ocasião, Judas, outro escritor, dissertando por escrito sobre as setenta semanas de Daniel, expõe a cronologia até o décimo ano do reinado de Severo. Ele julgava que a vinda do Anticristo, comentada por todos, já se aproximava, de tal forma a violência da perseguição contra nós perturbava grande número de espíritos.

CAPÍTULO 8

Audácia de Orígenes

1. Nesta ocasião, enquanto Orígenes atuava na catequese em Alexandria, praticou uma ação que constitui uma prova muito grande de um senso inexperiente e juvenil, mas também de fé e temperança.

2. Entendeu as palavras: “*E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus*” (Mt 19,12), de modo simplista e juvenil, seja por julgar que assim cumpria a palavra do Senhor, seja porque, sendo jovem, pregava as coisas divinas, não somente a homens, mas ainda a mulheres, e querendo tirar aos infiéis todo pretexto de calúnia vergonhosa, foi impelido a cumprir realmente a palavra do Senhor, tendo cuidado, porém, de que sua ação ficasse oculta para a maior parte dos discípulos que o cercavam.

3. Não foi possível, contudo, bem que o quisesse, dissimular tal ação. Mais tarde, com efeito, Demétrio, como chefe da comunidade da região, soube do fato. Admirou inteiramente a audácia de Orígenes. Aprovou-lhe o zelo e a sinceridade da fé e exortou-o a se entregar doravante mais ainda à

obra catequética.

4. Tal foi então a posição de Demétrio. Mas pouco tempo depois, vendo Orígenes chegar a grandes realizações, tornar-se ilustre e famoso no mundo inteiro, sucedeu-lhe conceber sentimentos por demais humanos e tentou acusá-lo junto de todos os bispos de uma ação que considerava reprovável, enquanto os bispos mais estimados e célebres da Palestina, os de Cesaréia e de Jerusalém, tendo julgado Orígenes digno de privilégio e de honra mais elevada, lhe haviam imposto as mãos, ordenando-o sacerdote.

5. Ele havia obtido elevado grau de glória; seu nome era conhecido junto de todos os homens; possuía alto renome de virtude e sabedoria. Demétrio, sem nenhum outro motivo de acusação, inculpou-o pela ação cometida na infância e teve a audácia de abranger sob as acusações os que o promoveram ao sacerdócio.⁸⁹

6. Isto, porém, aconteceu um pouco mais tarde. Neste ínterim, Orígenes entregava-se em Alexandria ao múnus da catequese divina em benefício de todos os que o procuravam dia e noite, sem distinção alguma, dedicando com presteza todo o tempo disponível às disciplinas religiosas e a seus discípulos.

7. Tendo Severo detido o poder por mais de dezoito anos, sucedeu-lhe o filho, Antonino. Nesta ocasião, entre os que se portaram com denodo durante a perseguição e, após as lutas da confissão, foram conservados pela Providência de Deus, achava-se determinado Alexandre, que acabamos de assinalar como bispo da Igreja de Jerusalém (cf. 2Tm 4,2; At 20,31; 20,20; 28,31). Distinguiu-se de tal forma na confissão de Cristo que foi julgado digno deste episcopado, embora Narciso, seu predecessor, ainda estivesse vivo.

CAPÍTULO 9

Milagres de Narciso

1. Entretanto, os membros desta comunidade relembram muitos milagres de Narciso, de que tiveram notícia por transmissão oral da parte de sucessivos irmãos. Entre aqueles eventos contam o seguinte prodígio, que ele operou.

2. Uma vez na grande vigília da Páscoa, faltou o óleo aos diáconos; por isso, a multidão ficou muito contrariada. Narciso ordenou aos que preparavam as lâmpadas que fossem tirar água e lha trouxessem.

3. Imediatamente assim foi feito. Ele rezou sobre a água e ordenou, com íntegra fé no Senhor, que fosse derramada nas lâmpadas. Também isto se fez e um poder acima de toda expectativa, extraordinário e divino, transmutou a natureza da água em óleo. Durante muito tempo, até hoje, grande número de irmãos desta região guardou um pouco deste óleo, em comprovação do milagre.

4. Anotou-se da vida deste homem grande número de fatos memoráveis; entre estes, o seguinte. Alguns ce- rados, não suportando o vigor e a firmeza de sua vida, e re- ceosos de sofrerem castigo, se surpreendidos no mal, pois eram cômicos de milhares de crimes, tomaram a dianteira, e urdiram contra ele uma conspiração, levantando terrível calúnia.

5. Em seguida, para terem credibilidade junto dos ouvintes, apoiaram suas acusações com juramento: um jurou que haveria de perecer pelo fogo; outro, que seu corpo seria consumido por doença funesta; o terceiro que perderia os olhos. Mas, apesar do juramento, nenhum dos fiéis lhes deu atenção, por causa da prudência de Narciso, que sempre se evidenciara diante de todos e de seu comportamento perfeitamente virtuoso.

6. Ele, porém, não suportou a malícia desses rumbos; e como, aliás, há muito desejava a vida filosófica, pela fuga abandonou a comunidade de sua Igreja e escondeu-se em desertos e lugares secretos, onde permaneceu por numerosos anos.

7. Mas, o grande olho da justiça não ficou indiferente a esses feitos e rapidamente nesses ímpios levou a efeito as imprecções que haviam proferido com juramento contra si mesmos. Relativamente ao primeiro, em conseqüência, apenas uma pequena faísca, sem nenhum motivo aparente, caiu sobre a casa onde ele morava e completamente a queimou durante a noite; e com os seus ele foi consumido. O segundo teve o corpo subitamente coberto da extremidade dos pés à cabeça, pela doença que imprecara.

8. Quanto ao terceiro, vendo o fim dos dois primeiros e tremendo diante da justiça inevitável do Deus onisciente, confessou publicamente a maldade que haviam planejado em comum; e, em seu arrependimento, esgotou-se em gemidos e não cessou de chorar a tal ponto que perdeu os dois olhos. Tais foram os castigos desta mentira.

CAPÍTULO 10

Bispos de Jerusalém

Narciso, porém, afastara-se e ninguém sabia onde se achava. Aproveu, então, aos bispos das Igrejas vizinhas impor as mãos a outro bispo. Este chamava-se Dios; não presidiu por muito tempo e teve por sucessor Germanião, que foi substituído por Gordios. No episcopado deste último, Narciso, de certo modo redivivo, reapareceu e foi novamente chamado ao primeiro lugar pelos irmãos. A veneração em que era tido por todos cresceu, devido a seu afastamento, sua filosofia e sobretudo por causa da vingança de que foi julgado digno da parte de Deus.

CAPÍTULO 11

Alexandre

1. E como ele não estivesse mais em condições de cumprir os deveres do ofício por causa da velhice avançada, a providência divina chamou o supramencionado Alexandre, bispo de outra comunidade, por uma revelação noturna em sonho, a exercer o múnus episcopal simultaneamente com Narciso.

2. Foi assim que Alexandre, de certo modo seguindo um oráculo divino, saiu da terra dos capadócijs, onde fora anteriormente honrado com o episcopado, e empreendeu a viagem a Jerusalém para rezar e visitar os lugares santos. O povo do lugar, após tê-lo acolhido com grande benevolência, não lhe permitiu voltar para casa, de acordo com outra revelação noturna e os mais zelosos dentre eles perceberam uma voz muito clara, que ordenava fossem para fora das portas, a fim de receber o bispo que Deus lhes predestinara. Desta forma, de comum acordo com os bispos que governavam as Igrejas vizinhas, forçaram-no a ficar.

3. O próprio Alexandre relembra, numa carta particular aos Antinoítas, até hoje conservada entre nós, que Narciso ocupou com ele a sé episcopal;⁹⁰ escreve literalmente no fim da carta: “Saúda-vos Narciso, que, antes de mim, aqui ocupou a sé episcopal e agora fica junto de mim nas orações. Ele completou cento e dezesseis anos e exorta-vos, como também eu, a manterdes sentimentos de concórdia”.

4. Desta maneira se deram os fatos. Na Igreja de Antioquia, após a morte de Serapião, Asclepiades recebeu o episcopado; ele se destacara também pela confissão no tempo da perseguição.

5. Alexandre menciona a instalação deste bispo, escrevendo aos antioquenos o seguinte: “Alexandre, servo e prisioneiro de Jesus Cristo (Fm 1), à bem-aventurada Igreja de Antioquia, saudação no Senhor. O Senhor tornou minhas cadeias suportáveis e leves ao saber, durante meu aprisionamento que, segundo a divina providência, Asclepiades, o mais apto pelo mérito da fé, tinha recebido o episcopado de vossa santa Igreja de Antioquia”.

6. Assinala que enviou esta carta por Clemente, escrevendo no final, nos seguintes termos: “Eu vos envio esta carta, meus senhores e meus irmãos, por intermédio de Clemente, o bem-aventurado sacerdote, homem virtuoso e estimado, que vós também conheceis e logo ides rever. Sua presença aqui, segundo a providência e supervisão do Mestre, fortificou e aumentou a Igreja do Senhor” (cf. At 15,41).

CAPÍTULO 12

Serapião e escritos seus subsistentes

1. É provável que tenham sido conservados outros testemunhos da atividade literária de Serapião, mas só chegaram até nós os escritos: *A Domnus*, que, no tempo da perseguição, tinha fraquejado e passara da fé em Cristo à superstição judaica;⁹¹ *A Pôncio e a Cáricos*, homens da Igreja, e algumas cartas endereçadas a vários;

2. mais outra obra, composta por ele: *Sobre o evangelho dito segundo Pedro*,⁹² para refutar as mentiras contidas nesse evangelho, em vista de determinados fiéis da comunidade de Rossos, que, baseando-se nessa pretensa Escritura, haviam-se desgarrado por doutrinas heterodoxas. Desta obra, vem a propósito citar breve trecho, onde o autor explana seu parecer sobre o livro, nesses termos:

3. “Efetivamente, nós, irmãos, acolhemos Pedro e os outros Apóstolos como se fossem o próprio Cristo; mas, enquanto homens experientes, cômnicos de nada de semelhante termos recebido, rejeitamos os pseudo-epígrafos, com estes nomes.

4. Eu também, quando ao vosso lado, supunha que estáveis todos apegados à fé verdadeira, e sem ter lido o evangelho apresentado por eles sob o nome de Pedro, eu dizia: Se é somente isso que vos parece contrário, pode ser lido. Mas agora soube que dissimulava certo senso herético; ao menos assim me foi comunicado. Voltarei, portanto, depressa para junto de vós. Por isso, irmãos, aguardai-me dentro em breve.

5. Nós, porém, irmãos, tendo sabido a que heresia pertencia Marcião, o qual se contradiz a si mesmo, desconhecendo o que afirma, conforme podeis verificar por aquilo que vos foi escrito,

6. pudemos, efetivamente, por meio de outros adeptos deste evangelho, isto é, os sucessores de seus primeiros introdutores — que denominamos docetas,⁹³ pois a maioria de suas idéias pertencem a esta doutrina — pudemos, digo, por este meio, obter de empréstimo o livro, percorrê-lo e encontrar ali, junto da verdadeira doutrina do Salvador, alguns acréscimos, que submetemos a vosso juízo.” Eis o que diz Serapião.

CAPÍTULO 13

Obras de Clemente

1. De Clemente foram-nos conservados os *Stromata*, no total de oito, aos quais ele deu o título: *De Tito Flávio Clemente, Stromata das memórias gnósticas segundo a verdadeira filosofia*.

2. Do mesmo número que os *Stromata* são os livros intitulados *Hypotyposes*, nos quais menciona nominalmente Panteno como seu mestre, e expõe a exegese das Escrituras e as tradições que dele recebeu.
3. Dele ainda existe um discurso aos gregos, o *Protrepticós* e três livros da obra intitulada *Pedagogo*, e outro escrito com a epígrafe: *Que rico se salvará?*; um escrito sobre a *Páscoa* e tratados: *O jejum*, *A maldicência*, *A Exortação à paciência* ou *Aos neófitos*; a obra intitulada *Regra eclesiástica*, ou *Contra os judaizantes*, dedicada a Alexandre, o bispo supramencionado.
4. Nos *Stromata*, não tece apenas uma tapeçaria da Escritura divina, mas rememora também doutrinas, úteis a seu ver, extraídas dos escritos gregos; e expõe com pormenores opiniões de gregos e também de bárbaros, aceitas pela maioria.
5. Retifica ainda as falsas opiniões dos heresiarcas; desenvolve farta informação e fornece-nos matéria de vasta instrução. A tudo isto mescla pareceres dos filósofos, e daí certamente vem a relação do título de *Stromata* com os respectivos assuntos.
6. Nesta obra emprega também provas extraídas de Escrituras não aceitas de modo geral; cita, por exemplo, a *Sabedoria* dita de Salomão, a de Jesus filho de Sirac, a carta aos Hebreus, as cartas de Barnabé, de Clemente e de Judas.
7. Menciona igualmente o *Discurso aos gregos* de Taciano, de Cassiano, como autor de uma *Cronografia* e ainda de escritores judeus, Fílon, Aristóbulo, Josefo, Demétrio, Eupolemo, que declaram todos serem Moisés e a raça dos judeus anteriores aos antigos gregos.⁹⁴
8. E os livros conhecidos deste autor estão repletos de inúmeros conhecimentos úteis. No primeiro dentre eles denota achar-se muito próximo da primitiva sucessão dos apóstolos. Nesta obra, promete também comentar o *Gênesis*.
9. Em seu livro: *A Páscoa*, confessa que foi forçado por seus amigos a transmitir por escrito as tradições que recebera de viva voz dos antigos presbíteros, em vista dos pósteros. Lembra Melitão, Ireneu e alguns outros, cujas explanações insere na sua obra.

CAPÍTULO 14

Suas citações das Escrituras

1. Em *Hypotyposes* ele faz, em suma, exposições resumidas dos Testamentos de toda a Escritura, sem omitir as partes controvertidas, isto é, a *Carta de Judas* e as outras *cartas* católicas, e a *Carta de Barnabé* e o *Apocalipse*, dito de *Pedro*.
2. Acrescenta ser da autoria de Paulo a *carta aos Hebreus*, escrita para os hebreus em língua hebraica, mas que Lucas, depois de traduzi-la cuidadosamente, divulgou-a entre os gregos. Este o motivo por que se assemelham a tradução desta carta e os *Atos*.
3. Não é sem razão que não traz a inscrição: “Paulo apóstolo”, pois, conforme diz Clemente, “dirigindo-se aos hebreus, prevenidos contra aquele que consideravam suspeito, prudentemente evitou desafiá-los desde o começo, apondo aí seu nome”.
4. Um pouco mais adiante, prossegue: “Conforme já dizia o bem-aventurado presbítero, uma vez que o Senhor, apóstolo do Onipotente, foi enviado aos hebreus, de maneira comedida, Paulo, enviado aos gentios, não deu a si mesmo o nome de apóstolo dos hebreus, de um lado por reverência para com o

Senhor e de outro, porque, sendo arauto e apóstolo dos gentios, dirigia-se por acréscimo aos hebreus”.

5. Nos mesmos livros ainda, Clemente cita um dado tradicional dos antigos presbíteros relativamente à ordem dos evangelhos. É o seguinte: os evangelhos que contêm as genealogias foram escritos em primeiro lugar.

6. O evangelho segundo Marcos foi elaborado da seguinte forma: Pedro anunciava a palavra publicamente em Roma e explicava o evangelho guiado pelo Espírito. Os numerosos ouvintes insistiram para que Marcos, seu companheiro por muito tempo e, por isso, bem lembrado de suas palavras, transcrevesse o que ele havia dito. Marcos o fez e transmitiu o evangelho aos que lho haviam pedido.

7. Tendo conhecimento disto, Pedro nada aconselhou que o impedisse ou estimulasse a escrever. Por fim, João, ciente de que o lado humano havia sido exposto nos evangelhos, escreveu, impelido pelos discípulos e divinamente inspirado pelo Espírito, um evangelho espiritual. Eis o que refere Clemente.

8. De outro lado, o supramencionado Alexandre traz referências sobre Clemente e simultaneamente sobre Panteno, como sendo seus conhecidos, numa carta a Orígenes. Escreve o seguinte: “Foi, efetivamente, da vontade de Deus, conforme é de teu conhecimento, que permanecesse intacta, ou antes, se tornasse mais calorosa e firme a amizade oriunda de nossos maiores.

9. Pois conhecemos esses bem-aventurados pais, que nos precederam na caminhada e junto dos quais em breve estaremos: Panteno, meu senhor, verdadeiramente bem-aventurado; e são Clemente, meu mestre, que muito me auxiliou e talvez outros ainda, por cujo intermédio vim a conhecer-te, meu senhor e meu irmão, o melhor de todos, em tudo.”

10. Tais os fatos. Quanto a Adamâncio (pois Orígenes usava também este apelativo), na época em que Zeferino guiava a Igreja de Roma, esteve em Roma, conforme ele próprio escreveu numa passagem: “Tivera desejos de ver a muito antiga Igreja de Roma”.⁹⁵ Após rápida permanência, dali voltou a Alexandria,

11. e entregou-se diligentemente às funções habituais da catequese. Demétrio, que então era o bispo dali, ainda o encorajava e quase lhe suplicava que se desse arduamente ao bem dos irmãos.

CAPÍTULO 15

Héraclas

Como ele visse que não era capaz de unir o estudo aprofundado à pesquisa e explicação das Sagradas Letras e ainda à catequese dos que o procuravam nem lhe permitindo respirar, porque uns após outros, desde a aurora até a tarde, freqüentavam-lhe a escola, ele dividiu a multidão e, entre seus discípulos, escolheu Héraclas, zeloso pelas coisas divinas, aliás homem muito eloqüente e experiente em filosofia e dele fez colega na catequese, confiando-lhe a primeira iniciação dos principiantes e reservando para si a instrução dos mais adiantados.

CAPÍTULO 16

Orígenes aplica-se ao estudo da Escritura

1. Tão importante era para Orígenes o estudo muito acurado da Palavra de Deus, que aprendeu também a língua hebraica e adquiriu a posse de originais das Escrituras conservados entre os judeus, em caracteres hebraicos. Pôs-se à procura de outros textos de tradutores das Escrituras Sagradas, além

dos Setenta. Descobriu, em acréscimo às traduções geralmente conhecidas, as de Áquila, Símaco e Teodocião, algumas que trouxe à luz, extraindo-as de ignorados esconderijos, onde estavam há muito perdidas.

2. Por ter dúvidas acerca do autor de que provinham, indicou somente tê-las encontrado, uma em Nicópolis perto de Actium, e outra em determinado lugar.

3. Em todo o caso, aditou aos Héxaplas dos Salmos, além das quatro versões conhecidas, não somente uma quinta, mas ainda uma sexta e uma sétima. Anota acerca de uma delas que a descobriu em Jericó, dentro duma jarra, no tempo de Antonino, filho de Severo.

4. Reuniu conjuntamente todas estas traduções, dividiu-as em versículos (*côla*), colocou-as em colunas paralelas, com o próprio texto hebraico. Assim nos deixou o exemplar denominado *Hexaplas*;⁹⁶ e em *Tetraplas* publicou separadamente as versões de Áquila, Símaco e Teodocião, juntamente com as dos Setenta.

CAPÍTULO 17

O tradutor Símaco

Ora, convém saber que um destes intérpretes, Símaco, era ebionita.⁹⁷ Chama-se heresia ebionita a que afirma ter Cristo nascido de José e Maria, ser simples homem e assevera firmemente ser preciso observar estritamente a Lei à maneira dos judeus, conforme vimos na descrição feita mais acima. Conservam-se até hoje alguns comentários de Símaco, onde evidentemente ele procura dar apoio à dita heresia através do evangelho segundo Mateus. Orígenes assinala ter recebido esses trabalhos, com outras interpretações de Símaco sobre as Escrituras, de certa Juliana, que, diz ele, havia herdado esses livros do próprio Símaco.

CAPÍTULO 18

Ambrósio

1. Nesta mesma época, Ambrósio, adepto da heresia de Valentim, deixou-se convencer acerca da verdade proposta por Orígenes; e com a mente iluminada por certo fulgor, aderiu à doutrina ortodoxa da Igreja.

2. Muitos outros homens cultos, quando a fama de Orígenes se difundira por toda a parte, procuravam-no para junto dele adquirir experiência relativa às doutrinas sagradas. Inúmeros hereges e filósofos dos mais célebres aderiam a ele zelosamente, a fim de aprender não somente a teologia, mas ainda a filosofia profana.

3. Introduzia os naturalmente bem dotados nas disciplinas filosóficas, na geometria, aritmética e outros elementos preparatórios. Em seguida, transmitia-lhes o conhecimento dos diversos sistemas dos filósofos, explicava-lhes seus escritos, comentava-os e examinava-os acuradamente, de sorte que os próprios gregos proclamavam-no grande filósofo.

4. No entanto, conduzia os numerosos menos dotados ao estudo do conjunto das ciências, afirmando que para eles esses conhecimentos não seriam de pequena utilidade relativamente à compreensão das Escrituras divinas e à introdução a elas. Além disso, julgava obrigatório, mesmo para ele, o estudo das disciplinas profanas e filosóficas.

CAPÍTULO 19

1. Podem atestar seus êxitos nestas matérias os próprios filósofos gregos que floresceram em seu tempo, e em cujos escritos encontramos menções numerosas de Orígenes. Dedicam-lhe seus próprios escritos ou, como a um mestre, submetem-lhe seus trabalhos pessoais para que os julgue.
2. Mas, por que dizer isto? Ainda em nossos dias, Porfírio,⁹⁸ morador da Sicília, compôs vários escritos contra nós, empenhado em caluniar as Escrituras divinas; refere-se aos que as comentaram, sem poder lançar a menor censura contra a doutrina, e, na carência de argumentos, passa a injuriar e caluniar os próprios exegetas, especialmente Orígenes.
3. Declara tê-lo conhecido na juventude e tenta caluniá-lo. Mas escapam-lhe recomendações ao proferir a verdade sobre questões das quais era impossível falar de outra forma, ou mente sobre questões em que supunha não ser apanhado em flagrante. Então, ora acusa-o como cristão, ora procura depreciar sua aplicação às disciplinas filosóficas.
4. Escuta, pois, o que assevera literalmente: “Alguns, desejosos de encontrar explicação sobre a inclemência das Escrituras judaicas, em vez de romper com elas, apelam para interpretações incompatíveis e em desacordo com o texto; assim, não tanto fazem apologia de opiniões estranhas, quanto aprovam e louvam suas próprias produções. Efetivamente, elogiam como enigmas as claras asserções de Moisés, que eles proclamam como sendo oráculos repletos de mistérios ocultos; e tendo o senso crítico da alma obcecado pelo orgulho, apresentam seus comentários”.
5. Em seguida, diz, após outras observações: “Tal absurdo origina-se de alguém que também eu conheci quando era muito jovem. Ele era então muito famoso e ainda goza de grande reputação por causa das suas remanescentes obras. Refiro-me a Orígenes, cuja ilustração largamente se propagou entre os mestres destas doutrinas.
6. Efetivamente, foi ouvinte de Amônio, que em nossa época obteve grande sucesso em filosofia. Adquiriu junto de seu mestre grande experiência nas ciências; relativamente à reta orientação da vida, porém, seguiu caminho oposto.
7. Amônio, de fato, era cristão, educado por pais cristãos. Mas, logo que abordou os raciocínios e a filosofia, tornou-se cidadão conforme as leis. Orígenes, ao invés, era grego, formado segundo os métodos gregos, mas desviou-se aderindo à obstinação peculiar aos bárbaros. Adotando-a, fez péssima transação relativa a si mesmo e a sua perícia nos estudos. Viveu como cristão, e à margem da lei; mas helenizou as noções sobre a realidade e a divindade, e incluiu as opiniões dos gregos nos mitos estrangeiros.
8. Efetivamente, seguia em tudo Platão; lia freqüentemente os escritos de Numênio, Crônio, Apolófanes, Longino, Moderato, Nicômaco e dos homens ilustres entre os pitagóricos; utilizava também os livros do estóico Queremão e de Cornuto; aprendeu deles a interpretação alegórica dos mistérios gregos, que aplicou às Escrituras judaicas.”
9. São estas as asserções de Porfírio no terceiro livro *Contra os cristãos*. É verídico nas afirmações relativas à formação e à extensa cultura de Orígenes; mente, contudo, indubitavelmente — que se pode esperar de adversário dos cristãos? — ao assegurar que Orígenes se convertera de doutrinas gregas e que Amônio, de uma vida segundo a piedade caíra no paganismo.
10. Efetivamente, Orígenes conservou-se fiel à doutrina de Cristo recebida dos antepassados,

conforme o demonstrou a narrativa anterior. Amônio, porém, manteve-se até o fim da vida adepto da filosofia inspirada, de forma intacta e indefectível, conforme atestam de algum modo até agora as obras deste homem, célebre diante da maioria, em geral, pelos escritos que deixou, por exemplo, o livro intitulado *Pleno acordo entre Moisés e Jesus* e muitos outros que é possível encontrar entre os amigos do bem e do belo.

11. Seja dito tudo isso a fim de comprovar a hipocrisia deste mentiroso. Ainda, quanto às disciplinas helênicas, fica demonstrado o grande saber de Orígenes, reprovado por alguns; ele defende seu zelo na carta onde relata o seguinte:

12. “Ao me dedicar à Palavra e espalhar-se a fama de minha forma de agir, procuravam-me os heréticos, ou os eruditos nas disciplinas helênicas, e especialmente os filósofos. Aproveite-me examinar as asserções dos hereges e as promessas dos filósofos de exporem a verdade.

13. Assim procedemos, à imitação de Panteno, nosso predecessor, que foi útil a muitos e possuía extensa preparação nessas matérias, e também de Héraclas, agora partícipe do presbitério de Alexandria. Encontrei-o ao lado do mestre das disciplinas filosóficas, junto do qual adquirira forças durante cinco anos, antes de começar a escuta desses ensinamentos.

14. Por influência deste mestre, deixou as vestes comuns que anteriormente usava e tomou o manto dos filósofos, que conserva até agora; ele não cessa de estudar os livros dos gregos à medida do possível.” Assim se exprimiu Orígenes para se defender relativamente ao exercício da cultura helênica.

15. Ora, nesta ocasião, enquanto ele residia em Alexandria, chegou um chefe militar e entregou cartas a Demétrio, bispo da comunidade e ao eparca do Egito de então, escritas pelo governador da Arábia, a fim de que lhe enviassem logo Orígenes a fim de se entreterem mutuamente. Por isso, Orígenes foi à Arábia. Tendo rapidamente levado a termo a missão, voltou a Alexandria.

16. Nesse ínterim, combate violento estalara na cidade. Ele deixou Alexandria às ocultas e partiu para a Palestina, passando a residir em Cesaréia. Os bispos da região pediram-lhe que discorresse publicamente na igreja e explicasse as Sagradas Escrituras, apesar de não ter ainda recebido a ordenação sacerdotal.

17. Evidencia tal fato o que escreveram, no intuito de defendê-lo, Alexandre, bispo de Jerusalém, e Teoctisto, bispo de Cesaréia, a respeito de Demétrio: “Em sua carta, ele acrescentou que jamais se ouviu dizer, e que até agora jamais sucedeu que leigos façam a homilia em presença de bispos, mas ignoramos como é possível assegurar o que manifestamente não é verídico.

18. Efetivamente, se existem homens capazes de ser úteis aos irmãos, os santos bispos convidam-nos a falar ao povo; por exemplo, em Laranda, Evelpis por Neão; em Icônio, Paulino por Celso; em Sínada, Teodoro por Ático, bem-aventurados irmãos nossos. Provavelmente em outros lugares, o mesmo aconteceu, embora não o saibamos.” Foi deste modo que, apesar de ainda jovem, Orígenes, de quem falamos, recebeu esta honra não apenas dos compatriotas, mas ainda de bispos estrangeiros.⁹⁹

19. Demétrio, contudo, chamou-o novamente por carta e incitou-o por intermédio de alguns diáconos a voltar para Alexandria. Ele regressou, e entregou-se aos trabalhos habituais.

Escritos remanescentes dos autores deste tempo

1. Naquele tempo floresciam muitos autores eruditos na Igreja, e as cartas que trocavam entre si conservam-se até hoje e facilmente se obtêm. Foram preservadas até hoje na biblioteca de Aélia, que Alexandre, na ocasião bispo desta Igreja, organizou. Dela recolhemos o material para a presente exposição, reunindo-o num só todo.

2. Entre eles Berilo, bispo de Bostra na Arábia, além das cartas, deixou diferentes obras excelentes. De igual mo-do, Hipólito, que era também bispo de determinada Igreja.

3. Ainda chegou até nós de Caio, homem muito eloqüente, que vivia em Roma no tempo de Zeferino, um *Diálogo* contra Proclo, que disputava em favor da heresia catafrígia. Nesta obra, Caio refreia a temeridade e audácia dos adversários de comporem novas Escrituras; menciona somente treze cartas do santo Apóstolo, não enumerando entre as demais a carta aos Hebreus, visto que, ainda hoje, em Roma pensam alguns não ser da autoria do Apóstolo.

CAPÍTULO 21

Bispos renomados destes tempos

1. Ora, após ter Antonino reinado sete anos e seis meses, sucedeu-lhe Macrino. Morto este último ao fim de um ano, outro Antonino recebeu por sua vez o governo dos romanos. No primeiro ano de seu reinado, faleceu o bispo de Roma, Zeferino, após ter exercido o ministério durante dezoito anos inteiros.

2. Depois dele, Calisto assumiu o episcopado; viveu mais cinco anos, e deixou o ministério a Urbano. O imperador Alexandre, então, herdou o império de Roma, pois Antonino reinou apenas quatro anos. Nesta época ainda, Fileto sucedeu a Asclepiades à frente da Igreja de Antioquia.

3. A mãe do imperador, chamada Maméia, era mulher das mais religiosas. Como a fama de Orígenes ressoava por toda a parte e chegou a seu ouvido, deu grande importância ao favor de vê-lo e comprovar sua inteligência das coisas divinas, de modo geral admirado.

4. Durante sua permanência em Antioquia, mandou chamá-lo por intermédio de soldados de sua guarda. Ele ficou algum tempo junto dela, expondo-lhe grande número de questões para a glória do Senhor e louvor da virtude da doutrina divina. Depois, apressou-se a retomar as ocupações costumeiras.

CAPÍTULO 22

Escritos de Hipólito conservados

Justamente então Hipólito também elaborou muitos outros comentários, além do escrito: *A Páscoa*, que traz uma cronologia até o primeiro ano do imperador Alexandre e propõe a norma de um ciclo de dezesseis anos para a Páscoa. Outras obras que chegaram até nós são as seguintes: *O Hexaemeron*, *Eventos subseqüentes ao Hexaemeron*, *Contra Marcião*, *O Cântico (dos cânticos)*, *Algumas partes de Ezequiel*, *A Páscoa*, *Contra todas as heresias*, e várias outras que é possível encontrar, porque remanescentes na posse de muitos.

CAPÍTULO 23

Zelo de Orígenes

1. Desde então, Orígenes iniciou os *Comentários* às divinas Escrituras. Ambrósio o estimulava não somente com mil exortações e encorajamentos em palavras, mas ainda fornecendo-lhe com largueza os recursos de que necessitava.
2. Efetivamente, mais de sete taquígrafos estavam a seu lado enquanto ditava, alternando-se uns aos outros em horas determinadas. Não eram em menor número os copistas, assim como jovens peritos em caligrafia. Ambrósio fartamente ministrava o indispensável à subsistência de todos; bem mais, participava diligentemente do estudo dos oráculos divinos com inexprimível ardor, mas sobretudo instigava Orígenes a elaborar comentários.
3. Era isso o que acontecia. Depois que Urbano fora bispo da Igreja de Roma durante oito anos, teve Ponciano por sucessor, enquanto Zebeno presidia à Igreja de Antioquia após Fileto.
4. Nesta época, Orígenes, para atender a urgentes negócios eclesiásticos, foi à Grécia, e ao atravessar a Palestina, em Cesaréia, recebeu dos bispos da região a ordenação sacerdotal. A agitação provocada por este motivo em torno dele, as decisões tomadas diante desta agitação pelos chefes das Igrejas, todos os restantes trabalhos realizados em sua maturidade em prol da Palavra divina, exigiria um relatório à parte. Nós o fizemos adequadamente no segundo livro da *Apologia* que escrevemos em seu favor.

CAPÍTULO 24

Comentários que fez em Alexandria

1. Seria necessário acrescentar a tudo isso que, no sexto livro do *Comentário ao Evangelho segundo João*, Orígenes anota que os cinco primeiros livros foram compostos enquanto ele ainda estava em Alexandria. Do trabalho sobre o evangelho inteiro, somente chegaram até nós vinte e dois tomos.
2. No nono livro dos *Comentários sobre o Gênesis* — doze ao todo —, não apenas observa que os anteriores ao nono foram redigidos em Alexandria, assim como os comentários aos primeiros vinte e cinco salmos, os comentários às *Lamentações*, dos quais cinco tomos chegaram até nós, e onde ele relembra os livros *Sobre a ressurreição*, em número de dois.
3. Além disso, escreveu ainda, antes de sua partida de Alexandria os livros *Sobre os Princípios*. Os intitulados *Stromata*, porém, que são dez, foram redigidos na mesma cidade, sob o reinado de Alexandre, conforme demonstram as notas autógrafas no cabeçalho dos tomos.

CAPÍTULO 25

Suas citações das Escrituras canônicas

1. Ao explicar o salmo primeiro, Orígenes apresenta um catálogo das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento, escrevendo literalmente: “Observe-se que os livros do Antigo Testamento, segundo a tradição hebraica, são vinte e dois, número das letras de seu alfabeto”.
2. Em seguida, um pouco mais adiante, prossegue: “Os vinte e dois livros, conforme os hebreus, são os seguintes: O livro a que damos o título de *Gênesis*, entre os hebreus traz inscrito, de acordo com as palavras iniciais: *Bresith*, que significam: “No começo”; *Êxodo*, *Ouellesmoth*, isto é, “Eis os nomes”; *Levítico*, *Ouicra*, isto é, “E ele chamou”; *Números*, *Ammesphencodeim*; *Deuteronômio*, *Elleaddebareim*: “Estas são as palavras”; *Jesus, filho de Navé*, *Iosouebennoun*; *Juízes*, *Rute*, entre eles formam um só livro, *Sophteim*; *Reis* primeiro e segundo livros, entre eles, um só, *Samuel* : “O eleito de Deus”; *Reis*, terceiro e quarto livros, em um só, *Ouammelch David*, isto é: “Reino de (=Rei) Davi”; *Paralipomenos*, primeiro e segundo livros, em um só, *Dabreinamein*, isto é, “Palavras dos dias”; *Esdras*, primeiro e

segundo livros, em um só, *Ezra*, isto é, “Auxiliar”; *Livro dos salmos*, *Spharthelleim*; *Provérbios de Salomão*, *Meloth*; *Eclesiastes*, *Koeleth*; *Cântico dos Cânticos* — e não como alguns julgam, *Cânticos dos Cânticos* —, *Sirassireim*; *Isaías*, *Iessia*; *Jeremias*, com as *Lamentações* e a *Carta* em um só livro, *Ieremia*; *Daniel*, *Daniel*; *Ezequiel*, *Ezechiel*; *Jó*, *Job*; *Ester*, *Esther*. Além destes, os *Macabeus*, intitulados *Sarbethsabanaiel*”.

3. Eis como Orígenes propõe a questão na obra supracitada. No primeiro dos tomos: *Sobre o evangelho segundo Mateus*, ele conserva o cânon eclesiástico e mostra conhecer apenas quatro *Evangelhos*. Escreve o seguinte:

4. “Conforme aprendi da tradição sobre os quatro *Evangelhos*, os únicos também indiscutíveis na Igreja de Deus que há sob os céus, foi escrito em primeiro lugar o evangelho segundo Mateus; este anteriormente fora publicano e depois Apóstolo de Jesus Cristo. Ele o editou para os fiéis vindos do judaísmo, redigindo-o em hebraico.

5. O segundo é o *Evangelho segundo Marcos*, que o escreveu conforme as narrações de Pedro, o qual o nomeia seu filho na *carta católica*, nesses termos: ‘A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho’ (1Pd 5,13).

6. E o terceiro é o *Evangelho segundo Lucas*, elogiado por Paulo (cf 2Cor 8,18-19; 2Tm 2,8; Cl 4,14) e composto para os fiéis provenientes da gentilidade. Enfim, o *Evangelho segundo João*.”

7. No quinto livro dos *Comentários ao Evangelho segundo João*, o mesmo Orígenes declara o seguinte acerca das *Epístolas* dos apóstolos: “Paulo, digno ministro do Novo Testamento, não segundo a letra, mas segundo o espírito, depois de ter anunciado o evangelho desde Jerusalém e suas cercanias até o Ilírico (Rm 15,19), não escreveu a todas as Igrejas que ele havia instruído; mesmo àquelas a que escreveu, enviou apenas poucas linhas.

8. Pedro, sobre quem está edificada a Igreja de Cristo, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno (Mt 16,18), deixou apenas uma carta incontestada, e talvez ainda outra, porém controvertida.

9. Que dizer de João, que reclinou sobre o peito de Jesus (Jo 13,25; 21,20), deixou um evangelho, assegurou ser-lhe possível compor mais livros do que poderia o mundo conter (Jo 21,25), e escreveu o *Apocalipse*, mas recebeu a ordem de se calar e não escrever as mensagens das vozes das sete trombetas? (Ap 10,4)

10. Legou-nos também uma *Carta* de muito poucas linhas e talvez outra e ainda terceira, pois nem todos admitem que estas sejam autênticas; aliás, as duas juntas não abrangem cem linhas.”

11. Finalmente, externa-se da seguinte maneira sobre a *Carta aos Hebreus*, nas *Homilias* proferidas a respeito desta última: “O estilo da epístola intitulada *Aos Hebreus* carece da marca de simplicidade de composição do Apóstolo, que confessa ele próprio ser imperito no falar, isto é, no fraseado (2Cor 11,6); no entanto, a carta é grego do melhor estilo, e qualquer perito em diferenças de redação o reconheceria.

12. Efetivamente, os conceitos da Epístola são admiráveis e em nada inferiores aos das genuínas cartas apostólicas. Há de concordar quem ouvir atentamente a leitura das cartas do Apóstolo.”

13. Mais adiante, adita essas afirmações: “Mas, para exprimir meu próprio ponto de vista, diria que os pensamentos são do Apóstolo, enquanto o estilo e a composição originam-se de alguém que tem presente a doutrina do Apóstolo, e por assim dizer, de um redator que escreve as preleções de um

mestre. Se, portanto, uma Igreja tem por certo que a carta provém do Apóstolo, felicito-a, pois não será sem fundamento que os antigos a transmitiram como sendo da autoria de Paulo.

14. Entretanto, quem escreveu a carta? Deus o sabe. A tradição nos transmitiu o parecer de alguns de ter sido redigida por Clemente, bispo de Roma, outros opinam ter sido Lucas, o autor do *Evangelho e dos Atos*.” Mas, sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 26

Héraclas recebe o episcopado de Alexandria

No décimo ano do supramencionado reinado, Orígenes transferiu-se de Alexandria para Cesaréia e deixou a Héraclas a escola de catequese desta cidade. Pouco depois, morreu Demétrio, bispo da Igreja de Alexandria, tendo completado quarenta e três anos inteiros de ministério. Sucedeu-lhe Héraclas.

CAPÍTULO 27

Parecer dos bispos a seu respeito

Neste tempo ilustrou-se Firmiliano, bispo de Cesaréia da Capadócia. Tinha tal amor a Orígenes que primeiramente o chamou a seu país, em vista do bem das Igrejas; depois, foi passar algum tempo com ele na Judéia para se aperfeiçoar nas coisas de Deus. Além disso, o chefe da Igreja de Jerusalém, Alexandre, e Teoctisto de Cesaréia aderiram constantemente a ele, como único mestre, e permitiram-lhe ocupar-se da interpretação das Escrituras divinas e do restante da doutrina da Igreja.¹⁰⁰

CAPÍTULO 28

Perseguição sob Maximino

Havendo o imperador de Roma, Alexandre, completado treze anos de reinado, sucedeu-lhe Maximino César. Este, por ódio à casa de Alexandre, constituída na maioria de fiéis, suscitou uma perseguição e mandou matar exclusivamente os chefes das Igrejas, enquanto promotores do ensino do evangelho. Então Orígenes compôs o livro “*Sobre o martírio*”, dedicado a Ambrósio e a Protocteto, sacerdote da comunidade de Cesaréia, porque ambos passaram por dificuldades extraordinárias na perseguição. Conta-se terem eles se distinguido pela confissão de fé durante o reinado de Maximino, cuja duração não ultrapassou três anos. Orígenes assinala o tempo desta perseguição no vigésimo segundo livro dos *Comentários sobre o evangelho segundo João* e em várias cartas.

CAPÍTULO 29

Fabiano, bispo de Roma

1. Tendo Gordiano em seguida a Maximino assumido o governo dos romanos, Antero tornou-se o sucessor de Ponciano, bispo da Igreja de Roma durante seis anos; exerceu o múnus durante um mês e substituiu-o Fabiano.

2. Diz-se que Fabiano, depois da morte de Antero, veio do campo com outros companheiros e estabeleceu-se em Roma. Ali, de modo muito extraordinário, através de uma graça divina e celeste, foi por sorte designado bispo.

3. Ao estarem reunidos todos os irmãos para a eleição do que devia assumir o episcopado, veio à mente da maioria o nome de muitos homens célebres e notáveis; ninguém pensara em Fabiano, que se achava presente. Narra-se que de repente desceu do alto do céu uma pomba e pousou na cabeça dele, à

imitação da descida do Espírito Santo sobre o Salvador em forma de pomba (cf. Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22; Jo 1,32).

4. Diante do fato, o povo todo, movido de certo modo por um espírito divino, com um só impulso e uma só alma, exclamou que ele era digno. Sem demora apossaram-se dele e fizeram-no ocupar o trono episcopal. Nesta mesma ocasião, faleceu o bispo Zebeno de Antioquia e Bablas substituiu-o. Em Alexandria, ao receber Héraclas o múnus após Demétrio, na escola de catequese da cidade sucedeu-lhe Dionísio, ele também discípulo de Orígenes.

CAPÍTULO 30

Discípulos de orígenes

Enquanto Orígenes em Cesaréia entregava-se às ocupações habituais, era muito procurado, não apenas pelos habitantes da região, mas inumeráveis estrangeiros abandonavam a pátria para vir escutá-lo. Conhecemos alguns especialmente notáveis: o nosso coetâneo, o célebre bispo Teodoro, que tinha também o apelido de Gregório, e seu irmão Atenodoro. Eram em extremo dados às disciplinas dos gregos e dos romanos. Mas Orígenes inspirou-lhes o amor da filosofia e exortou-os a permutar o primitivo zelo pela aplicação às coisas divinas. Depois de terem vivido em sua companhia cinco anos completos, obtiveram tal melhoria no conhecimento das coisas divinas que, jovens ainda, foram ambos julgados dignos do episcopado de Igrejas no Ponto.

CAPÍTULO 31

Africano

1. Nesta época, era igualmente conhecido Africano, autor da obra intitulada *Cestós*.¹⁰¹ Dele possuímos uma carta endereçada a Orígenes, onde declara duvidar se a história de Suzana do livro de *Daniel* (Dn 13) não seria apócrifa e inventada. Orígenes responde-lhe de maneira prolixa.

2. Do mesmo Africano subsistem outras obras, os cinco livros das *Cronografias*, elaboradas com extrema exatidão. Observa que empreendeu a viagem a Alexandria por causa da ilustre fama de Héraclas, que, segundo dissemos, era muito versado nos estudos filosóficos e nas ciências dos gregos e recebeu o episcopado da Igreja desta cidade.

3. Subsiste ainda outra carta do mesmo Africano a Aristides, a respeito do pretendido desacordo entre as genealogias de Cristo segundo Mateus e Lucas. Nesta carta, afirma claramente a concordância entre os evangelistas conforme uma exposição que chegara até seus dias, a qual oportunamente já incluí no primeiro livro da presente obra.

CAPÍTULO 32

Livros que orígenes comentou

1. Nesta mesma ocasião, exarou Orígenes ainda os *Comentários sobre Isaías*, e ainda os comentários *Sobre Ezequiel*. Destes comentários temos ainda trinta tomos de um terço do livro de Isaías, até a visão dos quadrúpedes no deserto (Is 30,6), e sobre Ezequiel vinte tomos, os únicos que ele fez por inteiro sobre o profeta.

2. Dali partiu para Atenas, onde terminou o comentário a Ezequiel e começou o do Cântico dos cânticos, que abrange até o quinto livro. Depois, de volta a Cesaréia, terminou-o, a saber, até o décimo livro.

3. De que serve agora fazer o catálogo exato de suas obras, merecedoras de peculiar estudo? Aliás, transcrevemos um na vida de Pânfilo, o santo mártir contemporâneo nosso; ao expor qual o zelo de Pânfilo relativamente às coisas de Deus, reproduzimos as listas da biblioteca dos livros de Orígenes¹⁰² e de outros autores eclesiásticos, por ele organizada. Por meio destes catálogos, será possível a qualquer um conhecer de maneira completa os remanescentes trabalhos de Orígenes. Agora, demos prosseguimento a nossa história.

CAPÍTULO 33

Erro de Berilo

1. Berilo, citado um pouco mais acima, bispo de Bostra na Arábia, transgredindo normas eclesiásticas, procurava introduzir opiniões alheias à fé e ousava afirmar que nosso Salvador e Senhor não preexistira em substância própria antes de seu advento ao meio dos homens, nem possuía divindade própria, mas apenas nele habitava a divindade paterna.

2. Então, enquanto grande número de bispos mantinha com ele discussões e diálogos, Orígenes também foi convocado. Primeiro, conferenciou com ele, tentando apreender seu modo de pensar; depois, ciente do que ele asseverava, corrigiu as noções pouco ortodoxas, convenceu-o por meio de argumentos, restabeleceu-o na verdade dos ensinamentos e reconduziu-o à primitiva e sã doutrina.

3. Até hoje temos os escritos de Berilo e as atas do sínodo convocado por sua causa, que abrangem o conjunto das perguntas que lhe fez Orígenes, os diálogos mantidos na comunidade, isto é, tudo o que se realizou naquela oportunidade.

4. E nossos presbíteros nos transmitiram também, sobre Orígenes, a notícia de mil outros fatos, que julgamos melhor omitir, visto não corresponderem à meta deste trabalho. Tudo, porém, que era necessário saber a respeito dele, é possível recolher na *Apologia* elaborada conosco por Pânfilo, o santo mártir coetâneo nosso, em defesa de Orígenes e cuidadosamente feita em trabalho conjunto, por causa dos oponentes.

CAPÍTULO 34

Acontecimentos sob Filipe

Gordiano finalizou seu reinado em Roma após seis anos completos. Filipe sucedeu-lhe no poder juntamente com seu filho, Filipe. Diz-se que este último era cristão e na última vigília de Páscoa quis participar com o povo das orações na igreja, mas o celebrante não lhe permitiu entrada antes de fazer a confissão e inscrever-se na categoria dos pecadores, no lugar dos penitentes. De outra forma, se não o fizesse o imperador, jamais seria acolhido pelo presidente, devido às numerosas acusações dos adversários. Diz-se que ele se submeteu de bom grado, mostrando pelas ações a sinceridade e a piedade de suas disposições, no temor de Deus.

CAPÍTULO 35

Dionísio sucede a Héraclas

No terceiro ano de seu império, Héraclas morreu após ter chefiado durante dezesseis anos as Igrejas de Alexandria. Dionísio, então, assumiu o episcopado.

CAPÍTULO 36

Outros escritos de Orígenes

1. Nessa época, como também era natural, com a propagação da fé e o livre e geral anúncio da doutrina cristã, diz-se que Orígenes, que atingira mais de sessenta anos, e estava muito habituado a falar em consequência de seu longo preparo, permitiu a estenógrafos anotarem suas preleções proferidas em público, enquanto anteriormente jamais o havia autorizado.

2. Ainda na mesma ocasião, escreveu os oito livros em resposta ao escrito contra nós do epicúrio Celso, intitulado *Discurso verdadeiro*, os vinte e cinco tomos: *Sobre o evangelho segundo Mateus*, e os livros: *Sobre os doze profetas*, dos quais encontramos apenas vinte e cinco.

3. Dele ainda temos uma carta ao próprio imperador Filipe, e outra a sua esposa Severa e várias endereçadas a diversos correspondentes. Todas as que pudemos recolher, conservadas separadamente em posse de particulares, nós as reunimos em volumes especiais, preservando-as de ulterior dispersão. Ultrapassam o número de cem.

4. Escreveu também a Fabiano, bispo de Roma, e a grande número de outros chefes de Igrejas a respeito de sua ortodoxia. Encontram-se extratos dessas cartas no sexto livro da *Apologia* que escrevemos acerca de Orígenes.

CAPÍTULO 37

Divergência dos árabes

Apareceram ainda, na Arábia, no tempo a que nos referimos, introdutores de uma doutrina alheia à verdade. Asseveravam que a alma humana neste mundo, no momento final provisoriamente morre com o corpo, e com ele se corrompe, mas no futuro, por ocasião da ressurreição, com ele reviverá. Então, foi convocado um importante concílio. Orígenes novamente foi chamado, e após ter discursado perante a assembléia sobre a questão disputada, saiu-se de tal forma que alterou o modo de pensar dos que primeiramente haviam sido iludidos.

CAPÍTULO 38

Heresia dos elquesaítas

Nessa oportunidade, a heresia dita dos elquesaítas¹⁰³ introduziu uma doutrina perversa, mas que se extinguiu logo no início. Orígenes a menciona numa homilia proferida diante da assembléia, sobre o salmo 82, nos seguintes termos: “Atualmente, apareceu alguém a se gabar de poder ensinar uma doutrina atéia, das mais ímpias, denominada dos elquesaítas, que há pouco levantou oposição às Igrejas. Expor-vos-ei os erros disseminados por tal doutrina, a fim de não vos deixardes arrastar. Recusa certas passagens de cada parte da Escritura, adota entretanto extratos do Antigo Testamento e dos evangelhos, rejeita totalmente os ditos do Apóstolo. Afirma ser indiferente a apostasia, e o homem refletido renegar somente de boca impellido pela necessidade, mas não de coração. Apresentam eles ainda um livro que asseguram ter caído do céu. Quem o escutar e acreditar receberá a remissão dos pecados, remissão diversa daquela concedida por Jesus Cristo.”

CAPÍTULO 39

Acontecimentos sob Décio

1. Filipe reinou por sete anos e teve Décio por sucessor. Este, como odiava Filipe, suscitou contra as Igrejas uma perseguição,¹⁰⁴ no decurso da qual Fabiano consumou em Roma o martírio e Cornélio

sucedeu-lhe no episcopado.

2. Na Palestina, Alexandre, bispo da Igreja de Jerusalém, mais uma vez em Cesaréia compareceu, por causa de Cristo, perante os tribunais governamentais; e tendo-se distinguido em segunda confissão, coroado por uma vigorosa velhice e venerandas cãs, sofreu a pena do encarceramento.

3. Após ter prestado perante os tribunais do governador brilhante e ilustre testemunho e morrido na prisão, Mazabanes foi designado seu sucessor no episcopado, em Jerusalém.

4. Em Antioquia, Bablas, analogamente a Alexandre, após a confissão morreu na prisão, e Fábio foi posto à frente da Igreja do lugar.

5. Quais e quão grandes foram os sofrimentos de Orígenes durante a perseguição, como ele encontrou uma saída, enquanto o maligno demônio com todo o seu exército atacava-o à vontade e contra ele lutava empregando todo o seu poder e todos os seus artifícios e investia particularmente contra ele de preferência a todos os que então eram combatidos; quais e quantos foram os suplícios que Orígenes suportou por causa da palavra de Cristo, cadeias e torturas corporais, suplícios pelo ferro, suplícios nas profundezas das prisões; como, durante numerosos dias, teve os pés nos cepos até o quarto buraco e foi ameaçado de ser lançado ao fogo; como corajosamente enfrentou tantas outras provas infligidas pelos inimigos, qual o resultado de tudo isso, pois o juiz se empenhava zelosa e absolutamente por não lhe tirar a vida;¹⁰⁵ finalmente, quantas palavras deixou, repletas de idéias proveitosas para os necessitados de reconforto — tudo isso as inumeráveis cartas que escreveu abrangem de modo simultaneamente verídico e exato.

CAPÍTULO 40

O que sucedeu a Dionísio

1. No tocante a Dionísio,¹⁰⁶ referi, conforme sua carta a Germano, o que ele conta a respeito de si mesmo. É o seguinte: “Falo diante de Deus e ele sabe que não minto (Gl 1,20). Não foi por decisão própria, mas pelo auxílio de Deus que fugi.

2. Já antes, ao ser decretada a perseguição de Décio, Sabino imediatamente mandou um comissário espião procurar-me, e eu, durante quatro dias, fiquei em casa, esperando a chegada do comissário. Ele, contudo, percorria todos os lugares onde suspeitava que me escondera ou por onde podia andar, explorando-os: as estradas, os rios, os campos; atingido de cegueira, não encontrava a casa onde eu estava. Efetivamente, não imaginava que, perseguido, eu permanecesse em casa.

3. Depois do quarto dia, havendo recebido ordem de fugir da parte de Deus, que me conduziu miraculosamente, pesarosos, eu, meus filhos e muitos irmãos, partimos juntos. Demonstraram os fatos subseqüentes, quando talvez tenhamos sido úteis a alguns, que tudo fora obra da Providência divina.”

4. Em seguida, após algumas observações, revela o que lhe sucedeu após a fuga, acrescentando o seguinte: “Eu, porém, ao pôr-do-sol, tendo sido preso pelos soldados simultaneamente com meus companheiros, fui levado para Taposíris. Timóteo, contudo, por ação da Providência divina, ocasionalmente lá não se achava e não foi detido; mas, havendo chegado mais tarde, encontrou a casa vazia, guardada pelos servos; quanto a nós, havíamos sido levados prisioneiros”.

5. Mais adiante, diz: “E como se desenrolou o admirável plano de Deus? A verdade seja dita. Timóteo, muito perturbado, fugiu. Um camponês encontrou-o e interrogou qual a razão daquela pressa.

6. Ele confessou a verdade, e o outro, ao ouvi-lo — ia para uma festa de núpcias, pois é costume desta gente passar a noite inteira nessas reuniões —, logo que chegou, contou o fato aos convivas. Estes, num salto, como a um sinal dado, se levantaram todos, e, correndo, rapidamente chegaram; caíram sobre nós, aos gritos. Como os soldados que nos vigiavam logo fugiram, eles se aproximaram de nós, nas condições em que estávamos, estendidos nos leitos sem cobertas.

7. “Eu, porém, Deus o sabe, pensando no início que se tratava de ladrões que haviam vindo roubar e pilhar, fiquei deitado; estava despido, só com uma veste de linho, e ofereci-lhes o restante de minhas vestes que estavam perto de mim. Eles me ordenaram que me levantasse e saísse o mais depressa possível.

8. E então, entendendo por que eles ali estavam (cf. Mt 26,50), pus-me a gritar, a rogar e suplicar que fossem embora e nos deixassem; e se quisessem fazer uma boa ação, a meu ver, se antecipassem aos que me haviam prendido e me cortassem a cabeça.

Enquanto eu assim gritava, conforme sabem meus companheiros que participaram dos fatos, levantaram-me à força. Eu, contudo, deitei-me no chão de costas, mas eles arrastaram-me pelas mãos e os pés, carregando-me para fora.

9. As testemunhas de tudo isso, Caio, Fausto, Pedro e Paulo me seguiram; carregando-me, conduziram-me rapidamente para fora da aldeia e fazendo com que montasse a pêlo num burro, levaram-me.” Tal a narrativa de Dionísio sobre seu caso.

CAPÍTULO 41

Mártires na própria Alexandria

1. O mesmo Dionísio, na carta a Fábio, bispo de Antioquia, descreve da seguinte forma os combates dos mártires em Alexandria, sob Décio: “A perseguição aqui não começou apenas desde a promulgação do edito imperial, mas o precedeu de um ano inteiro. Tomou a dianteira o mago nesta cidade, maléfico como era; agitou e sublevou contra nós a turba dos pagãos, incentivando os usos supersticiosos regionais.

2. Por ele excitados, julgaram lícito exercer a impiedade e começaram a pensar ser a única religião o culto dos demônios que consistia no morticínio dos cristãos.

3. Prenderam em primeiro lugar um ancião chamado Metras e ordenaram-lhe repetir palavras atéias. Como ele não obedecesse, feriram-lhe o corpo com bastonadas, furaram-lhe o rosto e os olhos com canas pontiagudas; depois levaram-no a um arrabalde e o apedrejaram.

4. Depois, levaram certa fiel, denominada Quinta, ao templo dos ídolos para obrigá-la a adorar. Ela recusou e demonstrou horror. Amarraram-na então pelos pés, e arrastaram-na por toda a cidade sobre o duro pavimento, jogando-a contra pedras de moinho, e surrando-a simultaneamente; depois conduziram-na ao mesmo lugar supracitado e a apedrejaram.

5. Em seguida, todos unanimemente se precipitaram contra as casas dos fiéis, e cada qual lançava-se sobre os vizinhos, seus conhecidos; roubavam e pilhavam. Eram arrebatados os objetos mais preciosos dos tesouros; os de menor valor e os de madeira eram jogados fora e queimados nas estradas, de sorte que Alexandria apresentava o espectáculo de uma cidade tomada por inimigos.

6. Os irmãos retiravam-se e fugiam; suportavam com alegria a pilhagem de seus bens, como aqueles acerca dos quais Paulo prestou testemunho (Hb 10,34). E não sei se algum, exceto um talvez que caiu em suas mãos, até agora tenha renegado o Senhor.

7. Mas também se apoderaram de Apolônia, virgem já idosa, extremamente admirável. Depois de lhe tirarem todos os dentes batendo no maxilar, levantaram uma fogueira diante da cidade e ameaçaram queimá-la viva, se não repetisse as ímpias fórmulas. Ela, porém, recusou brevemente; depois, recuando um pouco, lançou-se com vivacidade no fogo e foi consumida.

8. Ainda prenderam Serapião em sua casa, infligiram-lhe duros suplícios, partiram-lhe as articulações dos membros, e o jogaram do aposento superior, de cabeça para baixo. Não havia estrada, nem passagem, nem atalhos acessíveis, nem de dia nem de noite; sempre e em toda parte gritavam todos: Quem não pronunciar as palavras blasfemas, seja imediatamente morto e queimado.

9. Durante muito tempo perdurou a mesma violência; logo, porém, a revolução atingiu os malvados e uma guerra civil fez refluir sobre eles a crueldade que haviam empregado contra nós. Pudemos respirar um pouco porque eles não tinham mais tempo de se encolerizar contra nós. Mas, em breve chegou a notícia de mudança do reinado, que se nos mostrara mais benevolente, e propagou-se grande apreensão pelas ameaças contra nós acumuladas.

10. Efetivamente, foi promulgado o edito. Quase idêntico ao conteúdo das predições mais terríveis de nosso Senhor, de sorte a escandalizar, se possível, mesmo os eleitos (cf. Mt 24,8-10.24).

11. Ora, todos foram tomados de pavor. Muitos, porém, dos que estavam mais em evidência imediatamente compareceram ao tribunal: uns amedrontados; outros, funcionários, obrigados por suas funções públicas; outros ainda entregues por seus conhecidos. Chamados nominalmente, aproximavam-se dos ímpios e sacrificios, uns, pálidos e trêmulos, não aparentavam ser sacrificadores, e sim vítimas prestes a ser imoladas aos ídolos. Eram acolhidos pelos risos zombeteiros da plebe circunstante e evidenciava-se que eram inteiramente covardes, quer para morrer, quer para sacrificar.

12. Outros acorriam mais resolutamente aos altares, assegurando com ousadia que jamais haviam sido cristãos. Sobre eles é bem verídica a profecia do Senhor de que dificilmente se salvarão (Mt 19,23; Mc 10,23; Lc 18,24). Dos restantes, imitavam alguns a estes últimos, enquanto os demais fugiam.

13. Alguns eram aprisionados, e dentre estes, uns, após cadeias e prisões, ou até depois de vários dias encarcerados, por fim abjuravam, antes mesmo de comparecerem perante o tribunal; outros suportavam por algum tempo as torturas, mas desistiam de ir até o fim.

14. Todavia, as sólidas e felizes colunas do Senhor (cf. Gl 2,9), por ele corroboradas, da fé firme que possuíam hauriram força e segurança condignas e proporcionadas, e fizeram-se testemunhas admiráveis de seu reino (cf. At 28,23; Ap 1,9).

15. A primeira destas foi Juliano; sofria de gota e não podia ficar de pé, nem andar; foi conduzido com dois outros que o carregavam. Um deles logo renegou, mas o outro, que tinha o nome de Cronião e o sobrenome de Eunous, e o velho Juliano confessaram o Senhor; montados em camelos, foram levados através de toda a cidade que, como o sabeis, é muito grande, enquanto eram chicoteados; finalmente, cercados de todo o povo, foram queimados com cal viva.

16. Um soldado achava-se junto deles enquanto eram levados e opunha-se aos injuriadores. Entretanto, esses gritavam, e o assaz valoroso cavaleiro de Deus, Besas, foi conduzido ao tribunal; depois de se ter assinalado na grande luta em prol da piedade, teve a cabeça cortada.

17. Outro ainda, natural da Líbia, Macário, verdadeiramente feliz pelo nome e a bênção de Deus, depois que o juiz lhe fez longa exortação em prol da apostasia, não se deixou convencer e foi

queimado vivo. No seguimento destes, Epímaco e Alexandre, tendo permanecido por muito tempo nas cadeias e suportado mil sofrimentos, pentes de ferro e flagelos, foram também regados com cal viva.

18. Com eles, quatro mulheres e a santa virgem Amonarião, que o juiz torturou por muito tempo com muito insistência, porque ela declarara previamente que nada haveria de proferir do que ele lhe mandasse, manteve a promessa e foi conduzida à morte. Quanto às outras, a veneranda anciã Mercúria, e Denise, mãe de muitos filhos, mas que os não havia preferido ao Senhor, o juiz teve vergonha de as torturar ainda sem resultado e ser vencido por mulheres; morreram pela espada, mas sem passar pela provação das torturas, porque Amonarião, que havia combatido em primeiro lugar, as suportara por todas elas.

19. Heron, Ater e Isidoro, egípcios, e com eles, um juvenzinho de mais ou menos quinze anos, Dióscoro, foram entregues. O juiz primeiramente empenhou-se em seduzir o adolescente com palavras; julgava poder enganá-lo sem dificuldade, e constrangê-lo por torturas, e que docilmente cedesse, mas Dióscoro não obedeceu nem cedeu.

20. Quanto aos outros, mandou dilacerá-los ferozmente, e como resistissem, entregou-os também ao fogo. A Dióscoro, que se ilustrara publicamente e respondera com grande sabedoria a suas perguntas em particular, o juiz admirado o despediu, dizendo que em consideração a sua idade concedia-lhe prazo para mudar de opinião. E agora Dióscoro, com grande mérito diante de Deus, está conosco, tendo subsistido para luta mais prolongada e recompensa mais abundante.

21. Certo Nemesião, ele também egípcio, foi denunciado falsamente como morador em companhia de bandidos. Havendo-se livrado junto do centurião desta calúnia bastante estranha, foi acusado como cristão e compareceu em cadeias perante o governador. Este, muito injusto, infligiu-lhe torturas e flagelos duas vezes mais que aos ladrões, depois entre ladrões mandou queimá-lo e o bem-aventurado assim foi honrado de conformidade com a morte de Cristo.

22. Um contingente completo de soldados, Amão, Zenão, Ptolomeu, Ingenes e com eles o velho Teófilo achavam-se diante do tribunal. Realizava-se o julgamento de um cristão, já propenso à apostasia. Os que estavam mais perto dele rangiam os dentes, faziam sinais com a cabeça, estendiam as mãos, gesticulavam com o corpo.

23. Todos se voltaram para seu lado, mas antes que algum dentre eles fosse preso de outro modo, eles se apressaram a subir o degrau, declarando-se cristãos, de sorte que o governador e seus assessores se assustaram; os que estavam sendo julgados mostraram-se cheios de coragem a respeito do que deviam padecer e os juízes tiveram medo. E os soldados saíram solenemente do tribunal, alegrando-se com seu testemunho. Deus os fazia triunfar gloriosamente (cf. 2Cor 2,14).

CAPÍTULO 42

Outros mártires lembrados por Dionísio

1. Outros, em grande número, em cidades e aldeias, foram estraçalhados pelos pagãos. Citarei um deles, para exemplificar. Irquirião era mercenário e administrava os bens de um dos magistrados. Seu empregador ordenou-lhe que sacrificasse; ele não obedeceu e foi insultado; persistiu e foi ultrajado; resistindo ainda, um grande bastão foi-lhe enterrado no ventre e nas entranhas, e ele morreu.

2. Que dizer da multidão dos que erravam pelos desertos e pelos montes, atingidos pela fome e pela sede, o frio glacial, as doenças, os salteadores, as feras? Os sobreviventes são testemunhas de sua eleição e de sua vitória. Contarei um fato que sirva de comprovação.

3. Queremão, bispo da cidade chamada Nilópolis, era muito velho. Tendo fugido para o deserto da Arábia com sua consorte, não regressou, e os irmãos, apesar de muitas buscas, jamais conseguiram revê-los, nem encontraram os seus cadáveres.
4. Muitos, na mesma montanha da Arábia, foram reduzidos à escravidão por bárbaros sarracenos; entre estes, uns foram resgatados com dificuldade, e por elevado preço; os outros até agora não foram redimidos. Não é ocioso ter narrado isto, irmão; assim podes conhecer as terríveis provas que nos atingiram. Aqueles, porém, que as experimentaram, sabem muito mais.”
5. Em seguida, linhas adiante, prossegue: “Deste modo, nossos santos mártires, agora sentados ao lado de Cristo, partícipes de seu reino, que julgam com ele e com ele proferem a sentença (Ap 20,4; 1Cor 6,6), tornaram-se os protetores de alguns dos irmãos lapsos, que deviam prestar contas sobre a acusação de sacrifício; verificando sua conversão e penitência e considerando que esta poderia ser aceitável àquele que absolutamente não quer a morte do pecador, mas seu arrependimento (cf. Ez 18,23; 33,1ss; 2Pd 3,9), eles os acolheram, congregaram, reuniram e participaram de suas orações e refeições.
6. “O que, portanto, irmãos, nos aconselhais a respeito deste assunto? O que fazer? Estar de acordo com eles e partilhar o parecer dos mártires? Manter seu julgamento e seu perdão? Portar-nos-emos favoravelmente para com aqueles de quem eles se compadeceram, ou ao invés haveremos de considerar injusta sua decisão e apresentarmo-nos quais censores de sua opinião? Lastimaremos sua bondade e revogaremos suas ordens?”

CAPÍTULO 43

Vida de Novato e sua heresia

1. Eis o que expôs com razão Dionísio, levantando a questão dos lapsos no tempo da perseguição. Entretanto, Novato, sacerdote da Igreja de Roma, cheio de orgulho, ensinava que para eles não havia mais esperança de salvação, mesmo se empregassem todos os meios em vista de uma conversão sincera e uma confissão pura. Fez-se chefe de uma heresia particular, cujos partidários adotaram a denominação de puros, seguindo seu soberbo modo de pensar.
2. Por sua causa, convocou-se um grande concílio em Roma. Contava sessenta bispos¹⁰⁷ e ainda um número maior de presbíteros e diáconos; nas províncias, os pastores examinaram em particular, conforme cada região, o que importava fazer. Foi tomada uma decisão geral. Fossem considerados fora da comunhão da Igreja, Novato, simultaneamente com os que se rebelaram com ele, e adotaram a opinião antifraterna e inteiramente desumana de Novato. Relativamente aos irmãos que haviam caído na infelicidade, era preciso tratá-los e curá-los pelos remédios da penitência.
3. Chegou até nós uma carta de Cornélio, bispo de Roma, a Fábio, bispo da Igreja de Antioquia. Registra os atos relativos ao concílio romano e o que foi decidido pelos bispos da Itália, da África, e daquela região; há também cartas, compostas em latim, de Cipriano e seus colegas da África, nas quais fica demonstrado que também eles eram de opinião ser necessário socorrer os que caíram na tentação e banir a justo título da Igreja católica o chefe da heresia e igualmente todos os que se deixaram arrastar por ele.
4. Nesta carta havia anexa outra de Cornélio acerca do que aprovou ao concílio e ainda outra sobre o que se havia realizado sob a influência de Novato. Nada impede citar trechos desta carta, a fim de que os leitores fiquem informados a esse respeito.

- 5.** Cornélio fornece a Fábio informações sobre a conduta de Novato e escreve exatamente o seguinte: “Quero falar-te a fim de te tornares ciente de que este homem espantoso há muito ambicionava o episcopado, conservando oculto seu ardente desejo, ignorado pelos demais, porque tinha junto de si, desde o começo, para esconder sua estultície, alguns confessores.
- 6.** Máximo, presbítero dos nossos, e Urbano, que obtiveram, todos os dois, bela glória por meio da confissão, bem como Sidônio e Celerino, que suportou, com a maior firmeza, toda espécie de torturas, graças à misericórdia de Deus, fortificou a fraqueza da carne pelo vigor de sua fé, e energicamente venceu o adversário — todos estes chegaram a conhecer bem Novato, descobrindo a maldade e duplicidade nele existentes, seus perjúrios, suas mentiras, seu caráter intratável, sua amizade lupina. Regressaram ao seio da santa Igreja e revelaram em presença de muitos, bispos, presbíteros e leigos, os artifícios e as más ações que ele longamente ocultara. Gemiam e lamentavam-se por se terem deixado convencer por esta fera astuta e maléfica e por terem durante certo tempo abandonado a Igreja.”
- 7.** Algumas linhas mais abaixo, declara: “Que inconcebível transformação, meu caro irmão, que mudança constatamos operar-se nele em curto prazo. Pois este homem brilhante, que persuadia por juramentos terríveis que absolutamente não ambicionava o episcopado, de repente, como que projetado no meio de nós por um sortilégio, apresentou-se investido do episcopado.
- 8.** Efetivamente, este dogmatizador, esse defensor da doutrina da Igreja, quando decidiu arrebatá-lo e extorquir o episcopado que não lhe fora outorgado do alto, escolheu dois partidários, já sem esperança da própria salvação, e enviou-os a uma pequena e insignificante localidade da Itália para enganar três bispos, homens rústicos e muito simples, por meio de argumentos capciosos assegurando firmemente e sustentando com energia que eles deviam ir logo a Roma a fim de fazer cessar, servindo de mediadores, qualquer dissensão com os outros bispos.
- 9.** Ao chegarem lá os bispos, simples demais para perceberem planos malignos e astúcias, conforme acabamos de dizer, foram cercados por alguns indivíduos semelhantes a Novato e por ele atemorizados. À décima hora, estando os bispos embriagados e aturdidos pela saciedade, Novato obrigou-os à força a lhe dar o episcopado por meio de uma simulada e vã imposição das mãos. Este episcopado, ele o reivindica por astúcia e dissimulação, uma vez que não lhe compete.
- 10.** Pouco tempo depois, um daqueles bispos voltou à Igreja, lastimando e confessando seu pecado. Nós o acolhemos em comunhão entre os leigos, pois o povo presente intercedia por ele. Dos outros bispos, ordenamos sucessores que enviamos às sedes de onde provinham.
- 11.** Não sabia, por acaso, tal defensor do evangelho que numa comunidade católica deve haver um só bispo? Nela, ele não o ignorava (e como poderia ignorar?), existem quarenta e seis presbíteros, sete diáconos, sete subdiáconos, quarenta e dois acólitos, cinquenta e dois exorcistas, leitores e porteiros, mais de mil e quinhentas viúvas e indigentes, todos sustentados pela graça e pelo amor aos homens de seu Senhor.
- 12.** Mas, nem multidão tão grande de tal modo necessária na Igreja que, pela Providência divina, constitui número elevado e superabundante, povo imenso e incontável, fez com que desistisse da ignorância e desalento, e regressasse à Igreja.”
- 13.** Ainda aditou, após outras observações: “Muito bem! Digamos agora em que obras e atitudes baseado, ousou pretender o episcopado. Seria por ter, desde o começo, estado no seio da Igreja, por ter

sustentado em seu favor muitos combates, por ter sido cercado de numerosos e grandes perigos em prol da religião? Mas, absolutamente, isso não aconteceu!

14. O ponto de apoio de sua confiança é Satanás, que dele se acercou e nele habitou por considerável espaço de tempo. Foi socorrido pelos exorcistas quando caiu em grave doença, e julgando-se prestes a morrer, no próprio leito onde jazia, recebeu o batismo por infusão, se é possível afirmar que tal homem o recebeu.

15. No entanto, curou-se e nem assim recebeu o restante, de que devia participar segundo as normas da Igreja e não foi assinalado pelo bispo. Privado de tudo isso, como teria recebido o Espírito Santo?”

16. Mais adiante, prossegue: “Por covardia e por apego à vida, no tempo da perseguição, negou que era presbítero. De fato, diante do convite e exortação dos diáconos a que saísse do local onde se encerrara, a fim de socorrer os irmãos conforme deve um presbítero, à medida do possível, assistir a irmãos em perigo, necessitados de reconforto, longe de atender às exortações dos diáconos, foi-se embora e afastou-se encolerizado. Declarou que não queria mais ser presbítero, pois estava encantado com outra filosofia”.

17. Após alguns acréscimos, apõe essas palavras: “Este homem ilustre, portanto, abandonou a Igreja de Deus, onde acreditara e fora honrado com o sacerdócio, graças ao bispo que lhe impusera as mãos e o pusera na fileira dos presbíteros, apesar da oposição de todo o clero e até mesmo de muitos leigos, pois não era lícito a quem, estando doente e acamado, recebera o batismo por infusão, conforme lhe acontecera, ser promovido a qualquer ordem clerical; mas o bispo pedira lhe fosse permitido por exceção ordená-lo”.

18. Em seguida, acrescenta ainda algo, um dos mais graves despropósitos de Novato, nesses termos: “Pois, ao fazer a oblação e distribuir a cada qual a sua parte, entrega-a obrigando os infelizes a jurar em vez de dar graças. Tomando com as duas mãos as mãos daquele que recebe a eucaristia, não as solta antes que ele tenha prestado o juramento, com os seguintes dizeres (conforme suas próprias palavras): ‘Jura-me pelo sangue e o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo que jamais haverás de abandonar-me para regressar ao partido de Cornélio’.

19. E o pobre homem não comunga se primeiro não o amaldiçoar; ao receber aquele pão, em vez de responder: ‘Amém’, ele assegura: ‘Não voltarei ao partido de Cornélio’.”

20. Após outras anotações, escreve ainda o seguinte: “Agora notifico que ele foi abandonado e despojado de tudo; os irmãos cada vez mais se afastam dele e retornam à Igreja. Também Moisés, o bem-aventurado mártir que recentemente prestou aqui um belo e admirável testemunho, enquanto estava ainda na terra, verificando sua audácia e estultície, excomungou-o com cinco presbíteros que simultaneamente se haviam separado da Igreja.

21. E no final da carta, apresenta a lista dos bispos presentes em Roma que haviam condenado a estupidez de Novato; indica, ao lado dos nomes, a comunidade que governava cada um deles;

22. menciona igualmente os que, ausentes de Roma, deram assentimento por carta aos votos dos precedentes, trazendo seus nomes, os das cidades às quais pertencia cada um deles e de onde escrevia. São estas as informações de Cornélio a Fábio, bispo de Antioquia.

Narrativa de Dionísio sob Serapião

1. A este mesmo Fábio, um tanto propenso ao cisma, escreve também Dionísio de Alexandria. Trata, nas cartas que lhe dirigiu, de muitas questões, entre outras da penitência, e narra os combates recentes daqueles que haviam prestado testemunho em Alexandria. Conta especialmente um fato maravilhoso, que é necessário transmitir nesta obra. Ei-lo:
2. “ Exporei apenas um exemplo do que aconteceu aqui. Havia entre nós certo Serapião, ancião fiel, que durante muito tempo vivera de forma irrepreensível, mas se tornara lapso no decurso da provação. Ele pedia freqüentemente perdão, mas ninguém lhe dava atenção, pois havia sacrificado. Tendo caído doente, ficou três dias seguidos sem fala e inconsciente.
3. No quarto dia, como estivesse um pouco melhor, chamou seu neto e disse: ‘Até quando, meu filho, me reténs? Peço-te, apressa-te a me desatar. Chama-me um sacerdote’. Tendo proferido essas palavras, perdeu novamente a voz.
4. O menino correu até a casa do sacerdote; era noite e este estava doente; não podia sair. Mas, como de outro lado eu havia dado ordem de que fosse concedido o perdão aos que estivessem morrendo se o pedissem e sobretudo se antes o houvessem suplicado, a fim de morrerem cheios de esperança, entregou um pedacinho do pão eucarístico ao menino, recomendando que o molhasse e o colocasse na boca do ancião.
5. O menino voltou para casa com a eucaristia. Estando perto, antes de entrar, Serapião voltou de novo a si: ‘Tu vieste, meu filho? O sacerdote não pôde vir, mas faze depressa o que ele ordenou e deixa-me partir’. O menino pôs a eucaristia num líquido e logo o derramou na boca do velho; este ingeriu um gole e imediatamente entregou o espírito.
6. Não se evidencia ter sido conservado em vida e subsistido até ser absolvido, e, apagado seu pecado, em consideração das numerosas boas ações que praticara foi reconhecido por Cristo?” Até aqui a narração de Dionísio.

CAPÍTULO 45

Cartas de Dionísio a Novato

Vejamos o que o mesmo Dionísio também escreveu a Novato, que então perturbava a comunidade romana, por atribuir a culpa da apostasia e do cisma a determinados irmãos que o teriam forçado a chegar a tal ponto. Eis de que modo Dionísio lhe escreve: “Dionísio a seu irmão Novaciano. Saudações! Se foste induzido a contragosto, como dizes, a agir assim, tu o demonstrarás regressando de boa mente. Pois é preferível suportar tudo a dividir a Igreja de Deus, e não é menos glorioso o testemunho prestado para não ocasionar o cisma que o de não sacrificar aos ídolos; a meu ver, é até maior. Efetivamente, nesse caso presta-se o testemunho em favor somente da própria alma; ao invés, no outro é em prol da Igreja inteira. E agora, se por meio de persuasão ou de força podes reconduzir os irmãos à concórdia, essa bela ação sobrepujará teu erro, que não te será mais imputado, enquanto aquela será louvável. E se nada puderes por causa da resistência deles, ao menos salva tua própria alma. Rezo por tua incolumidade; possas usufruir da paz no Senhor”.

CAPÍTULO 46

Outras cartas de Dionísio

1. Assim escreveu Dionísio a Novato. Endereçou ainda uma carta aos egípcios *Sobre a penitência*, com uma explanação de seu parecer sobre os lapsos, após ter enumerado os graus de culpabilidade.
2. Consta ainda haver dele uma carta particular, *Sobre a penitência*, dirigida a Cólon, bispo da comunidade de Hermópolis, e outra de enérgica exortação a seu rebanho de Alexandria. Entre suas cartas encontra-se ainda uma a Orígenes, *Sobre o martírio*, outra aos irmãos de Laodicéia, cujo bispo era Telmidres, e igualmente a endereçada aos irmãos da Armênia, onde Meruzanes era bispo, *Sobre a penitência*.
3. Além disso, escreveu também a Cornélio de Roma, de quem recebera uma carta contra Novato. Assinala aí com clareza que foi convidado por Heleno, bispo de Tarso na Cilícia, e por outros que estavam de seu lado, Firmiliano da Capadócia e Teoctisto da Palestina, a encontrar-se com eles no concílio de Antioquia, onde alguns tentavam consolidar o cisma de Novato.
4. Ademais, escreve que recebeu notícia da morte de Fábio e de ter sido Demetriano designado para suceder-lhe no episcopado de Antioquia. Ainda do bispo de Jerusalém, fala textualmente: “Alexandre, porém, este homem admirável, que estava aprisionado, entrou felizmente no repouso”.
5. Em seguida, existe a carta de Dionísio aos Romanos, *Do ministério dos diáconos*, enviada por meio de Hipólito; redige ainda outra aos mesmos, *Sobre a paz*, e igualmente *Sobre a penitência* e também outra aos confessores deste país, ainda adeptos da opinião de Novato; depois, dentre eles, a dois outros, que se haviam convertido à Igreja. Trocava correspondência com muitos, deixando grande proveito aos que ainda atualmente apreciam suas obras.

[85](#) A perseguição teria começado no décimo ano de Severo, isto é, em 202. O rescrito imperial interditava a propaganda cristã e as conversões ao cristianismo e também o proselitismo judaico. Cf. M. SIMON, *Verus Israel. Étude sur les relations entre les chrétiens et les juifs dans l'empire romain (135-425)*, Paris, 1948, pp. 133-135.

[86](#) O interesse de Eusébio por Alexandria e pelo Egito é por causa de Orígenes, cuja biografia ocupa grande parte desde 6º livro. A narração de sua vida será objeto de panegírico que é a Apologia de Orígenes, redigida pelo presbítero Pânfilo e por Eusébio.

[87](#) Por ocasião da perseguição de Maximino, o Trácio, em 235, Orígenes enviará uma Exortação ao martírio a seus amigos, o diácono Ambrósio e o presbítero Prototeto, que acabavam de ser presos.

[88](#) Eusébio narra uma história já contaminada pela lenda, a história de Potamiena, jovem mártir de Alexandria: enquanto era preparada para o suplício, conseguiu converter o soldado Basíledes que a escoltava e que já tinha sido ouvinte das lições de Orígenes. Com sua mãe, Potamiena é besuntada de pixe fervente e queimada viva. Poucos dias depois, Basíledes se proclama cristão. É preso por sua vez. Em sonho vê pousar-lhe sobre a cabeça a coroa do martírio, faz-se batizar na prisão e no dia seguinte é decapitado. No Martirológio jeronimiano os três mártires são comemorados em 28 de junho. No martirológio romano, em 30 de junho.

[89](#) Não havia ainda lei eclesiástica para interditar a ordenação dos eunucos. Sabe-se que o eunuco Melitão era bispo de Sardes. Mas depois de Adriano, as leis civis interditavam sob as penas mais graves a castração, e se estranha que a Igreja jamais a tenha permitido a seus filhos. Cf. H. LECLERCQ, “Castration”, em *Dictionnaire d'archéologie et de liturgie*, t.II, 2; 2369-2372. Mais tarde, o próprio Orígenes lamentou sua mutilação, cf. *In Matth. comment.*, XV, 3; P.G. XIII, 1257.

[90](#) Frequentemente as narrativas atribuem a revelação a nomeação de bispo. Narciso, devido a sua idade, faz praticamente figura de bispo honorário. Na realidade, é Alexandre quem governa a cristandade de Jerusalém, mas a comunidade reza simultaneamente pelos dois bispos.

[91](#) Indagam os historiadores se este Domno não era judeu convertido ao cristianismo, que, por causa da perseguição, teria abjurado sua nova fé, retornando ao judaísmo ou a alguma heresia judaizante, ou a uma seita gnóstica aparentada com o judaísmo.

[92](#) “Malgrado suas tendências docetistas, o Evangelho de Pedro não é obra de seita e não poderia ser ligado a nenhum dos grandes sistemas da gnose judaizante ou cristã. É fruto do cristianismo popular. Seu autor parece ter sido um destes cristãos comuns cuja fé nem sempre é guiada por uma doutrina firme”, L. VAGANAY, *L'Évangile de Pierre*. Paris, 1930, p. 112: 117-118.

[93](#) Os docetas são gnósticos para quem Jesus não tem corpo real. Visto que a matéria é o princípio do mal, Jesus não podia se encarnar. Seu corpo, portanto, era aparente. Cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op. cit., pp. 27-44.

[94](#) A anterioridade de Moisés sobre os filósofos pagãos é argumento comum nas apologéticas judaica e cristã. A passagem mais clara se lê em Clemente de Alexandria, nos *Estromateis*: “... De todos estes e de muita antecedência o mais antigo é o povo judeu; e que a filosofia dos judeus, consignada na Escritura, precede no tempo a filosofia grega, o vem demonstrando com muitas provas o

pitagórico Filão e também Aristóbulo, o peripatético” (*Strom.* I, 15,72, 2-5).

[95](#) A estada de Orígenes em Roma deve ter se dado por volta de 212. Por Jerônimo, sabe-se de um único incidente desta estada: a presença de Orígenes numa homilia pregada por santo Hipólito. A viagem de Orígenes e seu desejo de ver a “antiga Igreja de Roma” não se explicaria, segundo os defensores da romanidade, se a Igreja de Roma não fosse vista desde então como gozando de autoridade particular.

[96](#) Os “côla” são porções de textos, equivalentes ao período de um discurso. *Héxaplas*, como seu nome indica, comportava seis colunas reproduzindo o texto hebraico em caracteres hebraicos, o texto hebraico transcrito em caracteres gregos, a versão dos Setenta, depois a versão de Áquila, de Símaco e de Teodocião. Nas *Tétraplas*, a Escritura em quatro colunas, os dois textos hebraicos eram deixados de lado. O manuscrito original das *Héxaplas* permanece na biblioteca de Cesaréia, e, segundo as aparências, não foi jamais copiado na sua integridade, embora não restem hoje senão fragmentos deste imenso trabalho.

[97](#) Acerca dos ebionitas, cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op.cit., pp. 19-22.

[98](#) Pelos fins do século III, Porfírio compôs uma obra volumosa, em 15 livros, *Contra os cristãos*, muito lida, na época e freqüentemente refutada. Cf. P. de LABRIOLLE, *La réaction païenne. Étude sur la polémique antichrétienne du Ier ao VI siècles*. Paris, 1934, pp. 223-296. Porfírio recrimina, especialmente, aos cristãos, o fato de alegorizar as passagens que os incomodam e de manter o valor histórico de outras; no entanto, ele mesmo não deixa de alegorizar os mitos helênicos.

[99](#) As normas relativas à pregação variavam segundo as igrejas. O que era normal na Palestina e na Ásia Menor era inaudito na África. Ainda no fim do séc. IV, os sacerdotes não pregavam na igreja na África. Agostinho foi um dos primeiros a fazê-lo como padre de Hipona. Em Roma, acontecia o mesmo ainda no século V: a homilia era reservada só ao bispo.

[100](#) Orígenes se transferiu definitivamente em Cesaréia da Palestina e abriu ali uma escola e pregou inúmeras homilias. Quando Maximino promulga a perseguição, Orígenes deixa a cidade e passa dois anos, de 235-237, em Cesaréia da Capadócia, onde recebeu a hospitalidade de Juliana, da qual se falou acima em VI, 17.

[101](#) Júlio Africano elaborava uma compilação enciclopédica da qual só restam numerosos fragmentos. *Cestes* é inteiramente profana, nada tem de eclesiástico, nem mesmo é ortodoxa. Cf. J.R. VIEILLEFOND, *Jules Africain, Fragments des Cestes, provenant de la collection des tacticiens grecs, édités avec une introduction et des notes critiques*, Paris, 1932.

[102](#) Este catálogo elaborado por Eusébio foi perdido. Contudo, uma cópia parcial que são Jerônimo fez na *Carta 33* a Paula assinala mais ou menos 800 livros de Orígenes, enquanto a lista de Eusébio contava 2000. Talvez Eusébio distinguísse nesta lista duas coisas diferentes: uma lista de todas as obras escritas por Orígenes e um catálogo da sua biblioteca pessoal.

[103](#) Eusébio se engana situando o nascimento do elquesaísmo por volta de 245-250. Na verdade, esta heresia começou pelo ano 100. A documentação sobre a seita deve-se sobretudo a santo Hipólito, por sua obra *Philosophoumena*, que foi, em Roma, o testemunho de renascimento da pregação elquesaíta, não sob a forma primitiva, mas sob forma cristianizada. Orígenes conheceu esta segunda versão.

[104](#) A verdadeira causa da perseguição de Décio foi o desejo de restaurar as tradições romanas. Pel primeira vez, o cristianismo é o objeto de medida geral que devia ser aplicada em todo o império. O edito apareceu no começo de 250.

[105](#) Orígenes sobreviveu a todos estes suplícios e foi posto em liberdade. Esgotado por estas terríveis provas, permaneceu enfraquecido sem ter tido a felicidade de dar sua vida pelo testemunho de Cristo, morrendo pouco tempo depois, ao que tudo indica, em Cesaréia da Palestina. Uma tradição recontada por Jerônimo, sobre os homens ilustres, 54, e retomada por Fócio, diz que ele morreu em Tiro, onde, por muito tempo, se mostrava seu túmulo.

[106](#) A partir deste capítulo, a principal fonte de informação de Eusébio são as *Cartas* de Dionísio de Alexandria.

[107](#) Este número indica a difusão do cristianismo na Itália por volta do meio do século III. Pode-se crer, sem exagero, que neste momento havia uma centena de bispos na Itália. Harnack, a partir deste cap. 43,11, conclui sua reflexão afirmando que a cristandade romana, nesta época, podia contar por volta de 30 mil fiéis. Outros estimam 50 mil sobre uma população romana de um milhão de habitantes. Cf. HARNACK, A., *Mission und Ausbreitung*, 4ª ed., t. II, p. 805ss. Sobre a organização do clero romano, Id., *ibid.*, pp. 860-866 e L. DUCHESNE, *Le Liber Pontificalis*, t. I, p. 148; *Origines du culte chrétien*, 2ème éd., p. 331.

LIVRO SÉTIMO

CAPÍTULO 1

Perversidade de Galo e Décio

O reinado de Décio não perdurou dois anos inteiros e ele, com seus filhos, logo foi executado. Sucede-lhe Galo. Nessa ocasião, morre Orígenes, tendo completado seu sexagésimo nono ano. Ora, Dionísio, ao escrever a Hermamão, declara a respeito de Galo o seguinte: “Mas nem Galo reconheceu a maldade de Décio, nem tomou precauções ante o mal que o havia derrubado, mas tropeçou na mesma pedra que estava diante de seus olhos (cf. Mt 21,44; Lc 20,18). Estando próspero seu reinado e os negócios de acordo com seus desejos, expulsou os homens santos que intercediam junto de Deus por sua incolumidade e pela paz. Em conseqüência, com eles expulsou também as orações proferidas em seu favor”. Isto, relativamente a Galo.

CAPÍTULO 2

Bispos de Roma sob esses imperadores

Na cidade de Roma, tendo Cornélio exercido por uns três anos o episcopado, Lúcio foi escolhido para seu sucessor. Este praticou o ministério pouco menos de oito meses, e após sua morte foi o múnus transmitido a Estêvão. A este último escreveu Dionísio a primeira de suas cartas sobre o batismo. Nesta ocasião estava sendo agitada importante questão: Devia-se purificar pelo batismo os que se convertiam de qualquer heresia? Vigorava o costume, efetivamente antigo, de usar apenas para tais casos uma oração acompanhada de imposição das mãos.

CAPÍTULO 3

Cipriano, primeiro bispo a emitir a opinião da necessidade do batismo para os convertidos

Entre os bispos deste tempo, Cipriano, pastor da comunidade de Cartago, mais que todos julgava não ser lícito acolher senão aqueles que previamente fossem purificados de seus erros pelo batismo. Mas Estêvão, pensando que não se devia introduzir inovações fora da tradição em vigor desde os primórdios, ficou intensamente irritado contra ele.

CAPÍTULO 4

Quantas cartas escreveu Dionísio acerca desta questão

Dionísio, portanto, depois de extensamente se entender com ele sobre o assunto por carta, mostrou-lhe finalmente que, uma vez terminada a perseguição, as Igrejas em toda parte rejeitaram as novidades de Novato e recuperaram a paz entre si. Escreve o seguinte:

CAPÍTULO 5

Paz após a perseguição

1. “Levo a teu conhecimento, irmão, que as Igrejas do Oriente e outras ainda mais distantes, outrora divididas, acham-se agora unidas; os bispos por toda parte têm iguais sentimentos e alegram-se em

extremo com a paz alcançada contra toda expectativa: Demetriano em Antioquia, Teoctisto em Cesaréia, Mazabanes em Aélia, Marino em Tiro, pois Alexandre já morreu; Heliodoro em Laodicéia, onde Telemidro faleceu; Heleno em Tarso e todas as Igrejas da Cilícia, Firmiliano e toda a Capadócia. Menciono nominalmente apenas os bispos mais célebres, a fim de não prolongar a carta e não causar tédio com muitas palavras.

2. A Síria inteira e a Arábia, que socorrestes em todas as circunstâncias e às quais acabais de escrever, a Mesopotâmia, o Ponto, a Bitínia, numa palavra, todos em toda parte, alegram-se pela concórdia e caridade fraterna, glorificando a Deus.”

3. São palavras de Dionísio. Tendo Estêvão exercido o ministério durante dois anos, sucedeu-lhe Sisto. Dionísio, ao escrever-lhe segunda carta sobre o batismo, expõe o parecer e a sentença de Estêvão e também dos demais bispos. Sobre Estêvão diz o seguinte:

4. “Ora, anteriormente ele havia escrito a respeito de Heleno, de Firmiliano e de todos os bispos da Cilícia e da Capadócia, e sem dúvida também dos bispos da Galácia e de todos os povos circunvizinhos, que não estaria mais em comunhão com eles, pelo único motivo, dizia, de rebatizarem os hereges.

5. Pondera a importância da questão! Na realidade havia, sobre este assunto, decisões tomadas nas maiores assembleias de bispos, conforme soube; os recém-vindos das heresias, previamente catequizados, eram rebatizados e purificados da mancha do antigo e impuro fermento (cf. 1Cor 5,7). E a respeito de todas essas questões, escrevi rogando com instância.”

6. Mais adiante, declara: “E a nossos queridos co-presbíteros, Dionísio e Filêmon, que inicialmente partilhavam a opinião de Estêvão e me haviam escrito sobre o assunto, respondi primeiro em poucas palavras e agora acabo de fazê-lo mais amplamente”. Tudo isso sobre a questão agora ventilada.

CAPÍTULO 6

Heresia de Sabélio

Na mesma carta, anota sobre hereges sabelianos, influentes nesta época. Assevera o seguinte: “Recentemente surgiu uma doutrina em Ptolemaida da Pentápole, doutrina ímpia e sumamente blasfema contra o Deus todo-poderoso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 2Cor 1,3; Ef 1,3; 1Pd 1,3), doutrina assaz incrédula sobre seu Filho único, primogênito de toda criatura (Cl 1,15), o Verbo que se fez homem, doutrina completamente insensata contra o Espírito Santo. Das duas partes, vieram-me documentos e os irmãos queriam trocar idéias comigo. Transmitem como foi possível, com o auxílio de Deus, alguns ensinamentos, expondo-os de modo melhor. Envio-te cópias”.

CAPÍTULO 7

Erro abominável dos hereges

1. Na terceira carta sobre o batismo, escrita a Filêmon, sacerdote de Roma, acrescenta o mesmo Dionísio o seguinte: “Eu, também, tomei conhecimento das obras e das tradições dos hereges; durante algum tempo, manchei a alma com suas abomináveis cogitações, mas daí retirei a vantagem de refutá-las no meu íntimo e sentir horror tanto maior.

2. Na verdade, um irmão dentre os presbíteros tirou-me do meio deles, apavorado como estava de verme revolvendo no lodo daquela malícia e manchar minha alma. Percebi que ele falava a verdade e uma visão¹⁰⁸ da parte de Deus me fortificou.

3. Veio uma voz a ordenar expressamente nesses termos: ‘Toma nas mãos tudo o que encontrares, pois és capaz de regular e examinar todas as coisas, e isto será para ti inicialmente motivação para a fé’. Acolhi a visão, conforme a palavra apostólica endereçada aos mais fortes: ‘Sede cambistas prudentes’.
4. Em seguida, havendo proferido algumas palavras sobre todas as heresias, adita: “Ora, recebi esta regra e norma de nosso bem-aventurado papa¹⁰⁹ Héraclas. Os recém-vindos das heresias e que sem dúvida haviam apostatado da Igreja, ou antes, os que não se haviam separado, aparentando unidos a ela, porém se haviam manchado, filiando-se a mestres heterodoxos, ele os expulsava da Igreja e não lhes atendia o postulado antes de haverem declarado publicamente o que tinham ouvido entre os adversários e então, acolhia-os na assembléia, sem exigir novo batismo; efetivamente dele outrora haviam recebido *o que é santo*” (cf. Mt 7,6).
5. De novo, depois de ter largamente desenvolvido o problema, acrescenta: “Soube ainda que não foi só agora e apenas pelos bispos da África que este uso foi introduzido, mas bem antes, no tempo dos nossos predecessores, nas Igrejas mais numerosas e nos sínodos dos irmãos em Icônio, Sínada e vários outros lugares, foi adotada essa medida. Não ousou opor-me a tal decisão e lançá-los em disputas e rivalidades, pois diz a Escritura: ‘Não deslocarás as fronteiras do teu vizinho, colocadas pelos antepassados’ ” (Dt 19,14).
6. A quarta de suas cartas sobre o batismo foi escrita a Dionísio de Roma, então revestido do sacerdócio e que, pouco depois, tornou-se bispo dos fiéis desta Igreja. Nesta carta, percebe-se que Dionísio de Alexandria atesta ser ele eloqüente e admirável. Mais adiante, lembrando o caso de Novato, emprega essas expressões:

CAPÍTULO 8

Heterodoxia de Novato

“Temos, de fato, razão de detestar Novaciano, que dividiu a Igreja e arrastou certos irmãos às impiedades e blasfêmias, introduzindo um ensinamento muito ímpio acerca de Deus, e acusando falsamente nosso tão bondoso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Pd 2,3; Mt 11,30), de ser impiedoso. Além disso, suprimiu o santo batismo, provocou confusão na fé e na profissão que o precedem, e expulsou inteiramente o Espírito Santo dos que o haviam recebido, mesmo quando ainda havia esperança de sua permanência neles, ou de sua volta.”¹¹⁰

CAPÍTULO 9

Batismo ímpio dos hereges

1. A quinta de suas cartas foi escrita ao bispo de Roma, Sisto. Faz muitas declarações contra os hereges e expõe os eventos de sua época, nos seguintes termos: “De fato, irmão, tenho verdadeiramente necessidade de teu conselho, de perguntar qual o teu parecer uma vez que tal questão foi-me apresentada e tenho receio de me enganar.

2. Havia, efetivamente, entre os irmãos reunidos, um homem considerado fiel desde muito. Antes de minha sação, e acredito que até mesmo antes da instalação do bem-aventurado Héraclas, participava das reuniões e, estando perto dos batizando, escutava as perguntas e as respostas. Ele se aproximou de mim chorando, lamentando-se e caindo a meus pés, declarava e jurava que o batismo que recebera entre os hereges não era este, nada de comum tinham entre si, mas era cheio de impiedades e blasfêmias.

3. Afirmava ter agora a alma cheia de compunção, e sentia-se sem coragem de erguer os olhos para Deus (Lc 18,13), tendo sido iniciado por palavras e ritos sacrílegos; em consequência disso, pedia esta purificação, acolhida e graça genuínas.
4. Mas não ousei agir assim, dizendo-lhe ser suficiente a comunhão que tivera durante tantos anos. Com efeito, tinha ouvido as palavras da eucaristia, tinha respondido juntamente o *Amém* (1Cor 14,16), estivera de pé diante da mesa e estendera as mãos para receber este santo alimento, havia recebido por muito tempo o corpo e o sangue de nosso Senhor e deles participara; eu não teria ousado refazer a iniciação. Ordenei-lhe que tivesse coragem e se adiantasse, com fé firme e esperança segura, à participação das coisas santas.
5. Ele, contudo, não parava de chorar; tremia ao pensamento de se aproximar da mesa santa e, apesar das insistências, mal suportou participar das orações.
6. Além das supramencionadas, existe ainda uma carta do mesmo sobre o batismo, dirigida em seu nome e no da comunidade por ele presidida a Sisto e à Igreja de Roma; ali se estende com forte demonstração sobre a questão disputada. Existe igualmente, além desta, outra a Dionísio de Roma, a respeito de Luciano. Sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 10

Valeriano e sua perseguição

1. Ora, Galo e seus sócios nem por dois anos completos ocuparam o poder e foram mortos. Sucessores no governo foram Valeriano e seu filho Galiano.
2. Ainda Dionísio narra sobre o assunto o que se depreende da carta a Hermamão, na qual deste modo se exprime: “Isto foi revelado de modo semelhante a João: ‘Foi-lhe dada uma boca para proferir palavras insolentes e blasfêmias, e também poder para agir durante quarenta e dois meses’ (Ap 13,5).
3. Mas há duas atitudes que causam pasmo em Valeriano. Principalmente considere-se a atitude primitiva, como era amável e benévolo para com os servos de Deus. Efetivamente, nenhum dos imperadores precedentes fora tão bem disposto e acolhedor para com eles; até mesmo os imperadores de que se dizia terem abertamente se tornado cristãos não os atendiam com a intimidade e amizade manifestas que Valeriano inicialmente demonstrou, pois a sua corte se enchia de homens piedosos e era uma igreja de Deus.
4. Mas seu mestre, chefe das sinagogas dos magos do Egito, persuadiu-o a se desembaraçar deles. Empenhou-se, de um lado, em matar e perseguir os homens inócuos e santos, quais adversários e obstáculos a seus encantamentos inteiramente infames e abomináveis. De fato, eles são e eram capazes, por sua presença, seu olhar e até mesmo apenas com o sopro e o som da voz, de arruinar os artifícios dos demônios malignos. Doutro lado, aconselhou-o a realizar iniciações impuras, práticas criminosas de feitiçaria, cerimônias religiosas reprovadas pela divindade, degolar crianças infelizes, sacrificar filhos de pais miseráveis, rasgar as entranhas dos recém-nascidos, cortar e retalhar criaturas de Deus, como se isso pudesse tornar feliz alguém.”
5. Ainda acrescenta as seguintes palavras: “Belas, efetivamente, as ofertas de ação de graças de Macriano, no intuito de obter o cobiçado império. Ele, que anteriormente era denominado procurador geral do imperador, nada calculou de razoável e de geral; mas tombou segundo a maldição profética: ‘Ai dos profetas insensatos, que andam segundo o seu próprio espírito e nada vêem’ (Ez 13,3).

6. Com efeito, nem entendeu a Providência universal, nem teve temor do julgamento daquele que é antes de tudo, em tudo e acima de tudo (cf. Ef 4,6; Cl 1,17). Deste modo tornou-se inimigo da Igreja universal, estranho e alheio à misericórdia de Deus, afastado o mais possível da própria salvação. E assim realizou o significado de seu nome próprio.”
7. Após outras notas, diz ainda: “Ora, Valeriano por ele induzido a tomar essas medidas, viu-se entregue aos insultos e zombarias, segundo a palavra de Isaías: ‘Todos eles escolheram os seus próprios caminhos; sua alma se deleitou nas suas abominações! Também eu zombarei deles e trarei sobre eles aquilo de que têm pavor por causa de seus pecados’ (Is 66,3-4).
8. Macriano, apesar de absolutamente indigno, tinha a mania de obter o império. Como não podia revestir as insígnias imperiais por ser estropiado, colocou à frente seus dois filhos, onerados dos pecados paternos. Evidentemente realizou-se neles a profecia feita por Deus: ‘Vingo a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que me odeiam’ (Ex 20,5).
9. Seus próprios maus desejos irrealizáveis, incutiu-os na mente dos filhos, imprimindo neles a malignidade e o ódio a Deus.” Sobre Valeriano tal é a descrição de Dionísio.

CAPÍTULO 11

Acontecimentos atinentes a Dionísio

1. Quanto à perseguição que soprou violentamente sob esse príncipe, e o próprio Dionísio suportou, em companhia de outros, por causa da piedade para com o Deus do universo, revelam-no as próprias palavras dirigidas a Germano, um dos bispos seus contemporâneos, que tentava difamá-lo. Explica o seguinte:
2. “Incorro no perigo de incidir realmente em grande loucura e insensatez, constrangido pela necessidade (cf. 2Cor 11,1, 17,21; 12,6.11) de expor o admirável plano de Deus para conosco. Mas, uma vez que diz a Escritura: ‘é bom manter oculto o segredo do rei; porém, é justo revelar as obras de Deus’ (Tb 12,7) enfrentarei o ataque de Germano.
3. Não fui sozinho à presença de Emiliano, mas estava acompanhado do co-presbítero, Máximo, e dos diáconos, Fausto, Eusébio, Queremão; igualmente entrou conosco um dos irmãos de Roma, que se achava presente.
4. Emiliano não me disse logo em primeiro lugar: ‘Não faças reuniões’. Pois, em sua opinião, era ocioso e secundário; mas foi diretamente ao fim. Não disse, portanto, que não reunisse a outros, mas que deixássemos, nós mesmos, de ser cristãos; ordenou que desistíssemos, julgando que, se eu mudasse de opinião, os outros também me seguiriam.
5. Respondi, porém, brevemente e a propósito, ser *‘preciso obedecer antes a Deus que aos homens’* (At 5,29), e diante dele prestei testemunho de que eu adorava o único Deus que existe e a nenhum outro, não mudaria no modo de pensar e jamais desistiria de ser cristão. Então, ele nos ordenou que nos retirássemos para uma aldeia contígua ao deserto, chamada Kephro.
6. Mas ouvi as próprias palavras de ambos os lados, conforme constam das atas: ‘Tendo mandado entrar Dionísio, Fausto, Máximo, Marcelo e Queremão, Emiliano, na qualidade de governador, disse: ‘Informei-vos oralmente acerca da generosidade de nossos senhores para convosco.
7. De fato, eles vos ofereceram a possibilidade de escapar se quiserdes voltar ao que é segundo a natureza, adorar os deuses protetores do império e conseqüentemente esquecer os costumes contrários

a esta mesma natureza. Que dizeis diante de tudo isto? Espero, portanto, que não sereis ingratos a seus sentimentos humanitários, visto que vos exortam a praticar o que é melhor.’

8. Dionísio replicou: ‘Nem todos adoram todos os deuses, mas cada qual adora aqueles nos quais acredita. Nós, portanto, veneramos e adoramos o Deus único, criador do universo, o mesmo que concedeu o império aos amados de Deus, Valeriano e Galieno Augustos, e é a ele que rezamos incessantemente pelo império, a fim de permanecer inabalável’.^{[111](#)}

9. Emiliano, na qualidade de governador, lhes disse: ‘Ora, se ele é Deus, quem vos impede de adorá-lo juntamente com os deuses segundo a natureza? Pois recebestes ordem de venerar os deuses, deuses que todos reconhecem’. Dionísio respondeu: ‘Nós não adoramos a nenhum outro’.

10. Emiliano, na qualidade de governador, falou-lhes: ‘Vejo que sois simultaneamente ingratos e insensíveis à benevolência de nossos Augustos. Em consequência disso, não ficareis nesta cidade, mas sereis enviados às partes da Líbia, ao lugar denominado Kephro. Escolhi este lugar, obedecendo ao mandamento de nossos Augustos. Jamais vos será lícito, nem a vós, nem a outros fazer reuniões ou entrar nos locais chamados cemitérios.’^{[112](#)}

11. Se, de outro lado, algum de vós aparecer fora do lugar que determinei ou for descoberto em reunião, por si mesmo expõe-se ao perigo. Prestai, portanto, a devida atenção. Retirai-vos, pois, para o lugar aonde fostes mandados.’ Embora eu estivesse doente, ele obrigou-me a partir, sem conceder nem o prazo de um dia. Ora, que tempo teria eu de convocar ou não uma assembléia?” Em seguida, após algumas observações, acrescentou:

12. “No entanto, com o auxílio do Senhor, nem mesmo nos vimos privados da assembléia do Senhor; pois, de um lado, convoquei os que estavam na cidade, com grande zelo, como se estivesse no meio deles: ‘Ausente de corpo, mas presente em espírito’, segundo a Escritura (1Cor 5,3); doutro lado, em Kephro, uniu-se a nós avultado grupo de irmãos da cidade, que nos acompanharam, e outros vindos do Egito.

13. Ali também Deus abriu uma porta à palavra divina (cf. Cl 4,3). Primeiro, fomos perseguidos e atacados a pedradas; mais tarde, contudo, grande número de pagãos abandonou os ídolos e voltou-se para Deus (cf. At 14,15; 1Ts 1,9). Foi a primeira vez que, por nosso intermédio, ela foi semeada entre eles (cf. Lc 8,11.13), pois anteriormente não haviam recebido a palavra.

14. E como se apenas para isso Deus nos conduzira ao meio deles, terminado esse ministério (At 12,25), ele de novo nos deslocou. Com efeito, parece que Emiliano quis transferir-nos para lugares mais agrestes e mais líbicos e fazer com que de todas as partes nos congregássemos em Mareotes,^{[113](#)} destinando a cada qual uma aldeia da região. Quanto a nós, preferiu que ficássemos pela estrada, como se devêssemos ser os primeiros a ser detidos. Evidentemente, tudo havia disposto e preparado a fim de que, se quisesse nos prender, estivéssemos ao alcance da mão.

15. Mas, ao receber ordem de partir para Kephro, eu ignorava onde se situava o lugar, pois mal ouvira anteriormente tal nome; entretanto, parti com coragem e sem perturbar-me. Ao ser, porém, anunciado que devia trocar pela região de Kolluthion, os presentes sabem quais foram as minhas disposições. Vou acusar-me a mim mesmo.

16. Inicialmente, fiquei abatido e muito irritado; pois se tais lugares nos eram mais conhecidos e familiares, dizia-se estar a região desprovida de irmãos e homens honestos, e que, além disso achava-se exposta às aflições causadas pelos viajantes e incursões de bandidos.

17. Encontrei, contudo, certo alívio ao me lembrarem os irmãos que constituía local mais próximo da cidade. Enquanto Kephro nos havia facilitado encontros numerosos com os irmãos do Egito, de sorte que podíamos ter assembleias mais vastas, ali, mais perto da cidade, veríamos mais freqüentemente os que nos eram realmente caros, parentes e amigos. Eles, de fato, vinham e demoravam-se conosco. E como nos arrabaldes mais distantes, seriam realizáveis ali assembleias parciais. Foi o que aconteceu.”

18. Após alguns assuntos, escreveu ainda o seguinte, acerca dos acontecimentos que lhe advieram: “Germano se gaba de numerosas confissões de fé e tem muito o que contar de suas adversidades. Tanto quanto pode enumerar a nosso respeito: condenações, confiscos, proscições, espoliação de bens (cf. Hb 10,34), perda das dignidades, desprezo da glória mundana, desdém de elogios da parte dos governadores, dos senadores, e paciência diante de ameaças dos adversários, de gritos hostis, perigos, perseguições (cf. Rm 8,35), vida errante, penúria, aflições múltiplas, como me sucedeu sob Décio e Sabino e até o presente, sob Emiliano.

19. Onde apareceu Germano? Que se conta a respeito dele? Mas renuncio à grande insensatez em que incidi (cf. 2Cor 12,11) por causa de Germano; omito, portanto, uma narração minuciosa do que me aconteceu para irmãos cientes dos fatos.”

20. O mesmo Dionísio, na carta a Domécio e a Dídimos, ainda menciona os eventos durante a perseguição, nos seguintes termos: “Seria ocioso levantar o catálogo dos nomes dos nossos, numerosos, porém de vós desconhecidos; cientificai-vos, contudo, de que homens e mulheres, jovens e velhos, moças e velhas, soldados e civis, de todas as camadas sociais e idades, uns pelos flagelos e o fogo, outros pela espada, vitoriosos nos combates, alcançaram as coroas.

21. O longo prazo, contudo, não foi suficiente para demonstrar que alguns são aceitáveis ao Senhor, e até hoje, provavelmente, nem para mim. Devo estar reservado para melhor oportunidade, somente conhecida de quem asseverou: ‘No tempo favorável, eu te ouvi, e no dia da salvação vim em teu auxílio’ (Is 49,8; 2Cor 6,2).

22. Uma vez que desejais notícias a nosso respeito e de nossa maneira de viver, certamente ouvistes contar como fomos aprisionados por um centurião e magistrados oficiais, com seus soldados e guardas subalternos, eu, Caio, Fausto, Pedro e Paulo. Sobrevieram, porém, alguns de Mareotes, e nos arrebataram a contragosto; e como não os seguíamos, arrastaram-nos à força.

23. Agora, somente eu, Caio e Pedro, isolados dos outros irmãos, estamos encerrados num lugar deserto e ermo da Líbia, e distamos três dias de marcha de Paretônio.”

24. E um pouco mais adiante, acrescenta: “Na cidade acham-se escondidos sacerdotes que ocultamente visitam os irmãos: Máximo, Dióscoro, Demétrio, Lúcio; mas os mais conhecidos no mundo, Faustino e Áquila, estão errantes pelo Egito. Os diáconos, porém, sobreviventes dentre os que morreram na epidemia, são Fausto, Eusébio e Queremar. Quanto a Eusébio, trata-se daquele que, desde o começo, Deus fortaleceu (1Tm 1,12) e preparou para servir corajosamente os confessores no cárcere, e cuidar, incorrendo em perigo, da mortalha dos corpos dos perfeitos e bem-aventurados mártires.

25. Efetivamente, conforme acima disse, o governador até agora não cessa de mandar matar cruelmente os que são levados perante ele, ou de dilacerar por torturas, ou de esgotá-los nas prisões e cadeias; e ordena que ninguém os visite, velando cuidadosamente para que ninguém apareça. Entretanto Deus, através do zelo e da perseverança dos irmãos, envia alívio aos aflitos.”

26. Até aqui, Dionísio. É bom saber que Eusébio, a quem Dionísio denomina diácono, foi nomeado um pouco mais tarde bispo de Laodicéia na Síria; Máximo, que ele diz ser então presbítero, recebe, em seguida ao próprio Dionísio, o múnus entre os irmãos de Alexandria; Fausto, que, nesta oportunidade, se destacou com ele pela confissão, subsistiu até a perseguição de nossa época, velho e repleto de dias (cf. Gn 25,8), mas agora foi decapitado e consumou a vida pelo martírio. Eis o que sucedeu a Dionísio naquele tempo.

CAPÍTULO 12

Mártires de Cesaréia

Na mencionada perseguição de Valeriano, três homens se destacaram em Cesaréia da Palestina pela confissão de Cristo e foram ornados com divino martírio, tendo-se tornado sustento das feras. Deles, o primeiro se chamava Prisco, o segundo Malco, e o terceiro tinha o nome de Alexandre. Conta-se que moravam no campo e primeiro incriminaram-se a si mesmos de negligência e descuido, por fazerem pouco caso da recompensa, distribuída pelas circunstâncias aos inflamados de desejos celestes e por não arreatarem a coroa do martírio. Após tal deliberação, apressaram-se em direção a Cesaréia e juntos compareceram diante do juiz; e chegaram ao termo de que acabamos de falar. Narra-se ainda que além destes, no decurso da mesma perseguição e na mesma cidade, uma mulher sustentou o mesmo combate; a história acrescenta que ela pertencia à heresia de Marcião.

CAPÍTULO 13

Paz sob Galiano

Mas pouco depois, tendo alguns bárbaros reduzido Valeriano à escravidão, seu filho que doravante reinou sozinho, dispôs do poder com mais sabedoria, e logo afrouxou por meio de editos a perseguição contra nós, ordenando por rescrito aos que ministram a palavra que cumprissem suas funções costumeiras em inteira liberdade. O rescrito acha-se assim redigido: “O imperador César Públio Licínio Galiano, Pio, Fortunato, Augusto a Dionísio, Pinna e Demétrio e aos demais bispos. Ordenei que se difundisse através do mundo todo a beneficência de meus dons, de sorte que se desocupassem os lugares de culto e em conseqüência também vós pudésseis aproveitar tranqüilamente o mandamento de meu rescrito, sem que ninguém vos inquietasse. Há muito já vos concedi o que, à medida do possível, é recuperável.¹¹⁴ Por isso Aurélio Quirino, o preposto aos negócios supremos, fará com que se observe a ordem que emiti”. Foi aqui transcrita esta disposição, traduzida do latim para maior clareza. Possuímos do mesmo imperador dirigido a outros bispos outro mandamento, que permite retomarem posse dos lugares chamados cemitérios.

CAPÍTULO 14

Bispos mais em evidência nessa época

Nesta ocasião, Sisto dirigia ainda a Igreja de Roma; em seguida a Fábio, Demetrio dirigiu a de Antioquia; Firmiliano, a de Cesaréia na Capadócia; além disso, Gregório e seu irmão Atenodoro, discípulos de Orígenes, dirigiam as Igrejas do Ponto. Em Cesaréia da Palestina, após a morte de Teoctisto, Domno recebeu o episcopado; tendo este último falecido pouco depois, Teotecno, contemporâneo nosso, sucedeu-lhe. Pertencia também à escola de Orígenes. Mas em Jerusalém, depois da morte de Mazabanes, Himeneu foi seu sucessor na sede durante numerosos anos de nossa época, e muito se ilustrou.

O testemunho de Marino em Cesaréia

1. Na época destes bispos, quando por toda parte reinava a paz nas Igrejas, em Cesaréia da Palestina, Marino, ilustre por altas funções no exército e distinto por raça e fortuna, teve a cabeça cortada em testemunho a Cristo, devido ao seguinte motivo.
2. Entre os romanos, a vara de videira é insígnia de dignidade, e diz-se que aqueles que a obtêm tornam-se centuriões. Havia uma vaga, e a ordem das promoções designava Marino para este grau, e já ia receber a insígnia desta dignidade, quando outro, avançando para o estrado, declarou que não lhe era lícito ter parte numa dignidade romana, segundo as antigas leis, por ser cristão e não sacrificar aos imperadores, mas que a promoção devia reverter para ele próprio.
3. O juiz (chamava-se Aqueus) ficou abalado com a questão. Primeiro perguntou a Marino qual a sua crença. Depois, ao vê-lo confessar com perseverança que era cristão, deu-lhe o prazo de três horas para refletir.
4. Enquanto ele estava fora do tribunal, Teotecno, bispo do lugar, tomou-o à parte, chamou-o para uma conversa e, segurando-o pela mão, levou-o à igreja; uma vez lá dentro, ficou de pé junto dele diante do santuário; e tendo levantado um pouco sua clâmide, mostrou-lhe a espada no flanco; simultaneamente apresentou-lhe o livro dos divinos evangelhos que trouxe e ordenou-lhe que entre os dois escolhesse o que correspondia a sua fé. Sem delongas, Marino estendeu a direita e recebeu a Sagrada Escritura. Disse-lhe então Teotecno: “Apega-te agora, apega-te a Deus, e fortificado por ele, obtém o que escolheste. Vai em paz” (cf. Cl 1,11).
5. Imediatamente saiu dali. O arauto gritava, chamando-o ao tribunal, pois já terminara o prazo. Apresentando-se diante do juiz e tendo demonstrado mais que nunca o ardor de sua fé, logo, tal como estava, foi conduzido à morte e executado.

CAPÍTULO 16

Narrativa concernente a Astírio

Ali igualmente, Astírio tornou-se célebre por sua religiosa ousadia. Ele pertencia ao número dos senadores romanos, era amigo dos imperadores, e conhecido de todos por sua nobreza e riqueza. Estava perto do mártir ao ser consumado o martírio. Colocou-o nos ombros, depôs o cadáver numa mortalha brilhante e preciosa e carregou-o. Depois sepultou-o de modo magnífico e deu-lhe um túmulo conveniente. Dentre seus conhecidos, os que vivem até hoje contam a respeito dele mil outros fatos, entre os quais o seguinte prodígio:

CAPÍTULO 17

A oração de Astírio confunde o demônio

Em Cesaréia de Filipe, que os fenícios denominam Paneas, nas fontes que ali se vêem, ao pé da montanha chamada Paneion, e onde o Jordão tem as nascentes, em determinado dia de festa jogava-se uma vítima imolada e esta, pelo poder do demônio, tornava-se miraculosamente invisível; este fato era considerado uma maravilha por aqueles que o presenciavam. Um dia, porém, Astírio estava presente a esse ato, e vendo a turba impressionada com o feito, teve pena de seu engano; e logo ergueu os olhos para o céu e por Cristo, suplicou ao Deus onipotente (cf. Rm 9,5) que confundisse o demônio, sedutor do povo e fizesse cessar a ilusão desses homens. Diz-se que, enquanto fazia a oração, a vítima logo sobrenadou acima das águas e assim cessou para eles o espanto e nenhum prodígio se produziu

mais neste lugar.

CAPÍTULO 18

Sinais remanescentes em Paneas da atividade do Salvador

1. Uma vez que evoquei a lembrança desta cidade, não considero justo omitir uma narrativa digna de memória até para os pósteros. Com efeito, diz-se ter sido oriunda deste lugar a hemorroíssa que, conforme narram os santos evangelhos, encontrou junto do Senhor a cura de seus males (cf. Mt 9,20ss; Mc 5,25; Lc 8,43). Mostra-se na cidade sua casa, e subsistem admiráveis monumentos da beneficência do Salvador para com ela.
2. Com efeito, sobre um rochedo elevado, diante das portas da casa, ergue-se uma estátua feminina de bronze. Ela tem os joelhos dobrados, as mãos estendidas para a frente, em atitude suplicante. Diante dela há outra estátua da mesma matéria, representando um homem de pé, revestido de duplo manto, que lhe estende a mão; a seus pés, sobre a coluna, parece brotar uma planta estranha que se eleva até as franjas do manto de bronze; é o antídoto de doenças de toda espécie.
3. Assegurava-se que a estátua é imagem de Jesus; ela subsiste ainda até hoje, de sorte que nós a vimos ao visitarmos a cidade.
4. Não é de admirar que outrora pagãos beneficiados por nosso Salvador, a tenham erguido, quando sabemos terem sido preservados ícones pintados em cores dos apóstolos Pedro e Paulo e do próprio Cristo. É natural, pois os antigos, segundo um uso pagão entre eles observado, tinham o costume de honrá-los desta maneira sem preconceitos, quais salvadores. [115](#)

CAPÍTULO 19

O trono de Tiago

Igualmente o trono de Tiago, o primeiro a receber do Salvador e dos apóstolos o episcopado da Igreja de Jerusalém e freqüentemente nas Escrituras é designado como irmão de Cristo (Gl 1,19; 1Cor 15,7; Mt, 13,55), foi conservado até hoje e os irmãos da região sucessivamente o cercaram de cuidados. Deste modo realmente demonstram a todos a veneração que os homens de outrora e os atuais dedicavam e ainda dedicam aos homens santos, porque amados de Deus. Eis o referente a esta questão.

CAPÍTULO 20

Cartas hortativas de Dionísio

Dionísio, além das cartas supramencionadas, redigiu ainda naquele tempo as cartas “hortativas”, que chegaram até nós e exprime-se solenemente acerca da festa de Páscoa. Uma delas é endereçada a Flávio, outra a Domécio e a Dídimo. Na última, propõe como “cânion” um ciclo de oito anos e declara ser conveniente celebrar a festa de Páscoa só depois do equinócio da primavera. Além disso, escreveu aos co-presbíteros de Alexandria, e ainda a diversos correspondentes durante a perseguição.

CAPÍTULO 21

Eventos em Alexandria

1. Mal a paz se restabelecera, ele voltou a Alexandria; mas novamente rebentaram uma revolução e

uma guerra, tornando-se-lhe impossível exercer o múnus episcopal relativamente a todos os irmãos da cidade, divididos como estavam entre um e outro partido da rebelião. Mais uma vez, por ocasião da festa de Páscoa, como se estivesse exilado, da própria cidade de Alexandria dirigiu-lhes uma carta.

2. Depois disso, escreveu também outra carta “hortativa”, a Hierax, bispo dos egípcios, onde menciona a rebelião dos alexandrinos naqueles dias:

“No meu caso, que há de espantoso ser difícil entreter-me mesmo por cartas com os que moram longe, se me é impossível até discutir comigo mesmo e deliberar em minha própria mente acerca do que me toca?

3. De fato, sou forçado a escrever cartas aos que me são visceralmente unidos (Fm 1,10), meus irmãos que habitam a mesma casa, são comigo uma só alma, e membros da mesma Igreja, e é quase impossível remetê-las aos destinatários. Talvez fosse mais fácil tentar atingir não somente nossos limites, mas até viajar do Oriente ao Ocidente do que de Alexandria ir a Alexandria.

4. Efetivamente o vasto e ínvio deserto que Israel percorreu durante duas gerações (Nm 14,23) é menos ilimitado e intransponível que a rua mais central da cidade. Os portos calmos e tranqüilos da cidade tornaram-se imagem do mar que para os israelitas se abriu e ergueu qual muralha, e tornou-se transitável aos carros e cavalos, enquanto na vereda os egípcios submergiam (Ex 14,29). Frequentemente se mostraram semelhantes ao mar Vermelho (Ex 15,4), em consequência dos assassinatos ali cometidos.

5. O rio que atravessa a cidade apareceu mais seco que o deserto sem água e mais árido que aquele em cuja travessia Israel sofreu sede tão intensa (Nm 20,1-11) que Moisés clamou por Deus, o qual sozinho realiza prodígios (Ex 15,11; Sl 76,15; 135,4), e fez brotar de rochedo escarpado água para beber (Sb 11,4);

6. a água transbordou de tal forma que inundou a região circunvizinha, as estradas e os campos, ameaçando causar um dilúvio semelhante ao sobrevivendo no tempo de Noé. Sempre flui manchada de sangue dos morticínios e afogamentos, assim como, no tempo de Moisés, transformou-se para Faraó em sangue e exalava cheiro fétido (Ex 7,20-21).

7. Haveria outra água para servir de ablução à água que tudo purifica? O oceano vasto e imenso se derramaria sobre este mar amargo para purificá-lo? Ou se o grande rio que sai do Éden fizesse desembocar os quatro braços em que se divide apenas no curso do Geon (Gn 2,10ss), poderia purgar o sangue impuro?

8. Ou tornar-se-ia puro o ar poluído pelas exalações infectas vindas de toda a parte? Pois os vapores da terra, os ventos do mar, as brisas dos rios, as emanações dos portos exalam tal odor que o orvalho é a podridão dos cadáveres que se decompõem nos elementos básicos.

9. Ademais, causa admiração e interrogação qual a origem das pestes contínuas, donde as doenças incuráveis, donde as infecções de toda espécie, donde a mortalidade múltipla e variada dos homens. Por que nossa grande cidade não comporta mais, contando-se das criancinhas até velhos avançados em anos, tantos habitantes quantos outrora sustentava de velhos de meia-idade, conforme se dizia. Mas os de quarenta a setenta anos eram de tal forma mais numerosos que este número agora não é atingido pelos que são inscritos e matriculados para a distribuição pública de víveres,¹¹⁶ cuja idade oscila entre quatorze e oitenta anos. Os de aparência mais jovem de certo modo tomaram o aspecto dos que outrora eram os mais velhos.

10. E assim, ninguém estremece, ao ver o gênero humano diminuir na terra e esgotar-se incessantemente, porquanto seu geral desaparecimento aumenta e torna-se cada vez mais próximo!”

CAPÍTULO 22

A epidemia que ali se alastrou

1. Depois disso, tendo a peste substituído a guerra, na proximidade da festa, Dionísio novamente se entretém por carta com os irmãos, denotando os sofrimentos da epidemia nestes termos:

2. “O presente pode não parecer aos demais homens um tempo de festa. Não é, de fato, para eles, nem o que celebramos, nem outro qualquer. Não me refiro aos tristes, mas até aos que talvez estivessem especialmente repletos de alegria. Agora, na verdade, é só lamentação, todos enlutados; os gemidos ressoam na cidade por causa da quantidade de defuntos e dos que morrem diariamente.

3. Na verdade, conforme está escrito sobre os primogênitos dos egípcios, agora ainda, levantou-se ‘grande clamor, pois não havia casa onde não houvesse um morto’ (Ex 12,30); e aprouvesse a Deus que fosse um só! De fato, numerosas e terríveis foram as tribulações precedentes.

4. Primeiramente, fomos expulsos da cidade e os únicos perseguidos, ameaçados de morte por todos; mesmo assim celebramos a festa. Cada lugar de aflição tornou-se lugar de solenidade: campo, deserto, nau, hospedaria e prisão; os mártires consumados celebraram a mais brilhante das festas, tomando parte na ceia celeste.

5. Depois disso, sobrevieram a guerra e a peste, que padecemos em comum com os pagãos, mas sozinhos suportamos os maus-tratos que nos infligiram, e ainda participamos do que eles faziam uns aos outros e do que sofriam. No entanto, mais uma vez alegramo-nos com a paz de Cristo (cf. Jo 14,27), somente a nós outorgada.

6. Após termos obtido, eles e nós, uma pausa muito curta para respirar, a epidemia atual abateu-se sobre nós. Constituiu para eles aflição mais temível que outra qualquer e mais cruel que qualquer tribulação. Segundo um de seus escritores, foi um evento único, além de toda expectativa; para nós, contudo, não foi assim, mas constituiu exercício e prova, em nada menor que as demais; de forma alguma nos poupou, de fato, embora tenha atingido muito os pagãos.”

7. Em seguida, anexa essas palavras: “Nossos irmãos, porém, em sua maioria, num excesso de caridade e amor fraterno, não se poupavam, uniam-se uns aos outros, visitavam sem precauções os doentes, serviam-nos com diligência, dispensavam-lhes cuidados em Cristo e consideravam desejável partir desta vida com eles. Contaminados pela moléstia dos outros, contraíam a peste por contágio dos seus e aceitavam de bom grado as dores. E muitos, depois de terem cuidado e reconfortado os outros, morriam também eles, assumindo morte semelhante. E praticavam realmente o dito vulgar, sempre talvez de pura cortesia, isto é, partiam qual escória dos irmãos (1Cor 4,13).

8. Os melhores de nossos irmãos, portanto, saíam desta vida deste modo. Eram sacerdotes, diáconos, leigos, dignos de grande louvor, pois tal morte, conseqüência de grande piedade e fé robusta, em nada desmerecia do martírio.

9. Recebiam os corpos dos santos com as mãos estendidas e estreitavam-nos no peito; purificavam-lhes os olhos e fechavam-lhes a boca; carregavam-nos nos ombros e sepultavam-nos; pegavam-nos, abraçavam-nos, revestiam-nos, depois de lavá-los; e pouco depois, recebiam os mesmos cuidados. Sempre os sobreviventes continuavam a obra de seus predecessores.

10. O comportamento dos pagãos era inteiramente oposto. Expulsavam os que começavam a adoecer; fugiam dos seus mais queridos; jogavam nas ruas homens semivivos; rejeitavam cadáveres insepultos; fugiam da transmissão e do contato da morte, mas era difícil evitá-la, mesmo àqueles que empregavam todos os meios.”

11. Depois desta carta, restabelecida a paz na cidade, Dionísio enviou ainda aos irmãos do Egito uma carta na festa da Páscoa; e além desta, compôs ainda outras. Atribui-se-lhe uma carta *Sobre o sábado* e outra *Sobre o exercício*.

12. Ainda por carta, entreteve-se com Hermamão e os irmãos do Egito, e narra muitos outros fatos relativos à crueldade de Décio e seus sucessores; menciona também a paz sob Galieno.

CAPÍTULO 23

Reinado de Galieno

1. Nada melhor do que ouvir a narrativa destes fatos: “Este (Macriano), portanto, depois de ter traído um dos imperadores e feito guerra ao outro, logo com toda a sua raça desapareceu de forma radical. E Galieno foi de novo proclamado e reconhecido por todos imperador simultaneamente antigo e novo, tanto antes como depois deles.

2. Efetivamente, segundo o dito do profeta Isaías: ‘As primeiras coisas já se realizaram, agora surgem outras novas’ (Is 42,9; 43,19). Assim como uma nuvem de passagem sob os raios do sol, por um instante obscurece e cobre de sombra o sol, aparece em lugar dele, mas depois passa, ou dissolve-se em chuva enquanto o sol reaparece e novamente surge, assim Macriano, que avançara e quase tomara a dignidade imperial de Galieno, não existe mais, porque nada era; este ao contrário permanece tal qual era.

3. De igual modo, o império, por assim dizer, despojado de elementos vetustos e purificado da antecedente maldade, agora floresce de forma mais brilhante; visível de lugares mais distantes, mais longe é ouvido e difunde-se por toda a parte.”

4. Em seguida, assinala o tempo em que escreve, nesses termos: “Também a mim, veio-me a idéia de examinar o decurso dos dias nos anos dos vários imperadores. Verifico que os mais ímpios, por famosos que tenham sido, após pouco tempo tornaram-se inglórios, enquanto o atual, mais santo e mais agradável a Deus, ultrapassou o sétimo ano e termina agora o nono,¹¹⁷ no momento em que vamos celebrar a Festa.”

CAPÍTULO 24

Nepos e o cisma que criou

1. Além destes todos, Dionísio elaborou ainda os dois livros *Sobre as promessas*, visando a Nepos, bispo dos egípcios; ele ensinava que as promessas feitas aos santos nas Sagradas Escrituras deviam ser interpretadas de preferência à maneira dos judeus e afirmava que haveria mil anos de prazeres corporais sobre a terra.

2. Ora, queria apoiar sua própria opinião no *Apocalipse* de João e havia composto sobre o assunto uma obra intitulada *Refutação dos alegoristas*.

3. A esta obra opõe-se Dionísio nos livros *Sobre as promessas*. No primeiro livro explana o próprio parecer sobre o problema; no segundo, trata do *Apocalipse* de João. Desde o início menciona Nepos,

escrevendo a respeito dele:

4. “Uma vez que apresentam um tratado de Nepos, no qual se apóiam em demasia, como se demonstrasse sem contestação que o reinado de Cristo será na terra, em muitas outras coisas aprovo e aprecio Nepos, pela fé, ardor no trabalho, estudo assíduo das Escrituras, zelo em compor hinos, que até agora regozijam a muitos irmãos. Trato-o com muito respeito, tanto mais porque já morreu. Mas a verdade me é mais amiga e acima de tudo venero a verdade. Convém elogiar Nepos e estar de acordo com ele sem emulação se fala com exatidão, mas faz-se mister examiná-lo e corrigi-lo se talvez não tenha escrito de modo correto.

5. Uma conversa seria suficiente para persuadir em sua presença alguém que oralmente expõe com simplicidade sua opinião, persuadindo-se e convencendo-se o adversário, por meio de perguntas e respostas. Mas apresenta-se um escrito, muito persuasivo no parecer de alguns. Além disso, alguns doutos menosprezam a Lei e os profetas, dispensam-se de seguir os evangelhos e desdenham as cartas dos apóstolos, e ao invés proclamam constituir a doutrina deste tratado um mistério grande e oculto. Desta sorte, não permitem aos irmãos mais simples terem conceitos nobres e elevados, nem sobre a manifestação gloriosa (cf. Tt 2,13; 2Ts 2,8) e verdadeiramente divina de nosso Senhor, nem sobre a ressurreição dentre os mortos e de nossa reunião (cf. 2Ts 2,1) e semelhança (cf. 1Jo 3,2) com ele, mas persuadem-nos a esperar, no reino de Deus, bens pequenos e caducos, tais como os atuais. Urge, por conseguinte, discutirmos com nosso irmão Nepos como se estivesse presente.”

6. Depois de outras observações, acrescenta: “Ao me encontrar em Arsinoé, onde, conforme é de teu conhecimento, esta opinião há muito se espalhou, de sorte a causar cismas e apostasias de Igrejas inteiras, convoquei os sacerdotes e os mestres dos irmãos que moram nas aldeias, e em presença de irmãos que o desejaram, propus examinar em público a obra.

7. E eles trouxeram-me o livro, qual arma e muralha inexpugnável. Sentei-me junto deles por três dias consecutivos, da manhã à tarde, tentando corrigir o escrito.

8. Então, admirei muito o equilíbrio, o amor pela verdade, a facilidade de acompanhar o raciocínio, a inteligência dos irmãos, de tal sorte que propúnhamos ordenada e moderadamente (cf. Fl 4,5; 2Cor 10,1; Tg 3,17) as questões, as dificuldades, o acordo. Havíamos resolvido abster-nos de todos os modos e ciosamente de tudo que uma vez fora admitido, se não parecesse justo. Não dissimulávamos as objeções, mas à medida do possível nos empenhávamos em abordar os assuntos propostos e chegar a uma solução segura, sem falsa vergonha. Se razoável, mudar de opinião e estabelecer o acordo entre nós. Mas conscienciosamente e sem hipocrisia, com o coração elevado para Deus, aceitávamos o que fora decidido por meio de argumentos e segundo os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

9. Finalmente, o chefe difusor desta doutrina, de nome Coraquion, confessou de modo a ser entendido por todos os irmãos presentes, atestando já não aderir a tal doutrina; não a explicaria mais, não a lembraria, nem a ensinaria, por estar suficientemente convencido através dos argumentos aduzidos. Dos outros irmãos, alguns se regozijavam por causa da conferência, da condescendência e do acordo entre todos...”

CAPÍTULO 25

Apocalipse de João

1. Depois, um pouco mais adiante, assim se expressa sobre o *Apocalipse* de João: “Alguns dos nossos predecessores rejeitaram e repeliram inteiramente este livro. Criticaram-no capítulo por capítulo, declarando-o ininteligível, ilógico e falsamente intitulado.

- 2.** Afirmam, de fato, não provir de João, nem ser uma revelação, porque completamente oculta sob o véu espesso do incognoscível; o autor não seria um dos apóstolos, nem mesmo um dos santos ou dos membros da Igreja, e sim Cerinto, o fundador da heresia cerintiana, nome derivado do seu, o qual procurou dar a sua produção um nome digno de crédito.
- 3.** A doutrina que ele ensina é a seguinte: O reinado de Cristo será terrestre. Consistirá, sonhava ele, pois era amigo do corpo e inteiramente carnal, nos objetos de seus próprios desejos, nas satisfações do ventre e do que lhe é inferior, isto é, em alimentos, bebidas, núpcias, e no que, a seu ver, tornaria tudo isso menos censurável: festas, sacrifícios, imolações de vítimas.
- 4.** No entanto, não ousou rejeitar este livro que muitos irmãos apreciam, mas julgando que suas concepções ultrapassam meu entendimento, suponho ter cada passagem, de certo modo, significado oculto e maravilhoso. De fato, se não o compreendo, ao menos suspeito existir sob as palavras um sentido mais profundo.
- 5.** Não meço, nem aprecio segundo meus próprios raciocínios; mas, atribuindo prioridade à fé, penso tratar-se de realidades elevadas demais para serem apreendidas por mim e não rejeito o que não compreendo, mas admiro-o tanto mais quanto não o contemplei.”
- 6.** Neste ponto, Dionísio examina o livro inteiro do *Apocalipse*, e depois de ter mostrado ser impossível compreendê-lo no sentido óbvio, prossegue: “Tendo terminado, por assim dizer, toda a profecia, o profeta declara bem-aventurados os que a guardam e também ele próprio: ‘Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro. Eu, João, fui o ouvinte e a testemunha ocular destas coisas’ (Ap 22,7-8).
- 7.** Por conseguinte, que ele se chame João e este escrito se origine de João, não direi o contrário e concedo que se trata de homem santo e inspirado por Deus. Mas, não concordo facilmente que seja o apóstolo, filho de Zebedeu, irmão de Tiago, de quem são o Evangelho intitulado *Segundo João* e a *carta* católica.
- 8.** Suponho, efetivamente, pelo estilo de um e dos outros, segundo a apresentação dos discursos, e pelo que se chama o plano do livro, não se tratar do mesmo autor. Pois, o evangelista em parte alguma inscreve seu nome ou anuncia-se a si mesmo, nem no evangelho, nem na carta.”
- 9.** Logo, um pouco mais abaixo, adita: “João, em parte alguma, fala de si mesmo, nem na primeira nem na terceira pessoa. Mas, o autor do *Apocalipse*, desde o início, apresenta-se a si mesmo: ‘Revelação de Jesus Cristo: Deus lha concedeu para que mostrasse a seus servos as coisas que devem acontecer muito em breve. Ele a manifestou com sinais por meio de seu Anjo, enviado ao seu servo João, o qual atesta tudo quanto viu’ (Ap 1,1-2).
- 10.** Depois, ainda escreveu uma carta: ‘João, às sete Igrejas que estão na Ásia: a vós graça e paz’ (Ap 1,4). O evangelista, contudo, não inscreve seu nome no cabeçalho da *carta* católica, mas começa simplesmente pelo próprio mistério da revelação divina: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos’ (1Jo 1,1). Na verdade, foi acerca desta revelação que o Senhor proclamou bem-aventurado Pedro, nesses termos: ‘Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus’ (Mt 16,17).
- 11.** Igualmente, na segunda *carta* e na terceira, atribuídas a João, embora curtas, João não se identificou pelo nome, mas escreveu de forma anônima: ‘o presbítero’. Este, ao invés, após ter-se nomeado uma vez, não julgou suficiente prosseguir a narração, mas repete: ‘Eu, João, vosso irmão e

companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus' (Ap 1,9). Mais uma vez no final, diz o seguinte: 'Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro. Eu, João, fui o ouvinte e a testemunha ocular destas coisas' (Ap 22,7).

12. Conseqüentemente, deve-se acreditar quando ele declara que foi João que escreveu estas coisas. Mas não está claro quem é ele. Efetivamente, ele não diz, como várias vezes no evangelho, ser o discípulo amado do Senhor (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,20) nem ter reclinado sobre seu peito (Jo 13,25; 21,20), nem ser o irmão de Tiago (Jo 21,2), nem ter sido testemunha ocular e auricular do Senhor (cf. 1Jo 1,1; Jo 19,35; 21,24).

13. Teria, portanto, declarado algo do que foi assinalado se tivesse querido manifestar-se claramente; mas nada disso diz, enquanto se declara nosso irmão, nosso companheiro (Ap 1,9), testemunha de Jesus, e feliz por ter visto e ouvido as revelações (Ap 22,7).

14. Julgo que existem muitos homônimos de João, o apóstolo, que, por amor e admiração para com ele, animados do desejo de serem amados de maneira semelhante pelo Senhor, procuraram usar o mesmo nome que ele, assim como, entre os filhos dos fiéis, encontram-se freqüentemente os nomes de Paulo e Pedro.

15. Há, portanto, ainda outro João nos *Atos dos Apóstolos*, com o sobrenome de Marcos (At 12,25), que Barnabé e Paulo tomaram consigo e do qual diz ainda a Escritura: 'Tinham consigo, como auxiliar, João' (At 13,5). Se é este que escreveu o Apocalipse, não é muito claro. Pois não está escrito que tenha ido com eles à Ásia, mas: 'De Pafos, onde embarcaram, Paulo e os seus companheiros alcançaram Perge, na Panfília. João, porém, deixou-os para voltar a Jerusalém' (At 13,13).

16. Penso ser o autor outro, dentre os que estavam na Ásia, porque se conta que há em Éfeso dois túmulos, um e outro ditos de João.

17. Pelos pensamentos, o vocabulário e o estilo, é provável ter sido outro o autor do *Evangelho*.

18. O *Evangelho* e a *Carta* concordam, de fato, entre si e começam de igual maneira. Um diz: 'No princípio era o Verbo' (Jo 1,1); o outro: 'O que era desde o princípio' (1Jo 1,1). Um diz: 'E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua gloria como a glória do Unigênito do Pai' (Jo 1,14); o outro diz quase as mesmas coisas: 'O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam do Verbo da vida, porque a vida manifestou-se' (1Jo 1,1).

19. De fato, assim ele inicia a fim de atacar, conforme demonstra em seguida, os que afirmam que o Senhor não veio na carne (1Jo 4,2); por este motivo acrescenta com todo cuidado: 'Nós a vimos e lhe damos testemunho, e vos anunciamos esta vida eterna que estava voltada para o Pai e que nos apareceu; o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos' (1Jo 1,2-3).

20. Ele é coerente e não se afasta dos fins propostos; prossegue sempre por meio de temas idênticos e mesmas expressões, das quais citamos brevemente algumas.

21. Além disso, o leitor cuidadoso encontrará nas duas obras numerosas menções da vida, da luz que expulsa as trevas (cf. At 26,18; cf. Jo 1,5; 3,19; 12,46; 11,9-10); são constantemente citadas a verdade, a graça, a alegria, a carne e o sangue do Senhor, o juízo e a remissão dos pecados (Jo 20,23; 1Jo 1,9; 2,12), o amor de Deus por nós, o mandamento do amor mútuo, a obrigação de guardar todos os mandamentos; a acusação do mundo (cf. Jo 16,8; 6,70; 8,44; 1Jo 3,8 e 10), do diabo, do anticristo (cf.

1Jo 2,18.22; 4,3), a promessa do Espírito Santo, a filiação divina (cf. Jo 1,12; 11,52; 1Jo 3,1-2.10; 5,2), a fé que é continuamente exigida de nós; o Pai e o filho, por toda a parte. E geralmente, para os que observam as características, é fácil verificar que um único e mesmo colorido se encontra no *Evangelho* e na *Carta*.

22. Muito diferente e distinto desses livros é o *Apocalipse*; não se coaduna com nenhum deles, nem deles se avizinha. Quase não têm, por assim dizer, uma sílaba em comum.

23. A *Carta* (deixemos de lado o *Evangelho*), não contém citação alguma nem lembrança do *Apocalipse*, nem este, da *Carta*; no entanto Paulo, nas suas *Cartas*, relembra algo de suas revelações, que não descreveu em particular (cf. 2Cor 13,1ss; Gl 1,12; 2,2; Ef 3,3).

24. Ainda é possível avaliar pelo estilo a diferença do *Evangelho* e da *Carta* relativamente ao *Apocalipse*.

25. Efetivamente, de um lado, essas obras não só empregam um grego impecável, mas têm forma eloqüente quanto às expressões, os raciocínios, a composição, e longe estão de usar termo bárbaro ou solecismo ou até idiotismo. Seu autor possuía, com efeito, ao que parece, ambos os dons, dos quais o havia gratificado o Senhor: o do conhecimento e o da expressão.

26. Relativamente ao autor do *Apocalipse*, não nego que tenha tido revelações e tenha recebido o conhecimento e a profecia (cf. 1Cor 14,6); entretanto verifico que seu dialeto e sua linguagem não são de grego castiço, e que emprega idiotismos bárbaros e por vezes até solecismos. Creio ser desnecessário enumerá-los agora;

27. pois não o digo zombeteiramente (ninguém o suponha), mas apenas para mostrar a diferença entre esses escritos.”

CAPÍTULO 26

Cartas de Dionísio

1. Além dessas, contam-se ainda muitas outras cartas de Dionísio, tais as exaradas contra Sabélio¹¹⁸ a Amon, bispo da Igreja de Bernice, e a dirigida a Telésforo, outra a Eufranor, e novamente a Amon e Euporos. Compôs sobre o mesmo assunto quatro outros escritos que endereça a seu homônimo, Dionísio de Roma.

2. Ademais, há entre nós grande número de cartas suas e também extensos escritos em forma epistolar, tais os livros *Sobre a natureza*, dedicados a seu filho Timóteo, e o *Sobre as tentações*, ainda a Eufranor.

3. Além destas obras, numa carta a Basíledes, bispo das comunidades da Pentápole, assevera ter feito um comentário do começo do *Eclesiastes*; e ainda deixou-nos diversas cartas. Eis o que escreveu Dionísio. Agora, em seguida a estas narrativas, queremos também transmitir aos pósteros a história de nossa geração.

CAPÍTULO 27

Paulo de Samósata e sua heresia

1. A Sisto, que presidira por onze anos a Igreja de Roma, sucedeu Dionísio, homônimo do bispo de Alexandria. Nessa época, tendo Demetriano partido desta vida em Antioquia, Paulo de Samósata¹¹⁹ recebeu o episcopado.

2. Ele tinha a respeito de Cristo idéias humilhantes e triviais, contrárias à doutrina da Igreja, como se ele fora por natureza homem comum. Dionísio de Alexandria, chamado a tomar parte num concílio, escusou-se por velhice e fraqueza corporal, mas expôs por carta seu próprio parecer sobre a questão. Os outros pastores das Igrejas, pressurosos, dirigiram-se para Antioquia e ali se reuniram, vindos de várias partes a fim de opor-se àquele flagelo do rebanho de Cristo.

CAPÍTULO 28

Bispos ilustres então reconhecidos

1. Os mais notáveis dentre eles eram Firmiliano, bispo de Cesaréia na Capadócia, os irmãos Gregório e Atenodoro, pastores das comunidades do Ponto, igualmente Heleno, da comunidade de Tarso, Nicomas de Icônio, ainda Himeneu, da Igreja de Jerusalém, Teotecno, da Igreja de Cesaréia, vizinha de Jerusalém, além de Máximo, que dirigia também de modo excelente os irmãos de Bostra; e não seria difícil enumerar muitos outros que pelo mesmo motivo se haviam congregado na cidade mencionada mais acima, juntamente com sacerdotes e diáconos; contudo, os mais célebres dentre eles eram os acima citados.

2. Reunidos, portanto, em várias e freqüentes ocasiões, nas asembléias foram ventilados argumentos e questões. Os partidários de Paulo de Samósata esforçavam-se por esconder ainda e dissimular os pontos heterodoxos; os outros, ao invés, empregavam todo o zelo em desmascarar e pôr em evidência a heresia e a blasfêmia contra Cristo.

3. Nesses dias, morreu Dionísio, no décimo segundo ano do reinado de Galieno, após haver presidido como bispo de Alexandria dezessete anos; sucedeu-lhe Máximo.

4. Depois de Galieno ter exercido o poder durante quinze anos completos, Cláudio tornou-se seu sucessor. Terminado o segundo ano, o principado passou a Aureliano.

CAPÍTULO 29

Paulo, convencido de erro, é excomungado

1. Nesta época, tendo se reunido um último concílio com o maior número possível de bispos, o chefe da heresia de Antioquia foi plenamente desmascarado e por todos evidentemente inculcado de heterodoxia. Foi excomungado da Igreja católica espalhada sob o céu.

2. Quem melhor o convenceu de dissimulação, após ter examinado suas teorias, foi Malquião, aliás homem eloqüente, sofista e em Antioquia presidente do ensino de retórica nas escolas helênicas, além de honrado com o presbiterato na comunidade desta cidade por causa da pureza extraordinária de sua fé em Cristo. Ele abriu uma disputa contra Paulo, enquanto estenógrafos a registravam, e sabemos ter chegado até nós as anotações; sozinho entre os demais, teve força para desmascarar aquele homem, dissimulado e enganador.

CAPÍTULO 30

A Carta aos bispos de Roma e de Alexandria

1. De comum acordo, portanto, os pastores congregados naquele lugar redigiram uma só carta ao bispo de Roma, Dionísio, e a Máximo, bispo de Alexandria, e enviaram-na a todas as províncias; nela manifestam seus esforços e a heterodoxia perversa de Paulo, as refutações e questões a ele dirigidas e contam também a vida e a conduta deste homem. Para memória destes fatos, talvez seja bom citar

agora as palavras que eles usaram:

2. “A Dionísio, a Máximo e a todos os que, pela terra habitada, exercem conosco o ministério, aos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos e a toda a Igreja católica que há sob os céus, Heleno, Himeneu, Teófilo, Teotecno, Máximo, Proclo, Nicomas, Aeliano, Paulo, Bolano, Protógeno, Hieraz, Eutíquio, Teodoro, Malquião, Lúcio e todos os outros, residentes como nós nas cidades e povoados vizinhos, bispos, sacerdotes e diáconos e as Igrejas de Deus, como a irmãos amados no Senhor, desejam felicidades.”

3. Pouco mais adiante, acrescentam o que segue: “Escrevemos simultaneamente a muitos bispos, apesar de distantes, convidando-os a dar-nos apoio na terapia da doutrina mortal, como fizemos a Dionísio de Alexandria e a Firmiliano da Capadócia, de feliz memória. Destes, um endereçou uma carta a Antioquia, mas nem se dignou saudar o chefe do erro, nem lhe escrever em particular, e sim a toda a comunidade. Desta carta anexamos aqui a cópia.

4. Firmilano, porém, veio até duas vezes e condenou as novidades ensinadas por esse homem, conforme nós, os pre-sentes, sabemos e testemunhamos, e igualmente é do conhecimento de muitos. Mas tendo Paulo prometido mudar de opinião, Firmiliano fiou-se na esperança de que, sem prejuízo para a doutrina, a questão seria devidamente regulada. O problema foi sendo diferido, pois enganou-o aquele homem que simultaneamente renegava seu Deus e Senhor (Jd 4) e não conservava a fé que antes professara.

5. Firmiliano estava disposto a ir para Antioquia e chegou até Tarso, pois conhecia por experiência a ímpia malícia de Paulo; mas nesse ínterim, enquanto reunidos o chamá-ramos e aguardávamos sua volta, ele chegou ao fim da vida.”

6. Mais adiante ainda, eles descrevem nesses termos a vida e a conduta de Paulo: “Visto que, afastando-se da regra da fé, passou a ensinamentos mentirosos e espúrios, não nos cabe julgar as ações de quem já se acha fora da Igreja.

7. Nem mesmo pelo motivo de que antes fora pobre e indigente, não recebera dos pais recurso algum e nada adquirira por um ofício ou outro meio qualquer, mas agora alcançou riquezas extraordinárias através de injustiças e roubos sacrílegos, exigências e pedidos feitos aos ir-mãos, intrigas com os injustiçados e promessa de ajudá-los com salários, enganando-os e aproveitando-se injustamente da facilidade em dar dos que se acham envolvidos em questões a fim de serem libertados de importunação e ‘supondo que a piedade é fonte de lucro’ (1Tm 6,5).

8. Nem mesmo por ser orgulhoso (1Tm 6,17), ensoberbecer-se por estar investido de dignidades mundanas e preferir a denominação de ‘ducenário’ ao nome de bispo;¹²⁰ avança altivo pelas praças públicas, lê cartas que responde caminhando em público, cercado de sequazes, que o precedem e acompanham em grande número, de sorte a se tornar a fé objeto de inveja e ódio por causa de seu fausto e orgulho de coração.

9. Nem mesmo porque, nas assembléias eclesiásticas, organiza espetáculos prodigiosos, e a fim de alcançar glória, impressionar as imaginações e excitar as almas dos simples por tais procedimentos. Mandou preparar para si um estrado e um trono elevado, o que não convém a um discípulo de Cristo. Possui um assim chamado ‘secretum’, tribunal próprio, semelhante aos dos príncipes deste mundo; bate com a mão na coxa; sapateia no estrado. Repreende e insulta os que não o elogiam, não agitam os lenços como nos teatros, não aclamam, não se levantam prontamente com os partidários que o cercam, homens e mulheres, que o escutam desta forma imprópria, e, ao invés, ouvem-no respeitosa e

ordenadamente, segundo convém agir na casa de Deus. Quanto aos intérpretes da palavra de Deus que já partiram desta vida, trata-os de modo inconveniente e grosseiro na assembléia, enquanto gaba-se a si mesmo, não à maneira de um bispo, mas como um sofista e impostor.

10. Fez cessar o uso dos salmos em honra de nosso Senhor Jesus Cristo, sob pretexto de serem novos e compostos recentemente; em sua honra, contudo, no meio da igreja, no grande dia de Páscoa, faz com que salmodiem mulheres, cujo canto causa frêmito. Permite que falem só os bispos dos campos e cidades vizinhas e os sacerdotes que o adulam em suas homilias ao povo.

11. Ele não quer confessar conosco que o Filho de Deus desceu do céu. Estamos antecipando o que vamos escrever mais adiante, não por simples declaração, e sim demonstrando de todos os modos pelas atas que vos enviamos, principalmente a passagem onde afirma que Jesus Cristo é oriundo daqui de baixo. Aqueles, porém, que cantam salmos em sua honra, elogiam-no diante do povo, declaram que seu ímpio mestre é anjo descido do céu — o que ele não impede, mas ao invés, ouve, orgulhoso, essas palavras.

12. Tem mulheres ‘subintroductas’, conforme as denominam os antioquenos, ele e os sacerdotes e diáconos que vivem em sua companhia. Mas, com eles esconde esse e outros pecados incuráveis, embora deles esteja ciente e os condene, a fim de estarem os culpados a seu arbítrio e não ousarem, de medo do que pode lhes suceder, acusá-lo de palavras e atos injustos. Até mesmo fá-los enriquecerem-se, e por isso é amado e admirado pelos que amam tais bens. Por que havemos de escrever essas coisas?

13. Sabemos, caríssimos, que o bispo e os sacerdotes devem ser para o povo modelo (cf. 1Tm 4,12) de toda boa obra (cf. 2Tm 2,21; 3,17), e não ignoramos quantos caíram por terem introduzido mulheres em casa; outros fizeram surgir suspeitas, de sorte que, mesmo se concedermos que nada de desonesto praticaram, seria necessário ao menos acautelar-se das suposições oriundas de tal questão, a fim de não escandalizar alguém e fazer com que outros desistam de imitá-los.

14. Verdadeiramente, como repreenderia ou advertiria a outrem a não mais coabitar com mulher e assim precaver-se de queda (1Cor 10,12), segundo está escrito, ele que já despediu uma, mas tem consigo outras duas, na flor da idade e de aparência agradável; que as leva consigo onde quer que vá e isso com excessivo luxo?

15. É por este motivo que todos gemem e lamentam-se interiormente, pois de tal forma temem sua tirania e poder que não ousam acusá-lo.

16. Efetivamente, poder-se-ia corrigir, conforme dissemos mais acima, a alguém possuído de sentimentos católicos e contado entre os nossos; mas a Paulo, que zomba do mistério (1Tm 3,16) e gloria-se da infecta heresia de Artemas (por que haveria necessidade de demonstrar, o que é evidente, que este é seu pai?), pensamos não convir absolutamente pedir-lhe contas de seus atos.”

17. Em seguida, pelo final da carta, eles acrescentam o seguinte: “Nós, portanto, fomos coagidos, após ter excomungado este adversário de Deus, apesar de sua resistência, de pôr em seu lugar, por Providência de Deus (e disto estamos persuadidos) na Igreja católica outro bispo, o filho do bem-aventurado Demetriano que antes de Paulo presidiu de modo excelente a mesma comunidade, Domno, ornado de todas as qualidades convenientes a um bispo; e estamos vos transmitindo esta notícia a fim de lhe escreverdes e dele receberdes cartas de comunhão. Mas Paulo, que se dirija a Artemas, e os sequazes de Artemas comunhem com ele”.

- 18.** Paulo, uma vez tendo sido degradado do episcopado e havendo perdido a fé ortodoxa, Domno, como foi dito, recebeu o ministério da Igreja de Antioquia.
- 19.** Mas Paulo não queria de forma alguma sair da casa da Igreja. O imperador Aureliano, a quem ele recorreu, tomou uma decisão muito boa sobre o procedimento a manter. Ordenou que a casa fosse atribuída àqueles com os quais trocassem cartas os bispos da doutrina cristã na Itália e na cidade de Roma. Foi assim que o supracitado Paulo foi expulso da Igreja da maneira mais vergonhosa pelo poder secular.
- 20.** Tal era então Aureliano em relação a nós; posteriormente, porém, em seu reinado, teve outros sentimentos, e foi incitado por determinados conselhos a mover-nos nova-mente perseguição; disso muito já se falava entre todos.
- 21.** Estava a ponto de tomar a decisão, e por assim dizer, quase assinou os editos contra nós, quando a justiça divina o atingiu e reteve-o de certo modo pelo braço, para apartá-lo desta tentativa, dando a ver claramente a todos que não haveria mais facilidade para os príncipes deste mundo de agir contra as Igrejas de Cristo, a menos que a mão que nos protege o permitisse, por juízo divino e celeste, na ocasião que julgasse melhor, a fim de nos instruir e corrigir.
- 22.** Em todo caso, Aureliano reinou seis anos e Probo sucedeu-lhe. Este último imperou mais ou menos durante igual período e teve por sucessores Caro e seus filhos, Carino e Numeriano, os quais, por sua vez, não tendo permanecido por três anos inteiros, a autoridade imperial passou para Diocleciano e os seus sócios. Sob seu reinado adveio a perseguição presente, assim como a destruição contemporânea das igrejas.
- 23.** Mas, pouco tempo antes desses acontecimentos, havendo Dionísio, bispo de Roma, completado nove anos de ministério, Félix o substituiu.

CAPÍTULO 31

Perversão heterodoxa dos maniqueus

- 1.** Naquele tempo, o louco que deu seu nome (Manes) à heresia demoníaca, armava-se também da perversão da razão;¹²¹ o demônio, o próprio Satanás, o inimigo de Deus, incitava-o, para ruína de grande número. Levava a vida de bárbaro pela língua e os costumes; por natureza, era demoníaco e insensato e seus empreendimentos correspondiam a essas marcas. Esforçava-se por arremedar o Cristo, ora, inchado de loucura, pregando ser ele próprio o Paráclito e o Espírito Santo, ora, como o Cristo, escolhendo doze participantes da nova doutrina.
- 2.** Remendava umas às outras doutrinas mentirosas e atéias, colhidas dentre mil heresias, há muito extintas e, do país dos persas espalhava-as por nossa terra habitada, qual veneno mortífero. Dele provém o nome ímpio de maniqueus, largamente propagado até hoje. Tal foi, portanto, o fundamento desta pseudociência (1Tm 6,20), cuja difusão começou na época acima assinalada.

CAPÍTULO 32

Varões eclesiásticos ilustres

- 1.** Nesta ocasião, Félix, depois de presidir a Igreja de Roma durante cinco anos, teve Eutiquiano por sucessor, que não sobreviveu mais de dez meses e deixou o cargo a Caio, nosso coetâneo; após este último presidir cerca de quinze anos a Igreja, foi escolhido para sucessor Marcelino, o qual foi arrebatado pela perseguição.

- 2.** Nesta época, depois de Domno, Timeu dirigiu o episcopado em Antioquia; teve por sucessor nosso coetâneo Cirilo; sob este último, conhecemos Doroteu, homem eloqüente, honrado do sacerdócio em Antioquia. Amigo assíduo das coisas divinas, exercitou-se na língua hebraica, de sorte a ler com sabedoria as próprias Escrituras hebraicas.
- 3.** Não era estranho aos conhecimentos mais liberais e à propedêutica dos gregos. Doutro lado, era fisicamente eunuco de nascença, e devido a esta particularidade extraordinária, gozava da confiança do imperador, que o promoveu à administração da tinturaria de púrpura em Tiro.
- 4.** Ouvimo-lo explicar com ponderação as Escrituras na Igreja. Depois de Cirilo, Tirano recebeu o episcopado na comunidade de Antioquia. Sob seu governo, o ataque às Igrejas atingiu o mais alto grau.
- 5.** Depois de Sócrates, a comunidade de Laodicéia foi dirigida por Eusébio, originário da cidade de Alexandria. A causa de sua mudança de residência foi a questão acerca de Paulo. Por isso, ele passou pela Síria e foi impedido de voltar a seu país pelo povo dessa região, zeloso pelas coisas divinas. Foi assim um modelo amável de religião entre nossos coetâneos, como se torna óbvio pelas palavras de Dionísio mais acima citadas.
- 6.** Seu sucessor foi Anatólio; de acordo com o provérbio, ambos excelentes, um após outro. Ele também era de origem alexandrina. Por causa de sua eloqüência e sua formação na filosofia grega, ocupava as primeiras fileiras entre os homens mais conceituados de nossa época. Havia, de fato, feito estudo aprofundado da aritmética, da geometria, da astronomia, das ciências, quer sejam dialéticas, quer físicas e das disciplinas retóricas. Por isso, refere-se ter sido ele julgado digno por seus concidadãos de estabelecer em Alexandria a escola da filosofia de Aristóteles.¹²²
- 7.** Dele conta-se uma série de fatos maravilhosos, durante o cerco do Bruchium em Alexandria, pois no ofício foi honrado por todos com um privilégio de escol. A modo de comprovação, mencionarei apenas um fato.
- 8.** Narra-se que tendo faltado o trigo aos sitiados, de sorte que já a fome era mais insuportável que os inimigos de fora, estando presente aquele de quem falamos, ele tomou as seguintes providências. Uma parte do povo da cidade combatia com o exército romano e em conseqüência, não estava sitiado. Eusébio, que ainda lá estava, antes de partir para a Síria, encontrava-se entre os não sitiados e possuía grande reputação e nome ilustre até junto do general romano. Anatólio, pois, através de um mensageiro, informou-o sobre os sitiados, enfraquecidos pela fome em conseqüência do cerco.
- 9.** Eusébio, diante dessa notícia, pediu ao general romano, como grande favor, obtivessem salvo conduto os que espontaneamente passassem para seu lado; tendo obtido a realização de seu pedido, pôs Anatólio a par disto. Este, logo que recebeu a promessa, reuniu o Senado dos alexandrinos e primeiro propôs que todos estendessem a mão em sinal de amizade aos romanos; e quando os viu furiosos por causa destas palavras, disse: “Ao menos, não penso que haveis de me contradizer se vos aconselhar que permitam sair para fora das portas e ir para onde quiserem os que são em demasia aqui e que não nos são úteis de forma alguma, velhas, crianças, velhos. Por que, então, os conservamos inutilmente conosco, apenas para morrer? Por que esgotaremos de fome os doentes enfraquecidos corporalmente, quando precisamos nutrir os homens e os jovens e economizar o trigo necessário aos que são indispensáveis à guarda da cidade?”
- 10.** Com tais raciocínios, persuadiu o Senado, e levantando-se em primeiro lugar, votou um decreto de mandar sair da cidade todos os que não fossem úteis ao exército, homens ou mulheres, porque não

haveria mesmo esperança de salvação para os que ficassem e permanecessem inutilmente na cidade, pois seriam consumidos pela fome.

11. Todos os outros membros do Senado aquiesceram ao decreto. Pouco faltou para que ele salvasse todos os sitiados. Cuidou de que se afastassem primeiro os que pertenciam à Igreja, depois os outros que estavam na cidade, qualquer que fosse sua idade, não somente os visados pelo decreto, mas, oportunamente, milhares de outros que, secretamente disfarçados com vestes femininas, saíam das portas, à noite, graças à providência de Anatólio e precipitavam-se para o lado do exército romano. Lá, Eusébio os recebia, qual pai e médico; e como estavam em más condições por causa do longo cerco, reconfortava-os com todas as providências e cuidados.

12. Tais foram os dois pastores que sucessivamente a Igreja de Laodicéia foi julgada digna de possuir; pela providência divina, haviam deixado a cidade de Alexandria após a guerra de que se falou, indo para lá.

13. Não somente grande número de escritos foram elaborados por Anatólio, mas chegaram até nós em número suficiente para que seja possível aprender por eles a um tempo a eloqüência e a ciência de seu autor. Nessas obras, declara principalmente seu parecer sobre a Páscoa e talvez seja necessário mencioná-lo aqui:

EXTRATO DOS CÂNONES DE ANATÓLIO SOBRE A PÁScoa.

14. “Assim no primeiro ano a lua nova do primeiro mês, que é o começo do ciclo inteiro de dezenove anos, para os egípcios, o dia vinte e seis de Phamenoth, para os macedônios, dia vinte e dois do mês de Distro, e, como diriam os romanos, dia onze antes das calendas de abril.

15. No dia vinte e seis de Phamenoth, que acabamos de mencionar, o sol se acha não somente dentro do primeiro segmento, mas já avançou por ele há quatro dias. Este segmento, que se costuma chamar o primeiro décimo segundo, o equinócio, o começo dos meses, o início do ciclo, o ponto de partida do curso dos planetas; quanto ao precedente é o último dos meses, o décimo segundo segmento, o último décimo segundo, o fim da revolução dos planetas. Por isso dizemos que se enganam redonda e extraordinariamente os que colocam este segmento no primeiro mês e aí marcam o décimo quarto dia para a Páscoa.

16. Este cálculo não é nosso, mas era conhecido pelos judeus outrora, mesmo antes de Cristo e observado com o maior cuidado. É possível depreendê-lo pelo que diz Fílon, Josefo, Museu, e não somente eles, mas outros ainda mais antigos, os dois Agatóbulos, denominados os mestres de Aristóbulo, o Grande; este, que foi do número dos Setenta, tradutores das Escrituras Sagradas e divinas dos hebreus para Ptolomeu Filadelfo e para seu pai, deixou também livros exegéticos da Lei de Moisés a estes mesmos reis.

17. Estes autores, ao resolverem questões relativas ao Êxodo, dizem que todos devem igualmente oferecer os sacrifícios da Páscoa após o equinócio da primavera, no meio do primeiro mês. Tal acontece ao atravessar o sol o primeiro segmento da eclíptica ou, como alguns dentre eles o denominam, o círculo do zodíaco. Mas Aristóbulo acrescenta ser necessário para a festa dos sacrifícios da Páscoa que não somente o sol, mas também a lua atravesse o segmento equinocial.

18. Mas, como existem dois segmentos equinociais, o da primavera e o do outono, diametralmente opostos entre si, e o dia dos sacrifícios pascais é o décimo quarto do mês à tarde, a lua estará diametralmente oposta ao sol, bem como, aliás, pode-se ver no plenilúnio; estarão: o sol no segmento do equinócio da primavera, a lua necessariamente no segmento do equinócio do outono.

19. Conheço muitas outras afirmações deles, umas prováveis, outras resultado de demonstrações decisivas, pelas quais esforçam-se por determinar absolutamente que a festa da Páscoa e dos ázimos deve ser celebrada após o equinócio, mas deixo de lado a matéria destas demonstrações, suplicando em favor daqueles para os quais foi levantado o véu colocado sobre a Lei de Moisés, que doravante contemplem como em espelho o Cristo de rosto descoberto, assim como sempre os ensinamentos e a paixão de Cristo (2Cor 3,16-18). Também os ensinamentos dados no livro de Henoc asseguram que o primeiro mês entre os hebreus é nas proximidades do equinócio.”

20. Anatólio deixou ainda introduções aritméticas em dez tratados inteiros, e outras provas de seu estudo e de sua múltipla experiência das coisas sagradas.

21. Foi o primeiro a quem o bispo de Cesaréia na Palestina, Teotecno, impôs as mãos para o episcopado, destinando-o para seu sucessor após sua morte em sua própria comunidade; mas, de fato, durante pequeno espaço de tempo, os dois presidiram esta mesma Igreja. Tendo, contudo, o concílio contra Paulo chamado Anatólio a Antioquia, ele passou pela cidade de Laodicéia, e lá os irmãos o seguraram, porque Eusébio havia entrado no repouso eterno.

22. Quando Anatólio deixou esta vida, Estêvão tornou-se o último bispo da comunidade desta região antes da perseguição; era admirado por muitos devido a seus discursos filosóficos e o restante de sua cultura helênica,¹²³ mas não era dotado de igual ânimo no que respeita à fé em Deus, conforme manifestou o progresso da perseguição que demonstrou ser ele dissimulado, tímido, medroso mais que autêntico filósofo.

23. Todavia, nem por isso se arruinariam as coisas da Igreja, mas foram retificadas pelo próprio Deus, o Salvador de todos, desde que Teódoto foi instituído bispo desta comunidade; por suas próprias obras, ele realizou seu nome e o título de bispo que lhe foi dado. Realizou-o primeiro pela ciência de curar os corpos; quanto à cura das almas, nenhum outro lhe era comparável em filantropia, sinceridade, compaixão, zelo para servir os que precisavam de socorro; doutro lado era também muito douto na teologia.

24. Tal era Teódoto. Doutro lado, em Cesaréia da Palestina, depois que Teotecno tinha cumprido com o maior zelo seu episcopado, Agápio lhe sucedeu. Dele sabemos que muito se afadigou, e teve na realidade grande solicitude no governo do povo e com mãos generosas cuidou de todos, sobretudo dos pobres.

25. Nesta época conhecemos Pânfilo, homem extremamente versado na palavra, genuíno filósofo pela vida, honrado do sacerdócio nesta comunidade. Quais as suas qualidades? Onde partiu? Não seria coisa insignificante falar disto, mas já tratamos em narrativa peculiar de cada particularidade de sua vida, da escola que fundou, dos combates que sustentou durante a perseguição em várias confissões e a coroa do martírio que o cingiu no final de tudo.

26. Na verdade, ele era aqui o mais admirável de todos; sabemos, contudo, que, principalmente entre nossos contemporâneos, houve homens de grandeza rara: entre os sacerdotes de Alexandria, Piério, e Melécio, bispo das Igrejas do Ponto.

27. O primeiro era estimado no mais alto grau por sua vida pobre e seus conhecimentos filosóficos, e era extraordinariamente exercitado nas meditações e exegese das coisas divinas, bem como nos comentários que fazia nas assembléias da Igreja. Quanto a Melécio (os homens cultos denominavam-no “mel da Ática”), possuía tais qualidades que dele se poderia escrever ser em tudo o ideal de um erudito. Impossível admirar dignamente a força de sua retórica, embora se pudesse dizer que nele era

dom natural. Mas quem teria superado o vigor de sua larga experiência e grande ciência?

28. Não era o mais perito e habilitado em todas as ciências lógicas? Quem alcançaria seu grau de experiência? Sua vida virtuosa equivalia ao restante. No tempo da perseguição, nós tivemos ocasião de observá-lo, pois se refugiara na região da Palestina, durante sete anos inteiros.

29. Depois do bispo Himeneu, citado um pouco mais acima, Zabdas recebeu o ministério na Igreja de Jerusalém. Tendo este pouco tempo depois entrado no repouso eterno, Hermon, o último antes da perseguição atual, recebeu a sé apostólica que conserva até hoje.

30. E em Alexandria, tendo Máximo exercido o episcopado durante dezoito anos após a morte de Dionísio, sucedeu-lhe Teonas. Em seu tempo, Aquilas, ornado do sacerdócio simultaneamente com Piério, era célebre em Alexandria. Tendo recebido a direção da escola catequética da fé sagrada, realizou uma obra filosófica extraordinária, em nada inferior a qualquer outra, e portou-se com uma conduta digna da disciplina evangélica.

31. Depois de Teonas, que exerceu o ministério durante dezenove anos, Pedro recebeu o episcopado em Alexandria. Ele também se distinguiu de maneira especial durante doze anos inteiros. Antes da perseguição, havia dirigido a Igreja por menos de três anos; no resto da vida, comportou-se com uma ascese excessiva e abertamente ocupou-se do bem comum das Igrejas. Por isso, no nono ano da perseguição, foi degolado e ornado com a coroa do martírio.

32. Nos livros precedentes, descrevemos as séries sucessivas dos bispos, desde o nascimento de nosso Salvador até a destruição dos oratórios, abrangendo a duração de trezentos e cinco anos. Agora, deixemos ainda por escrito quais e quão numerosas foram as lutas contemporâneas dos que virilmente combateram em prol da religião, para conhecimento da posteridade.

[108](#) Como quase todos os grandes atos de conversão são marcados por uma visão, Dionísio justifica sua conduta também por efeito de uma visão-voz de Deus. Parece a mesma “voz” que Policarpo ouviu ao descer na arena (*HE IV*, 15,17); a mesma que ordenou Agostinho a ler as Escrituras (*Conf.* 8,12,29) e ainda o sonho no qual Jerônimo é acusado de ser ciceroniano (*Epist.* 32,30). O conselho dado pela “voz” a Dionísio deve ser comparado ao de Paulo aos tessalonicenses: “Discerni tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,21).

[109](#) Nesta época, a palavra “papa” se aplica a todos os bispos. Originalmente ela significa pai. Cf. P. DE LABRIOLLE, “Une esquisse de l’histoire du mot ‘papa’”, em *Bulle. d’anc. littér. et d’archéol. chrétien*, I, 1911, pp. 215-220.

[110](#) Analistas da história eclesiástica ou dogmática antigas não julgam que Novato tenha modificado o rito batismal, nem a fórmula de fé que precedia a imersão, mas negava, de fato, o valor do batismo, pois interditava a penitência aos pecadores e rebatizava os trânsfugas do catolicismo. Também não se pode afirmar que tenha ensinado heresias sobre a Trindade. Em sua obra *Sobre a Trindade*, verifica-se que era muito ortodoxo neste ponto. Ele insistia muito sobre a severidade de Deus a respeito dos pecadores. Cf. A. D’ALÈS, *Novatien. Étude sur la théologie romaine au milieu du IIIe siècle*. Paris, 1925, p. 166, n.1; R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op. cit., pp. 77-80.

[111](#) As preces dos cristãos pelo imperador e pelo império são de tradição primitiva, cf. 1Tm 2,2; Clemente Romano, 1Cor, 61; Justino, *I Apol.* 17; Tertuliano, *Apologeticum*, 30-32; Orígenes, *Contra Celso*, VIII, 73; Teófilo de Antioquia, *A. Autolico*, I, 11.

[112](#) Cemitério, em grego *kometéria*, é termo cristão. Além de ser o lugar de sepultar os mártires, tornou-se o lugar de reuniões e celebrações dos fiéis que aí se reuniam para orar sobre suas tumbas. Cf. *Acta Cipriani*, I, 7.

[113](#) Mareote é apresentada aqui como a região para onde eram deportados todos os cristãos, uma espécie de “campo de concentração”.

[114](#) Não se trata de reconhecimento oficial do cristianismo pelo imperador Galiano. Este o vê como tendo existência de fato, o tolera e procura restabelecer a situação anterior à perseguição de Valeriano. Esta medida agradava muito aos cristãos e o reconhecimento da propriedade eclesiástica teve enorme importância a seus olhos.

[115](#) Referência importante sobre o culto das imagens no começo do séc. IV. Eusébio, particularmente, lhe é contrário. Na Introdução desta obra, pode-se ver sua reação quando a irmã de Constantino lhe pediu que lhe enviasse uma imagem de Cristo

[116](#) Passagem interessante enquanto atesta a existência, em Alexandria, de instituição correspondente ao *frumentum publicum* de Roma. Mas não se pode pensar em nada ao que hoje é chamado de assistência social aos economicamente fracos, mas privilégios

reservados aos cidadãos de Alexandria.

[117](#) Na opinião dos administradores, o sétimo ano era ano crítico: ultrapassá-lo era sinal muito favorável. Dada a curta duração dos reinados anteriores, este fato tornava-se para Galiano particularmente notável. Alguns imperadores, como Postumus, não quis aguardar suas *decennalia* (os dez anos de governo) para cunhar medalhas comemorativas. Fez proceder a esta cunhagem para suas *quinquennalia* (qüinqüênio).

[118](#) A controvérsia sabeliana interessa à história do dogma da Trindade tanto quanto ao dogma da Igreja. É sobretudo por santo Atanásio e por são Basílio que somos informados dos incidentes que ela suscitou no século III.

[119](#) Qual foi sua heresia? O último concílio contra Paulo de Samósata foi provavelmente realizado em 268 e o convenceu de heresia: Paulo de Samósata teria sido monarquianista, monarquiano adocionista. Para ele o Logos = Sabedoria divina não é ser pessoal, isto é, dotado de hipóstase distinta, mas apenas uma *dynamis*, uma faculdade operativa de Deus: é a ordem e o comando com os quais Deus opera no mundo. Dava o nome de filho de Deus não ao Logos, mas ao homem Jesus, no qual o Logos tinha tomado morada como num templo. Este monarquianismo se opunha à teologia do Logos elaborada por Orígenes, por isso o episódio de Paulo é interpretado como momento crítico da difusão da cultura e da teologia alexandrina na área da tradição asiática. Cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op. cit., pp. 51-54.

[120](#) Mesmo enquanto bispo, Paulo de Samósata exercia cargo de alto apreço na corte, sob o governo de Zenóbia. Foi alto funcionário da administração fiduciária da rainha e contemporaneamente bispo da igreja de Antioquia. Sua conduta aderiu mais ao cargo público que ao da Igreja. Os ducenários eram procuradores com vencimentos de 200 mil sestércios. Ocupavam um dos postos mais elevados na hierarquia dos funcionários do império. Cf. L. HOMO, *Les institutions politiques romaines*, pp. 419-425.

[121](#) Trata-se de Manés e do maniqueísmo. A história do maniqueísmo foi renovada pelas descobertas recentes de uma parte no Turquestão, e de outra parte, no Egito. Foi, provavelmente, em 302 que Diocleciano promulgou um edito contra os maniqueus, a fim de frear os progressos da nova doutrina.

[122](#) Informação importante: é, ao que parece, a primeira vez que se fala de cristão-católico ortodoxo ensinando a filosofia de Aristóteles. Cf. A.-J. FESTUGIÈRE, *L'ideal religieux des Grecs et l'Évangile*. Paris, 1932, pp. 221-263: Excursus C, "Aristote dans la littérature grecque chrétienne"; J. DE GHELLINCK. "Un aspect de l'opposition entre hellénisme et christianisme: l'attitude vis-à-vis de la dialectique dans le débats trinitaires", em *Patristique et Moyen Âge*, t. III, Gembroux, 1948.

[123](#) Pelo final do século III e começo do IV, o número de fiéis instruídos crescera consideravelmente na Igreja e Eusébio o sublinha como argumento apologético. Mas bons intelectuais permaneciam ainda por longo tempo refratários. No Ocidente, demoraram ainda mais que no Oriente para se achegarem à Igreja. Entretanto, mesmo no Oriente, o alto ensinamento ficou, ainda durante todo o séc. IV até o começo do VI, quase inteiramente nas mãos dos pagãos.

LIVRO OITAVO

Em sete livros inteiros, expusemos como se realizou a sucessão dos Apóstolos. Nesse oitavo, julgamos que os eventos contemporâneos fazem jus a registro especial e devem ser da maior necessidade transmitir tal notícia à posteridade. Daí, por conseguinte, tomaremos o ponto de partida de nossa narração.

CAPÍTULO 1

Precedentes da perseguição contemporânea

1. Ultrapassa nossas forças expressar de modo adequado a grandeza e a qualidade do respeito e da liberdade de que, antes da perseguição contemporânea, usufruía a pregação da religião do Deus do universo, anunciada por Cristo a todos os homens, gregos e bárbaros, a fim de ser vivida.

2. Comprova-o a benevolência dos príncipes para com os nossos. Chegavam a confiar-lhes o governo de províncias e a livrá-los da angústia ocasionada pela obrigação de sacrificar, pois sentiam grande simpatia por nossa religião.^{[124](#)}

3. Que dizer dos que residiam na corte imperial e dos próprios príncipes? Eles permitiam aos familiares, às esposas, aos filhos, aos servos agir em sua presença com liberdade relativamente à religião, por palavras e obras, sendo-lhes de certo modo lícito gloriar-se do livre exercício da fé.^{[125](#)} Consideravam-nos mais dignos de favor que seus companheiros de serviço.

4. Tal foi o célebre Doroteu, o mais benévolo e fiel de todos, e por isso mais honrado entre os magistrados e governadores; com ele também o famoso Gorgônio, e muitos outros considerados igualmente dignos da mesma honra, por causa da palavra de Deus.

5. Notava-se também o acolhimento que recebiam os chefes de cada Igreja da parte de todos os procuradores e governadores. Como ainda descrever as inúmeras assembléias e a multidão das reuniões em cada cidade e os notáveis concursos de povo nas casas de oração? Por este motivo, não bastavam mais as construções antigas, e em cada cidade, elevavam-se espaçosas e amplas igrejas.^{[126](#)}

6. Inveja alguma impedia esse progresso no decurso do tempo bem como aumento diário de grandeza, nem conjurações humanas os entravavam, nenhum demônio maligno era capaz de exercer seus malefícios em contrário, pois a mão divina e celeste envolvia e protegia seu povo, que aliás bem o merecia.

7. Mas, a inteira liberdade degenerou em relaxamento e descuido. Nós nos invejávamos, injuriávamos mutuamente, e quando havia oportunidade, pouco faltava para que nos combatêssemos com as armas, ou com as lanças das palavras; os chefes em desavença com os chefes, o povo contra o povo. A maldita hipocrisia e a dissimulação haviam atingido o mais alto grau de malícia. Então, como habitualmente, o juízo de Deus, que governava com suavidade e medida, era protelado (ainda se reuniam as assembléias). Foi entre os irmãos que pertenciam ao exército que começou a perseguição.

8. Com certa insensibilidade, descuidávamos de tornar a divindade propícia em nosso favor. Agíamos como ateus, julgando não constituírem nossos interesses objeto de solicitude e vigilância divina e acumulávamos as maldades, umas sobre as outras. Os pretensos pastores, desdenhando as normas da

piedade, lançavam-se apaixonadamente em mútuas contendas; nada mais faziam que entregar-se a disputas, ameaças, invejas, inimizades e ódios recíprocos; ambicionavam ardentemente o poder, qual tirania.¹²⁷ Procediam segundo a palavra de Jeremias: “O Senhor, em sua ira, escureceu a filha de Sião! Do céu, precipitou sobre a terra a glória de Israel! No dia de sua ira esqueceu-se do estrado de seus pés. O Senhor afogou todas as belezas de Israel e demoliu todas as fortalezas” (Lm 2,1-2).

9. E realizavam a profecia dos salmos: “Renegaste a aliança do teu servo e até o chão profanaste”, pela ruína das igrejas, “seu santuário e fizeste brechas em seus muros todos, e arruinaste as suas fortalezas. Todos os que passavam no caminho o pilharam, tornou-se um opróbrio para seus vizinhos. Pois o Senhor exaltou a direita dos seus opressores, e retirou-lhe o socorro da espada. Não o sustentou no combate. Ainda o despojou da expiação, derrubou seu trono por terra, encurtou os dias da sua juventude e a todos cobriu de vergonha” (Sl 88,40-46).

CAPÍTULO 2

Destruição das igrejas

1. Todas essas coisas, efetivamente, se realizaram em nossa época, quando vimos com nossos próprios olhos as casas de oração completamente arrasadas, de alto a baixo, as Escrituras divinas e sagradas entregues ao fogo no meio de praças públicas, os pastores das igrejas dissimulando-se vergonhosamente aqui e ali ou capturados ignominiosamente e insultados pelos inimigos; quando, segundo outra palavra profética: “Foi espalhado o desprezo sobre os príncipes, e ele os fez vagar por lugares ínvios e não andar pelos caminhos” (Sl 106,40).

2. Mas não nos cabe pormenorizar as tristes desgraças que no final lhes advieram, pois não é nosso propósito entregar à memória dos pósteros suas recíprocas dissensões e loucuras antes da perseguição. Por esta razão, decidimos nada contar a seu respeito além daquilo que nos permite verificar como foi justo o juízo de Deus.

3. Não quisemos, portanto, rememorar os que foram submetidos à prova durante a perseguição, ou que totalmente naufragaram na questão da própria salvação e que, por livre vontade, se precipitaram em ondas profundas. Narraremos apenas, nesta história universal, o que traria utilidade, em primeiro lugar a nós mesmos, e em seguida aos pósteros. Partimos agora para a descrição abreviada dos combates sagrados dos mártires do Verbo divino.

4. No décimo nono ano do reinado de Diocleciano, no mês de Distros (que os romanos denominam março), na proximidade da festa da Paixão do Salvador, por toda a parte foram afixados os editos imperiais que ordenavam arrasar as igrejas até os alicerces e jogar as Escrituras ao fogo.¹²⁸ Proclamavam cassados os que estavam em função e privados da liberdade os que se achavam a serviço de particulares, se permanecessem fiéis a sua profissão de cristãos.

5. Tal foi o primeiro edito contra nós; pouco tempo depois, apareceram outros editos, ordenando primeiro que se pusessem no cárcere por toda a parte os chefes das Igrejas; logo em seguida, que se utilizassem todos os meios para forçá-los a sacrificar.

CAPÍTULO 3

Procedimento dos cristãos nas lutas da perseguição

1. Então, número enorme de chefes das Igrejas suportaram corajosamente terríveis sofrimentos e ofereceram o espetáculo de grandes combates. Muitíssimos, contudo, entorpecidos pela

pusilanimidade, fraquejaram prontamente ao primeiro embate. Dos primeiros, cada qual suportou determinado gênero de suplício. Um teve o corpo ferido pelos flagelos, outro foi atormentado pelas torturas intoleráveis do cavalete e das unhas de ferro, sob as quais alguns logo chegaram a miserável termo de vida.

2. Alguns ainda diversamente enfrentaram o combate. Um, com efeito, depois de violentamente empurrado e introduzido para junto dos sacrifícios abomináveis e impuros, foi despedido como se houvesse sacrificado, embora não o tivesse feito. Outro, que nem mesmo se aproximara, absolutamente, e nada tocara de maculado, partiu, suportando em silêncio a calúnia de alguns que asseguravam ter ele sacrificado; outro, retirado semivivo, foi atirado fora como se já estivesse morto.

3. Outro, ainda uma vez prostrado no chão, pelos pés foi arrastado por longo percurso, e contado entre os que haviam sacrificado. Um ainda gritava em alta voz que recusara sacrificar; outro proclamava ser cristão e gloriava-se de confessar o nome do Salvador; outro assegurava que não havia sacrificado e jamais sacrificaria.

4. Entretanto, mesmo estes, depois de serem batidos na boca e reduzidos ao silêncio pelos golpes repetidos de um destacamento de soldados dispostos para tal, atingidos na face e esbofeteados, eram lançados fora violentamente. Era assim que os inimigos da religião julgavam de grande valor aparentarem ter vencido, após a utilização de todos os recursos. Mas tais meios nada obtinham dos santos mártires. Que palavras bastariam para uma apurada narrativa dos fatos?

CAPÍTULO 4

Como os mártires de Deus, merecedores de ser celebrados em hinos, deixaram lugares repletos de sua memória, depois de terem cingido pela piedade diferentes coroas

1. De fato, poder-se-ia contar que milhares de fiéis demonstraram admirável coragem relativamente à religião do Deus do universo, não somente desde o tempo em que surgiu a perseguição geral, mas bem antes, no tempo em que ainda reinava a paz.

2. Com efeito, muito recentemente quem havia recebido o poder (cf. Jo 19,10-11) como se acordasse de profundo sono, após o intervalo decorrido desde Décio e Valeriano, empreendeu a luta contra as igrejas, secreta e ocultamente. Não começou de uma vez a luta contra nós, mas concentrou os esforços apenas contra os que estavam nos acampamentos, pois julgava que, se previamente vencesse no combate contra eles, captaria facilmente os outros. Viu-se grande número dos componentes das fileiras do exército abraçarem voluntariamente a vida privada a fim de não se tornarem apóstatas da religião do Criador do universo.¹²⁹

3. Pois, ao empreender um comandante do exército, fosse quem fosse, a perseguição contra as tropas, discriminando e depurando entre os que serviam nos acampamentos, oferecia-lhes a opção de obedecer a fim de se manterem em sua categoria, ou, ao contrário, serem rebaixados, se à ordem se opusessem. Grande número de soldados do reino de Cristo preferiu, sem demora nem hesitação, a confissão de Cristo à glória aparente e à situação honrosa.

4. Nesta ocasião, sucedeu raramente que, um ou outro dentre os fiéis teve de pagar sua piedosa resistência não somente com a perda de sua posição, mas com a morte. Quem dirigia o processo, agia precavidamente. Não ousava avançar até a efusão do sangue senão relativamente a poucos, temendo talvez a multidão dos fiéis e recuando, receoso de excitar de uma só vez a guerra contra todos.

5. Mas, quando decidiu atacar de maneira mais manifesta, torna-se impossível exprimir em palavras o número e a qualidade dos mártires de Deus que os habitantes das cidades e dos campos viram com os próprios olhos.

CAPÍTULO 5

Os de Nicomédia

Assim, logo que foi afixado em Nicomédia o edito contra as Igrejas, sucedeu que um homem, de forma alguma obscuro, mas dos mais ilustres, um dignitário secular, impelido pelo zelo de Deus e movido pelo ardor da fé, retirou, como sendo ímpio e absolutamente irreligioso, o aviso colocado em evidência num lugar público e o rasgou, na ocasião em que dois imperadores, o mais antigo e o que ocupava o quarto lugar no governo, achavam-se presentes na cidade. Este, contudo, foi o primeiro dos habitantes do país a se destacar de tal maneira; e logo, como é óbvio, suportou as conseqüências de tamanha audácia, mas até o último suspiro conservou a tranqüilidade e a calma.

CAPÍTULO 6

Os residentes nos palácios imperiais

1. Entre todos os que alguma vez foram celebrados como admiráveis e famosos pelo valor entre os gregos, ou entre os bárbaros, as circunstâncias puseram em evidência os mártires santos e gloriosos, Doroteu e os servidores imperiais que o cercavam. Elevados por seus senhores à mais alta dignidade e gratificados por eles com sentimentos reservados a filhos genuínos, consideraram riqueza realmente maior que a glória e os prazeres do mundo, os opróbrios, as penas, os gêneros de morte diversos, recém-descobertos contra eles e por eles suportados em prol da religião. Relembraremos apenas um só, referindo qual o fim de sua vida, e deixando assim aos leitores a conclusão da sorte dos outros em semelhante caso.

2. Um homem foi levado publicamente, na supramencionada cidade, perante os referidos imperadores. Recebeu ordem de sacrificar. Como recusasse, suspenderam-no despido e dilaceraram-lhe todo o corpo com flagelos para que, vencido, cumprisse, contra a vontade, o que lhe era ordenado.

3. Visto que ele sofria sem se alquebrar, e quando os seus ossos já estavam descobertos, tomaram uma mistura de vinagre e sal e derramaram-na sobre as partes do corpo completamente estraçalhadas. Visto que ele desprezava ainda esses tormentos levaram para o tribunal uma grelha e fogo e, como se costuma fazer com a carne para comer, estenderam sobre o fogo o que ainda restava de seu corpo, não porém de maneira brutal, a fim de que não morresse rapidamente, mas pouco a pouco; e os que o estenderam sobre o fogo não tinham a permissão de desamarrá-lo antes que, na seqüência de tais sofrimentos, não consentisse, por sinal, àquilo que lhe era ordenado.

4. Mas ele, sem desfalecer, conservou sua resolução e invicto entregou a alma no meio dos suplícios. Tal foi o martírio de um dos servos imperiais. Chamava-se Pedro e mostrou-se à altura do nome.

5. Mantendo-nos dentro dos limites desta obra, omitiremos a descrição dos suplícios dos outros, em nada menores. Registraremos apenas que Doroteu e Gorgônio, unidos a muitos outros domésticos da família imperial, após variados combates, perderam a vida estrangulados e alcançaram de Deus o prêmio da vitória.

6. Nesta ocasião, Antimo, então à frente da Igreja de Nicomédia, teve a cabeça cortada por causa do testemunho prestado a Cristo. A este uniu-se incontável multidão de mártires, em conseqüência de um

incêndio que, não se sabe como, propagou-se naqueles dias no palácio imperial de Nicomédia. Por falsa suspeita, espalhou-se a fama de que havia sido ateadado pelos nossos e então globalmente, sem distinção, por ordem imperial, dentre os cristãos do lugar, uns foram degolados pela espada, outros mortos pelo fogo. Conta-se que, levados por inenarrável zelo divino, homens e mulheres se lançaram nas chamas. Os carrascos amarraram muitos outros em barcos e os precipitaram no fundo do mar.

7. Após a morte, ao menos os servos imperiais tinham sido sepultados com as devidas honras; aqueles que eram considerados seus senhores, tomando nova decisão, julgaram ser preciso exumá-los e lançá-los ao mar, no intuito de evitar que, se repousassem em monumentos, fossem adorados e tidos por deuses. Ao menos, assim eles pensavam. Tais foram os eventos em Nicomédia, no começo da perseguição.

8. Pouco tempo depois, havendo alguns habitantes da região chamada Melitene e outros ainda da Síria tentando apossar-se do império, veio uma ordem imperial de lançar os chefes das igrejas em prisão e cadeias por toda a parte.

9. O espetáculo do que sucedeu nessas circunstâncias supera toda narrativa. Em toda parte, inumerável multidão era aprisionada e em geral os cárceres, outrora preparados para assassinos e violadores de túmulos, estavam cheios de bispos, padres, diáconos, leitores e exorcistas, de sorte a não restar mais lugar para os condenados por seus crimes.

10. Os primeiros editos foram novamente seguidos de outros, segundo os quais os prisioneiros que sacrificassem recuperariam a liberdade, enquanto os que resistissem seriam atormentados por inúmeros suplícios. Como, desta vez ainda, seria possível enumerar a multidão dos mártires de cada província e sobretudo da África, Mauritânia, Tebaida e Egito? Neste último país, certo número já havia emigrado para outras cidades ou províncias, onde se distinguiram pelo martírio.

CAPÍTULO 7

Os egípcios que se achavam na Fenícia

1. Conhecemos, sem dúvida, os que dentre eles se ilustraram na Palestina, mas conhecemos também os de Tiro, na Fenícia. Quem não se admiraria ao ver as inumeráveis chicotadas, e sob os golpes, a paciência dos atletas da religião, verdadeiramente maravilhosa e logo após os flagelos, o combate contra as feras devoradoras, os ataques de leopardos, diversos ursos, javalis, touros enfurecidos pelo aguilhão de ferro e fogo e diante de todas essas feras, a espantosa capacidade de suportar destes heróis?

2. Nós próprios assistimos a estas cenas, verificando a presença e a ação manifesta nos mártires do poder divino de nosso Salvador Jesus Cristo, a quem prestavam testemunho. As feras devoradoras não ousavam, durante muito tempo, tocar os corpos dos amigos de Deus, nem mesmo aproximar-se, mas era contra os outros, a excitá-las de fora com alguma provocação, que elas se arrojavam. Os santos atletas, sozinhos, nus, agitavam as mãos para atrair as feras (pois assim tinham ordem de fazer), mas não eram absolutamente tocados. Se por vezes lançavam-se contra eles, retidas por certa força divina, recuavam.

3. Se a cena era muito prolongada ocasionava grande espanto entre os espectadores; após o fracasso com a primeira fera, lançavam segunda e terceira contra um só e mesmo mártir.

4. Admirava-se a força intrépida destes santos e a firme e inflexível resistência que continham esses jovens corpos. Via-se, por exemplo, um rapaz que ainda não completara vinte anos, estar de pé, sem

liames, com os braços estendidos em forma de cruz, a prolongar as preces à Divindade, de mente intrépida e imperturbável, na mais perfeita tranqüilidade, imóvel, sem se afastar do lugar, enquanto ursos e leopardos, respirando furor e morte, quase lhe tocavam a carne, mas, não se sabe como, por efeito de inefável poder divino, tinham a goela fechada e bem depressa recuavam. Tal era este jovem.

5. Podia-se ainda ver outros (eram cinco ao todo), jogados diante de um touro furioso. Este, com os chifres, lançava para cima os outros, os pagãos, que se adiantavam e, depois de os ter dilacerado, deixava-os semimortos. Após se ter precipitado, furioso e ameaçador, contra os santos mártires, somente deles não conseguia aproximar-se; batia as patas e sacudia os chifres para cá e para lá. Mas quando, excitado com ferro em brasa, respirava furor e ameaça, era puxado para trás pela Providência divina, de sorte que jamais exerceu contra eles violência alguma; então lançaram outras feras.

6. Mas, por fim, após estas terríveis e variadas provas, todos foram degolados pela espada e em vez de serem depositados em túmulos, foram entregues às ondas do mar.

CAPÍTULO 8

Os do Egito

Assim sucedeu, portanto, o combate dos egípcios que, em Tiro, sustentaram publicamente a luta em prol da religião.

Poder-se-ia ainda admirar os que dentre eles prestaram testemunho em seu próprio país. Aí, milhares, homens, mulheres e crianças, desprezaram por causa da doutrina de nosso Salvador a vida temporal e suportaram vários gêneros de morte. Uns, após as unhas de ferro, os cavaletes, os flagelos mais cruéis, e mil tormentos variados e horríveis até de se ouvir, foram entregues ao fogo; outros ainda foram afogados no mar; outros enfim, corajosamente, estendiam o pescoço aos que deviam cortá-lo; outros morreram no meio das torturas; outros sucumbiram à fome; outros enfim foram crucificados, uns de maneira ordinária pelos malfeitores, outros de maneira pior, pois foram pregados com a cabeça para baixo e deixados viver até que morressem de fome.

CAPÍTULO 9

Os de Tebaida

1. Superam qualquer descrição os ultrajes e tormentos suportados pelos mártires da Tebaida.¹³⁰ Eles eram rasgados no corpo por meio de conchas em lugar de unhas de ferro, e isso até que perdessem a vida. Mulheres eram amarradas por um pé, elevadas no ar, suspensas com a cabeça para baixo por meio de roldanas, com o corpo inteiramente nu. Elas apresentavam um espetáculo ignominioso, o mais cruel de todos e o mais inumano de todos aos olhos que as viam.

2. Outros ainda morriam amarrados a árvores e aos ramos: por meio de máquinas aproximavam-se os ramos mais forte um do outro, fixavam-se as pernas dos mártires, depois soltavam-se os ramos num só golpe de sorte que cada um voltava-se ao seu lugar natural; assim arrancava-se de um só golpe os membros sobre os quais exercitava-se esse suplício.

3. Esses tormentos não duraram somente uns dias, nem curto espaço de tempo, mas no prolongado decurso de anos inteiros. Algumas vezes mais de dez ou vinte eram mortos; por vezes, havia não menos de trinta, e em certas ocasiões seu número era cerca de sessenta; de outra vez ainda, num só dia, cem homens foram mortos juntos, com criancinhas e mulheres, condenados a castigos variados e sucessivos.

4. Nós mesmos vimos, estando no próprio local, grande número de mártires sofrerem juntos, num só dia, uns a decapitação, outros o suplício do fogo, de tal forma que se o ferro mortífero ficava embotado e gasto era esmigalhado e os próprios carrascos, fatigados, alternavam-se uns aos outros.
5. Então, contemplamos o admirável ardor, o poder verdadeiramente divino, a coragem dos que acreditaram no Cristo de Deus. Pois, enquanto se pronunciava a sentença contra os primeiros, alguns acorriam de outro lado para o tribunal, diante do juiz. Declaravam-se cristãos, sem se inquietarem por causa dos tormentos nem das diversas espécies de suplícios aos quais se expunham; mas falavam com inteira liberdade, corajosamente, da religião do Deus do universo e recebiam alegres, risonhos, bem-humorados a sentença final de morte, cantando hinos e dando graças ao Deus do universo até o último suspiro.
6. Eles certamente eram admiráveis, mas havia outros muito mais admiráveis, especialmente os que se destacavam pela fortuna, nascimento, glória, eloquência, filosofia e que, contudo, colocavam tudo isto em segundo plano, diante da verdadeira religião e da fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo.
7. Tal era Filoromo, a quem fora confiado cargo importante na administração imperial em Alexandria e que, conforme a sua dignidade e posição entre os romanos, era escoltado por soldados, ao realizar julgamentos diários. Tal ainda era Fíleas, bispo da igreja de Thmuis, que se ilustrara em funções públicas e cargos na pátria, e também pelo conhecimento da filosofia.
8. Enquanto grande número de consangüíneos e amigos, bem como os magistrados em função suplicavam-lhes e além disso o próprio juiz os exortava a compadecerem-se de si mesmos e pouparem seus filhos e mulheres, eles não se deixaram convencer a optar pelo amor da vida temporal e desprezar as normas de nosso Salvador acerca da confissão e da apostasia. Com reflexão corajosa e digna de filósofos, ou antes com alma religiosa e amiga de Deus, resistiram a todas as ameaças e insultos do juiz, e ambos tiveram a cabeça cortada.

CAPÍTULO 10

Narrativas do mártir Fíleas sobre os acontecimentos em Alexandria

1. Uma vez que dissemos ter sido Fíleas digno de muita consideração por causa de seus conhecimentos profanos, venha ele mesmo, com seu próprio testemunho, mostrar simultaneamente o que era e referir, mais exatamente do que o faríamos, os martírios que sucederam, em sua época em Alexandria. São palavras suas:

TRECHO DA CARTA DE FÍLEAS AOS HABITANTES DE THMUIS

2. “Visto que todos esses exemplos, modelos, belos ensinamentos foram postos para nós nas divinas e Sagradas Escrituras, os bem-aventurados mártires que estavam conosco, sem hesitação alguma, fixando com toda pureza os olhos da alma no Deus do universo e, dispostos espiritualmente à morte pela religião, apegaram-se firmemente a sua vocação, descobrindo que nosso Senhor Jesus Cristo se fez homem por nossa causa, a fim de destruir todo pecado e obter-nos os recursos necessários para entrar na vida eterna. Pois, ‘sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo até à morte, e morte de cruz’ (Fl 2,6-8).
3. ‘Por esta razão, desejando os mais altos carismas’, (cf. 1Cor 12,31) os mártires portadores de Cristo não sofreram uma vez só todas as penas e tormentos excogitados, mas alguns dentre eles pela segunda

vez, e as ameaças que os guardas consideravam ponto de honra lhes dirigir, não exclusivamente por palavras, porém igualmente por atos; eles, contudo, não traíram seu propósito, porque ‘o perfeito amor lança fora o temor’ (1Jo 4,18).

4. Que discurso bastaria para explicar a virtude e a coragem demonstradas em cada suplício? Como a todos os que quisessem era lícito maltratá-los, uns batiam com bastões, outros com varas, outros com chicotes, outros ainda com correias, outros enfim com cordas.

5. Resultante de grande maldade era a cena sempre renovada desses ultrajes. Com efeito, alguns amarraram-lhes as mãos por trás, suspenderam-nos aos cavaletes estirados em todos os seus membros por meio de tenazes; depois, neste estado, os carrascos receberam ordem de os esfolar em todo o corpo, não somente os seus flancos, mas ainda seu ventre e todas as outras partes do corpo, mutilando-o com seus instrumentos. Outros, amarrados a um pórtico por uma só mão, eram suspensos: era um sofrimento mais cruel do que todos os outros, pois todas as articulações de seus membros eram estiradas. Outros ainda eram amarrados a colunas, face a face uns aos outros, sem que os pés tocassem no chão e pelo peso do corpo as cordas esticavam-se e fechavam-se violentamente.

6. E sofriam tais suplícios não somente enquanto o governador os interrogava sem tréguas, mas quase durante um dia inteiro. Pois, ao passarem a outros, deixava agentes subalternos instalados perto dos primeiros para verificarem se talvez algum, vencido pelos sofrimentos, cederia, e com a ordem impiedosa de aumentar ainda os tormentos; e depois disso, mandava descer os que morriam, e jogava-os por terra.

7. Nossos adversários não tinham para conosco a menor consideração, mas nos olhavam e nos tratavam como se nada fôssemos; haviam descoberto esse segundo suplício após o dos ferimentos.

8. Depois desses tormentos, uns ficavam deitados de costas no cavalete, impossibilitados de ficar de pé por causa dos ferimentos recentes causados pelos golpes que haviam recebido em todo o corpo. Outros, jogados no chão, jaziam sob as penas repetidas das torturas, oferecendo aos espectadores uma visão mais cruel que a dos suplícios, porque traziam no corpo as marcas diversas e variadas dos suplícios.

9. Assim estando as coisas, uns sucumbiam nas torturas, fazendo o adversário corar de vergonha diante de sua coragem; outros meio mortos, encerrados juntos na prisão, expiravam poucos dias depois, esgotados pelos sofrimentos; os outros, tendo obtido a cura em consequência do tratamento, tornavam-se mais corajosos por efeito do tempo e da permanência na prisão.

10. Deste modo, pois, ao lhes ser ordenado escolher, ou serem libertados depois de tocarem o ímpio sacrifício e assim obterem a maldita liberdade, ou, se não sacrificassem, recebiam a sentença capital, sem hesitação e, alegremente, caminhavam para a morte. Conheciam, de fato, a prescrição das Sagradas Escrituras: ‘Quem sacrificar a outros deuses será entregue ao anátema’ (Ex 22,19); e: ‘Não terás outros deuses diante de mim’ ” (Ex 20,3).

11. Tais as palavras que o mártir, verdadeiro filósofo e igualmente amigo de Deus, havia endereçado aos irmãos de sua comunidade, antes da sentença final, enquanto estava ainda na prisão. Juntamente descrevia as provas a que estava submetido e exortava os irmãos a permanecerem totalmente na religião de Cristo, mesmo depois que ele tivesse consumado o martírio, o que aconteceria em breve.

12. Mas, seria preciso contar uma longa história e descrever os novos combates que sempre se sucediam dos santos mártires em todo o mundo, sobretudo dos que não eram tratados segundo a lei

comum, mas, ao invés, quais inimigos sitiados numa guerra?

CAPÍTULO 11

Os da Frígia

1. Foi então, efetivamente, que uma cidadezinha inteira, povoada por cristãos, na Frígia, foi cercada com seus habitantes, por soldados que atearam fogo e os queimaram a todos, até crianças e mulheres, que invocavam o Deus do universo. Assim sucedeu porque, globalmente, todos os habitantes da cidade e o próprio curador, os magistrados, os que exerciam cargos, com o povo inteiro, se haviam declarado cristãos e não tinham obedecido aos que lhes ordenavam que adorassem os ídolos.

2. Outro cristão ainda, de nome Adauto, era dignitário romano. Pertencente a ilustre família da Itália, fora promovido a todas as funções junto dos imperadores, de sorte que passara de modo irrepreensível pelos postos da administração geral. Eles denominam esses cargos *magistros* e *catholicos*. Além disso, distinguira-se por sua retidão na piedade e sua confissão a respeito do Cristo de Deus. Foi ornado com a coroa do martírio e suportou o combate pela religião, durante o próprio exercício de seu cargo.¹³¹

CAPÍTULO 12

Muitos outros, homens e mulheres, que combateram de diversas maneiras

1. Faz-se mister agora nomear os outros, ou enumerar a multidão dos homens, ou descrever os variados tormentos dos admiráveis mártires? Uns morriam sob os golpes do machado como sucedeu aos da Arábia; a outros quebravam-se-lhes as pernas, como aconteceu com os da Capadócia; outras vezes eram suspensos pelos pés e a cabeça para baixo, enquanto um fogo brando queimava debaixo deles, e eles eram sufocados pela fumaça produzida pela matéria inflamada, como foram mortos os da Mesopotâmia; outras vezes ainda cortavam-lhes o nariz, as orelhas e despedaçavam-lhes os outros membros e partes do corpo, como sucedeu aos de Alexandria.

2. Será necessário reavivar a lembrança dos mártires de Antioquia, assados sobre grelhas, não para fazê-los morrer, mas para os supliciar longamente. Uns preferiam pôr a mão direita ao fogo a tocar no ímpio sacrifício. Alguns, ao fugirem da prova, antes de serem presos e caírem nas mãos dos adversários, precipitavam-se por si mesmos do alto das casas, julgando que morrer constituía um meio de se furtarem à crueldade dos ímpios.

3. Uma mulher, santa e admirável pela força de alma, era, aliás, decantada em Antioquia pela riqueza, nascimento, reputação, e educara nas normas da religião suas filhas, ambas virgens, notáveis pela graça corporal e a flor da idade. Cheios de malignidade contra elas, muitos empregavam todos os meios para descobrir seu esconderijo. Soube-se em seguida que viviam em outro lugar. Astuciosamente foram chamadas a Antioquia, onde caíram nas redes dos soldados. Vendo-se a si mesma e a suas filhas em situação embaraçosa, a mãe lhes explicou numa conversa as coisas terríveis que lhes adviriam da parte dos homens, e a prova mais insuportável de todas, a ameaça da desonra, que nem mesmo era de se ouvir; animava-se a si e às filhas, declarando que entregar a vida à servidão dos demônios era pior que a morte e qualquer espécie de trespasse. Sugeriu-lhes que havia um só meio de escapar de todos esses males: fugir para junto do Senhor.

4. Então, elas concordaram. Arranjaram as vestes com decoro em torno do corpo, e no meio do caminho, tendo pedido aos guardas que se afastassem um pouco, jogaram-se no rio que corria ao lado.¹³²

5. Elas agiram, pois, espontaneamente. Mas, na mesma cidade de Antioquia, duas virgens, em tudo agradáveis a Deus e verdadeiramente irmãs, ilustres de nascimento e célebres pela fortuna, jovens em anos, fisicamente belas, de espírito nobre, respeitáveis no comportamento, admiráveis pelo zelo, por ordem dos escravos dos demônios foram precipitadas no mar, como se a terra não fosse digna de retê-las. Eis o que se refere a esses mártires.
6. Outros sofreram no Ponto tormentos espantosos até de se ouvir: alguns tinham os dedos transpassados por cravos pontiagudos que lhes eram enfiados sob as extremidades das unhas; para outros fundia-se chumbo ao fogo depois derramavam sobre suas costas essa matéria ardente e assavam-se-lhes as partes mais necessárias de seus corpos.
7. Outros suportavam, nos membros secretos e nas entranhas, dores humilhantes, impiedosas e impossíveis de descrever, que juízes de origem nobre e respeitosos das leis os inventavam zelosamente, manifestando sua crueldade, qual ápice de sabedoria. Excogitavam sempre novos suplícios, e esforçavam-se por se superarem mutuamente, como se tratasse de disputa de prêmio numa competição.
8. Somente se atingiu o termo dessas calamidades quando, fatigados aliás pelo excesso de males, cansados de matar, saciados e fartos de sangue derramado, tenderam para o que lhes parecia melhor e humanitário, de sorte que já não empreendiam crueldades contra nós.
9. Efetivamente, diziam eles, não convém manchar as cidades com o sangue dos cidadãos, nem fazer com que se acuse de cruel o soberano poder dos príncipes, para com todos benevolente e suave; antes é necessário estender a todos a beneficência do poder imperial, cheio de filantropia e não mais punir com a pena de morte. Conforme eles julgaram, com efeito, esta pena foi abolida em nosso favor, por causa da filantropia dos príncipes.
10. Então foi dada ordem de arrancar os olhos e de mutilar uma das duas pernas; porque para eles era essa a filantropia e as penas mais leves executadas contra nós. A partir de então, por causa dessa filantropia dos ímpios, não é mais possível calcular o número dos que, com desprezo de toda razão, arrancavam-lhes o olho direito com um punhal e era lançado a seguir ao fogo; a outros paralisavam-lhes o pé esquerdo cauterizando-lhe a articulação. Depois do que, os mártires eram condenados a trabalhar nas minas de metal de cada província, não em vista do serviço (que eles assim prestavam), mas a fim de estarem sujeitos a maus-tratos e tormentos. Além de todos esses mártires, outros pereceram em diferentes combates, mas é impossível descrevê-los, pois seus atos de coragem superam qualquer narrativa.
11. Nesses combates, brilharam, em toda a terra, os magníficos mártires de Cristo e, como é natural, deixaram assombradas as testemunhas de sua coragem. Apresentaram em si provas evidentes do poder verdadeiramente divino e inefável de nosso Salvador. Fazer menção dos nomes de cada um seria longo, para não dizer impossível.

CAPÍTULO 13

Chefes da Igreja que comprovaram com o próprio sangue a autenticidade da religião de que eram embaixadores

1. Entre os chefes da Igreja que prestaram testemunho em cidades célebres, o primeiro que devíamos proclamar como mártir, em colunas erigidas em honra dos santos do reino de Cristo, é Antimos, bispo da cidade de Nicomédia, cuja cabeça foi cortada.

- 2.** Depois, entre os mártires de Antioquia e desta comunidade, um sacerdote excelente por sua vida, Luciano, que, em Nicomédia, na presença do imperador, anunciou o reino celeste de Cristo, primeiro por uma apologia, em seguida também por seus feitos.
- 3.** Dentre os mártires da Fenícia, sejam muito decantados os pastores do rebanho espiritual de Cristo, em tudo agradáveis a Deus: Tiranion, bispo da Igreja de Tiro, Zenóbio, sacerdote da Igreja de Sídon, e ainda Silvano, bispo das Igrejas de Emesa.
- 4.** Este, com seus companheiros, tornou-se alimento das feras, na própria Emesa, e foi incluído nas fileiras dos mártires. Os dois outros, em Antioquia, glorificaram a palavra de Deus, por sua paciência até a morte: o bispo foi lançado nas profundezas do mar; o outro, Zenóbio, ótimo médico, morreu corajosamente nas torturas que lhe foram infligidas nos flancos.
- 5.** Entre os mártires da Palestina, Silvano, bispo das igrejas de Gaza, com outros trinta e nove, teve a cabeça cor-tada nas minas de cobre de Faino. Lá também, Peleu e Nilo, bispos egípcios, sofreram com outros a morte pelo fogo.
- 6.** Relembramos também entre eles a grande glória da comunidade de Cesaréia, o sacerdote Pânfilo, o mais admirável de nossos coetâneos, cujo mérito de belas ações des-creveremos, em tempo oportuno.
- 7.** Dos que morreram gloriosamente em Alexandria, em todo o Egito e em Tebaida, assinalemos em primeiro lugar Pedro, bispo de Alexandria, modelo divino dos doutores da religião de Cristo e seus companheiros sacerdotes, Fausto, Dios, Amônio, perfeitos mártires de Cristo; Fíleas, Hesíquio, Paquímio, Teodoro, bispos das Igrejas do Egito, além de milhares de outros cristãos ilustres, comemorados nas comunidades, por região e localidade. Confiar a registros os combates dos que, na terra inteira, lutaram pela religião de Deus e contar com exatidão tudo o que lhes aconteceu não nos compete, mas seria propriamente tarefa que incumbe às testemunhas oculares dos acontecimentos. Quanto aos que presenciei, fá-los-ei conhecidos de nossos contemporâneos por meio de outra obra.
- 8.** No presente escrito acrescentarei os fatos em desarmonia com os precedentes que reverteram contra nós e os acontecimentos desde o começo da perseguição, porque serão informações muito úteis aos leitores.
- 9.** Antes da guerra contra nós e durante todo o tempo em que as disposições dos príncipes a nosso respeito eram amigáveis e pacíficas, qual a afluência de bens que mereceu o império romano, de que prosperidade usufruiu? Que palavras bastariam para narrá-lo? Celebraram os soberanos imperadores do universo o décimo e o vigésimo ano de reinado, em meio a festas, jogos públicos, banquetes suntuosos, festins realizados em paz completa e duradoura.
- 10.** Assim crescia-lhe o poder sem obstáculos e diariamente grandemente progredia, quando, de repente, eles romperam a paz conosco e declararam-nos guerra implacável. O segundo ano desta agitação ainda não terminara, quando tal alteração revolucionou o império inteiro e transtornou os negócios públicos.
- 11.** Com efeito, infausta moléstia atingiu o primeiro dos príncipes mencionados, e em conseqüência disto sua inteligência soçobrou na loucura, de sorte que, juntamente com o que ocupava o segundo lugar, voltou à vida privada e particular. Ainda não terminara a questão, e o império foi dividido em dois,¹³³ coisa que, de maneira imemorial, jamais se produzira.
- 12.** Após pequeno intervalo, o imperador Constâncio que, durante toda a vida, tivera para com seus súditos disposições mais suaves e benignas, e para com a doutrina cristã sentimentos mais amigáveis,

deixou para substituí-lo o próprio filho Constantino, como imperador e Augusto; e terminou a vida, conforme a lei comum da natureza.¹³⁴ Foi o primeiro dos imperadores a ser por eles colocado entre os deuses, com as honras póstumas que se prestavam a um imperador, pois fora o mais clemente e suave dos imperadores.

13. Foi o único em nossa época a se portar de maneira digna do poder supremo durante toda a duração de seu principado, tendo-se mostrado, de resto, para com todos acolhedor e grande benfeitor. Jamais tomou parte na guerra contra nós; ao invés preservou de danos e maus-tratos os cristãos a seu serviço. Não destruiu igrejas, nem criou contra nós inovação alguma. Por isso, o fim de sua vida foi feliz e três vezes abençoado: somente ele morreu no exercício do poder suave e gloriosamente, junto de um herdeiro legítimo, seu filho muito prudente e piedoso em tudo.

14. Seu filho, Constantino, tendo sido logo proclamado imperador absoluto e Augusto pelos soldados e ainda bem antes deles, pelo próprio Deus, o Rei supremo, mostrou-se zeloso sucessor da piedade paterna para com nossa religião. Assim era ele. Nesta ocasião, Licínio foi proclamado imperador e Augusto por sufrágio unânime dos imperadores.

15. Tal fato desagradou intensamente a Maximino, até então denominado apenas César, de modo geral. Sendo totalmente tirânico, atribuiu a si mesmo a dignidade de Augusto, por si próprio declarando-se como tal. Nisto, ele que fora deposto, segundo se diz, mas reassumira o cargo, foi surpreendido prestes a urdir uma conjuração de morte contra Constantino. Então, pereceu de morte vergonhosa. Foi o primeiro imperador que teve destruídas as suas inscrições honoríficas, as estátuas e todas as ofertas que é costume apresentar, por ter sido ímpio e muito infame.

CAPÍTULO 14

Atitude dos inimigos da religião

1. Seu filho, Maxêncio, que em Roma governava tiranicamente, no início fingiu estimar a nossa fé,¹³⁵ no intuito de agradar e adular o povo romano e com este fito ordenou aos subordinados que suspendessem a perseguição contra os cristãos; simulou piedade a fim de aparentar maior capacidade de acolhimento e brandura que seus predecessores.

2. No entanto, a realidade não correspondeu às esperanças; entregou-se ao crime, não se absteve de ação alguma impura e vergonhosa, e deu-se ao adultério e à devassidão de toda espécie. Separava dos maridos as mulheres legítimas e depois dos maiores ultrajes, ele as restituía. Não se empenhava, porém, em tais delitos relativamente a homens obscuros ou incógnitos, mas era sobretudo para com os mais eminentes senadores romanos que tinha essa conduta desregrada.

3. Diante dele todos tremiam, povo e magistrados, ilustres e desconhecidos, cansados dessa terrível tirania. Apesar de se manterem quietos e suportarem a amarga escravidão, continuava inalterada a crueldade sanguinária do tirano. Efetivamente, sob insignificantes pretextos, ele entregava aos seus guarda-costas o povo para ser massacrado e eram eliminadas turbas incontáveis do povo romano, no meio da cidade, sob as lanças e todo gênero de armas, não dos citas ou bárbaros, mas dos próprios compatriotas.

4. Impossível enumerar quantos senadores ele fez perecer, com o desígnio de confiscar-lhes a fortuna, enquanto milhares de pessoas eram eliminadas por motivos forjados.

5. As maldades atingiram seu coroamento ao deixar-se o tirano induzir à magia. Com finalidades mágicas, ora fendia o ventre de mulheres grávidas, ora explorava as entranhas de crianças recém-

nascidas, ora degolava velhos; estabeleceu cerimônias secretas para exconjurар demônios e afastar o perigo da guerra. Tinha inteira confiança de que, por esses meios, garantiria a vitória.

6. Durante o tempo em que deteve o poder entre os romanos, não é possível expressar como atuou para escravizar os súditos. Até os alimentos de primeira necessidade se tornaram então extremamente raros e escassos que nem em Roma, nem em nenhuma outra parte conservaram nossos contemporâneos lembrança de coisa semelhante.

7. Tendo o tirano do Oriente, Maximino, estreitado secretamente amizade com o de Roma, irmão seu em malignidade, teve a precaução de manter o fato oculto durante muito tempo; mas finalmente descoberto, sofreu justo castigo.

8. É assombroso como se irmanava ao tirano de Roma, apresentando traços de parentesco, mas obtinha a primazia em malignidade e o prêmio da vitória em perversidade. De fato, ele julgava os primeiros feiticeiros e mágicos dignos das mais altas honras, porque era extremamente timorato e muito supersticioso, e dava a maior importância ao culto ilusório dos ídolos e demônios; sem ter consultado adivinhos e oráculos, era, por assim dizer, incapaz até de mover a ponta do dedo.

9. Por isso, perseguiu-nos com maior violência e intensidade que os predecessores. Ordenou a construção de templos em cada cidade e a restauração cuidadosa dos sagrados bosques destruídos no decurso do tempo. Estabeleceu sacerdotes dos ídolos em cada localidade e cidade e em grau superior, como sumo sacerdote de cada província, um dos magistrados que se houvesse ilustrado em todos os ramos administrativos, dando-lhes uma escolta de soldados e lanceiros. Não se envergonhou de conceder postos de governo e grandes privilégios a todos os feiticeiros, considerando-os homens piedosos e amigos dos deuses.^{[136](#)}

10. Além disso, vexava e oprimia não uma cidade só ou uma só região, mas sem exceção a todas as províncias sob suas ordens, por exações em ouro, prata e riquezas imensas, por pesadas imposições e todo gênero de injustiças. Arrebatando aos ricos a fortuna adquirida pelos antepassados, doava de uma só vez essas riquezas e montões de dinheiro aos aduladores da corte.

11. Na verdade, chegava a tal excesso de bebida e embriaguez que nos banquetes parecia louco e perdia a razão; bêbado, dava ordens tais que, no dia seguinte, ao voltar a si, ficava arrependido. Não consentia em ser superado relativamente à embriaguez e devassidão. Fez-se mestre da maldade para os chefes e subordinados da corte. Introduziu a devassidão no exército por toda espécie de prazer e intemperança; encorajava os governadores e chefes militares, por meio de rapinas e cupidez, a agirem para com os subordinados quais êmulos de sua tirania.

12. Será preciso lembrar as ações apaixonadas e vergonhosas deste homem ou contar a multidão daquelas que ele desonrou? Não lhe era possível atravessar uma cidade sem que, sempre, cometesse ali adultérios com mulheres e raptos de virgens.

13. Junto de todos, seus negócios foram bem-sucedidos, salvo somente junto aos cristãos: aqueles que desprezavam a morte não faziam nenhum caso de tal tirania. Os homens, com efeito, suportavam o fogo, o ferro, as crucificações, as bestas selvagens, os abismos do mar, a amputação e a queima dos membros, a rebentação e o arrancamento dos olhos, a mutilação do corpo inteiro, e além de tudo isso a fome, as minas e as prisões: em todas as coisas, eles mostravam sua paciência para dar testemunho da religião antes que transferissem aos ídolos a adoração devida a Deus.

14. Quanto às mulheres, não eram menos valentes que os homens pela doutrina do Verbo divino:

umas, submetidas aos mesmos combates que os homens, alcançaram prêmios iguais de virtude; outras, arrastadas à desonra, entregaram suas almas à morte antes que seus corpos à desonra.

15. Todavia, só uma das mulheres que foram violentadas pelo tirano, uma cristã muito distinta e muito ilustre de Alexandria, triunfou da alma pervertida e licenciosa de Maximino por uma corajosa firmeza: era, além disso, célebre por sua fortuna, seu nascimento, sua educação e colocava sua castidade acima de tudo. Ele implorou por ela; estava prestes a morrer, mas ele não era capaz de matá-la, porque sua paixão era mais forte que sua cólera; e, tendo-a condenado ao exílio, confiscou toda a sua fortuna.

16. Uma grande multidão de outras, incapazes de perceber da parte dos chefes das províncias a ameaça da desonra, sofreram toda espécie de suplícios e de torturas e a pena capital. Elas também foram admiráveis, mas, de uma maneira maravilhosa, mais admirável foi esta mulher de Roma, realmente a mais nobre e a mais casta de todas aquelas que tentou insultar Maxêncio, tirano deste império e imitador dos atos de Maximino.

17. Como ela tinha ouvido que aqueles que serviam o tirano por tais necessidades se encontravam junto dela — ela era cristã — e seu marido, que era prefeito dos romanos, tinha consentido por temor que eles a tomassem e a conduzissem, ela pediu um pouco de tempo, como se fosse se preparar, entrou em seu gabinete e, uma vez só, transpassou-se com uma espada e morreu imediatamente, deixando um cadáver a seus corruptores, mas mostrando aos homens daquele tempo e àqueles que deviam vir em seguida, por obras mais eficazes que a palavra, que a virtude é a única riqueza invencível e imperecível para os cristãos.

18. Tão grande foi o excesso de maldade que se espalhou simultaneamente, da parte dos dois tiranos aos quais estavam sujeitos o Oriente e o Ocidente. Quem, pois, ao procurar a causa de tais males, hesitaria em apontar a perseguição contra nós, sobretudo tendo em vista que a desordem não cessou enquanto os cristãos não recuperaram a liberdade?

CAPÍTULO 15

Eventos relativos aos de fora

1. Durante todos os dez anos de perseguição não houve pausa quanto a conjurações e guerra civil.¹³⁷ Os mares não eram mais navegáveis. Invariavelmente os que desembarcavam, fosse onde fosse, eram submetidos a uma tortura qualquer: eram estendidos sobre cavaletes, dilacerados nos flancos por suplícios variados, interrogados se vinham da parte dos inimigos, e enfim sofriam o suplício da cruz ou do fogo.

2. Além disso, só se via produção de escudos e couraças, setas e lanças, de outros armamentos de guerra, trirremes, e armas para combates marítimos. Em todo lugar era o que se ouvia, sem outra alternativa a não ser a do começo das lutas. Depois disso, a fome e a peste irromperam entre eles. Narraremos oportunamente essas calamidades.

CAPÍTULO 16

Feliz mudança nos negócios públicos

1. Tal situação perdurou por toda a perseguição, que, porém, tendo diminuído desde o oitavo ano, no décimo, pela graça de Deus, cessou completamente. Com efeito, quando a graça divina e celeste nos visitou com sua benevolência misericordiosa, então os imperadores atuais, os mesmos que outrora nos haviam combatido, mudaram de opinião de forma extraordinária e adotaram outra atitude. Com editos

favoráveis e mandamentos pacíficos, extinguiram o incêndio da perseguição que largamente se estendera.

2. Não houve motivo humano algum a ocasionar tal alteração: nem a compaixão dos príncipes, por assim dizer, nem sua filantropia. Longe disso! Pois diariamente, desde o começo até então, eles inventavam penas cada vez mais numerosas e duras contra nós; e ainda descobriam novos suplícios sempre diferentes, por meios mais variados. A vigilância da divina Providência, porém, fez-se manifesta, em primeiro lugar reconciliando-se com o povo, e logo perseguindo o autor de nossos males. Atingiu-o o castigo de Deus, que principiou no corpo e estendeu-se em seguida, até o seu íntimo.¹³⁸

4. Com efeito, de repente brotou um abscesso nas partes mais escondidas do corpo; depois uma úlcera profunda com fístula, e esses males incuráveis corroeram-lhe as entranhas, onde formigava uma quantidade enorme de vermes; elas exalavam um cheiro pestilento. Toda a corpulência resultante da gula e que antes da moléstia comportava dobras de excessiva gordura, pôs-se a apodrecer e oferecia aos circunstantes um espetáculo intolerável e assustador.

5. Dentre os médicos, uns não puderam de forma alguma suportar o estranho e intenso mau cheiro, e foram degolados; outros, impotentes para aliviar todo esse inchaço, para o qual não restava possibilidade de salvação, sem compaixão foram mortos.

CAPÍTULO 17

Retratação dos príncipes

1. Na luta contra esses padecimentos, ele tomou consciência do mal que ousara cometer contra os adoradores de Deus. Refletindo consigo mesmo, reconheceu seus erros diante do Deus do universo e em seguida, tendo convocado os que o cercavam, ordenou-lhes que cessassem imediatamente a perseguição contra os cristãos e a esses últimos incitassem, por meio de edito e mandamento imperial, a construir igrejas e celebrar as costumeiras cerimônias, elevando preces em favor do império.

2. Imediatamente, a ação acompanhou a palavra, e os mandamentos imperiais foram publicados em cada cidade. Continham a revogação dos editos de perseguição em vigor, nesses termos:¹³⁹

3. “O imperador César Galério Valério Maximiano, invencível, Augusto, grande e supremo pontífice, vencedor dos germanos, dos egípcios, dos tebanos, cinco vezes dos sármatas, duas vezes dos persas, seis vezes dos carpos, dos armênios, dos medos, dos adiabenos, investido do poder tribunício vinte vezes, aclamado imperador dezenove vezes, cônsul oito vezes, pai da pátria, procônsul,

4. e o imperador César Flávio Valério Constantino, pio, feliz, invencível, Augusto, grande e supremo pontífice, investido do poder tribunício, aclamado Imperador cinco vezes, cônsul, pai da pátria, procônsul,

5. e o imperador César Valério Liciniano Licínio, pio, feliz, invencível, Augusto, grande sumo Pontífice, quatro vezes investido do poder tribunício, aclamado imperador três vezes, cônsul, pai da pátria, procônsul, aos habitantes das províncias: Saudações!

6. Entre as medidas tomadas para a utilidade e o bem dos povos, primeiramente quiséramos que tudo fosse restaurado segundo as antigas leis e instituições públicas dos romanos, com o propósito de que também os cristãos, os quais haviam abandonado a religião de seus antepassados, tivessem

oportunidade de voltar a melhores disposições.

7. Mas, em consequência de certa mentalidade, tamanho orgulho apossou-se deles que não seguiram as normas outrora estabelecidas, nem mesmo as primitivas instituições dos seus antepassados, mas segundo peculiar propósito e o que entendia cada qual, estabeleceram leis próprias que observavam, e reuniam várias assembléias em determinados lugares.

8. Por este motivo, seguiu-se novo edito, visando a que eles voltassem às instituições de seus maiores. Muitos cederam diante do perigo de morte; outros, porém, em grande número, após grande agitação, foram submetidos a vários tipos de morte.

9. Uma vez que muitos eram os que persistiam na mesma loucura, pudemos verificar que não prestavam a devida adoração nem aos deuses celestes, nem ao Deus dos cristãos. Em consideração de nossa filantropia e do hábito constante de sermos indulgentes para com todos, pensamos que devíamos, sem tardar, estender nossa clemência mesmo a este caso, consentindo que seja lícita a existência de cristãos e a reconstrução de casas onde se reúnam, contanto que nada façam contra a ordem. Em outra carta, indicaremos aos juízes normas a observar.

10. Em compensação, conforme a clemência que lhes demonstramos, eles deverão suplicar a seu Deus por nossa prosperidade, a do Estado e a sua particular, de tal modo que os negócios públicos decorram inteiramente bem e eles possam viver despreocupados em seu lar.”

11. Traduzimos este edito da língua latina para o grego, à medida do possível, segundo seu teor. Chegou o momento de lançar um olhar sobre os eventos subseqüentes.

APÊNDICE

1. Ora, o autor deste edito, após tal confissão, logo se viu livre de suas dores, mas por breve tempo, e morreu. Refere-se ter sido ele o primeiro responsável da desastrosa perseguição e muito antes da entrada em ação dos outros imperadores, ter forçado a mudar de religião os cristãos pertencentes às fileiras do exército, e primeiramente os da corte, a uns removendo-os da dignidade militar, rebaixando indignamente a outros e logo ameaçando de morte a determinado número. Finalmente induziu seus sócios no império à perseguição geral. Não convém passar sob silêncio qual o termo da vida de todos eles.

2. O poder supremo achava-se dividido entre quatro imperadores. Os primeiros em precedência e honra, antes de decorridos dois anos de perseguição, abdicaram, conforme indicamos mais acima, e passaram o restante da vida de modo ordinário e privado. Terminaram a existência do seguinte modo:

3. O detentor do primeiro lugar em precedência e honra, definhou com fraqueza corporal longa e cheia de achaques. O segundo perdeu a vida estrangulado. Segundo um prognóstico do demônio, isto sofreu, em consequência dos numerosos crimes que ousara cometer.

4. Dos dois subseqüentes, o que ocupara o último lugar, o mesmo que dissemos ter sido o incentivador da perseguição, padeceu quanto supra assinalamos. Ao invés, seu predecessor Constâncio, ótimo e suavíssimo imperador, que exercera dignamente o poder, durante todo o reinado, e tendo se mostrado, aliás, muito acolhedor e beneficente para com todos (de fato, manteve-se alheio à luta contra nós, preservou de dano e vexações os súditos, adoradores de Deus, não destruiu as igrejas e nada absolutamente empreendeu contra nós), recebeu a recompensa de um fim de vida realmente feliz e três vezes abençoado e, ao morrer, foi o único a deixar feliz e gloriosamente o império a seu filho

legítimo, sucessor no poder, em tudo prudente e piedoso.

5. Este foi imediatamente proclamado imperador absoluto e Augusto pelos soldados e revelou-se êmulo da bondade paterna para com a nossa religião. Tal foi o termo da vida dos quatro príncipes supramencionados, ocorrido em diferentes ocasiões.

6. Destes imperadores, aliás, um só ao morrer, aquele que indicamos um pouco mais acima, de acordo com os que em seguida lhe foram associados no império, elaborou a confissão que acabamos de citar e notificou-a a todos por meio do texto escrito incluído em nossa narrativa.

[124](#) Eusébio exagera quando fala da simpatia pela doutrina cristã demonstrada pelos imperadores. Diocleciano, particularmente, era pagão fervoroso e jamais testemunhara a menor inclinação para o cristianismo. Contudo, é verdade que desde o reinado de Valeriano, que retomou as perseguições em 257-258, a Igreja não sofrera nenhuma outra perseguição. Quando Aureliano, “restaurador do mundo (romano)”, quis ser também restaurador da moral do Império, instituindo o culto do Sol, criando templo e clero, fixando no dia 25 de dezembro a festa anual do *Sol Invictus*, fazendo-se chamar deus e invencível, representante do Sol entre os romanos, tencionava retomar a perseguição, faleceu antes de assinar o edito.

[125](#) Conforme Lactânncio, *Sobre a morte dos perseguidores* 15,1, a esposa de Diocleciano, Prisca, e sua filha Valéria, teriam adotado o cristianismo. É provável que elas tenham sido somente catecúmenas. Sobre a ascensão social do cristianismo no fim do século III e no começo do séc. IV, cf. P. BATIFFOL, *La paix constantinienne et le catholicisme*, Paris, 1914, pp. 135-142.

[126](#) Embora as construções das igrejas do fim do século III não possam ser contestadas, além da de Doura-Europos e da de Emaús, não se conhecem grandes coisas destas igrejas. A basílica de Emaús pode ser datada deste tempo. Em Roma, encontram-se partes da igreja de São Clemente anteriores à basílica do século IV. Nas igrejas de santo Anastácio e de São João e São Paulo, a análise arqueológica concluiu que a existência de vastas salas de culto remontam ao séc. III.

[127](#) Não se pode esquecer que houve, no fim do século III, muitos bispos santos. Mas houve também bispos mundanos tais como Paulo de Samósata e outros que não respeitavam os costumes cristãos. Pense-se, por exemplo, nos bispos africanos que nos dão a conhecer os documentos relativos ao cisma donatista: entre eles havia criminosos de direito comum.

[128](#) O edito de perseguição chegou à Palestina no fim de março, próximo à festa da Páscoa. As indicações de Eusébio podem ser completadas pelas de Lac-tânncio, *De mort. persecut.*, XIII, 1, e pelas que fornecem os *Atos dos mártires*.

[129](#) A exclusão do exército começara, ao menos de maneira esporádica, por volta de 295. Em Tebessa, um cristão de nome Maximiliano recusou-se a incorporar-se às tropas: foi posto à morte no próprio campo. Em Tigi, um centurião de nome Marcelo lançou suas armas por terra, sob pretexto de que sua religião proibia sacrificar aos deuses e aos imperadores: foi executado, e o notário Cassiano, que protestara contra esta sentença, sofreu a mesma sorte.

[130](#) Depois do Egito, Eusébio passa a Tebaida, mas também aqui não fornece nenhum nome, nenhum número. É muito provável que tenha estado no Egito pelos fins da perseguição e é nisto que seu relato merece alguma confiança.

[131](#) As Cartas de Dionísio de Alexandria relativas à perseguição de Décio, a despeito dos admiráveis exemplos de coragem que aponta, insistem sobre o grande número das defecções. Eusébio, ao contrário, é todo admiração e deixa crer que os cristãos do Egito foram mais corajosos no tempo de Diocleciano e de Maximiniano do que seus antepassados no tempo de Décio. Mas, pelos cânones penitenciais de Pedro de Alexandria, sabemos que houve número muito elevado de apóstatas no curso da grande perseguição.

[132](#) Relatos extraídos de São Pelágio, do qual São João Crisóstomo pronunciou o panegírico. A Igreja antiga teve a respeito de morte semelhante, verdadeiros suicídios, opiniões diversas. Santo Agostinho não hesitará em condená-las.

[133](#) A primeiro de maio de 305, foram anunciadas as abdições de Diocleciano e de Maximiniano simultaneamente. Este acontecimento surpreendeu a opinião e provocou confusões em vários sentidos. Até hoje, os historiadores discutem sobre os motivos reais da retirada de Diocleciano. Para substituí-los, Galério e Constânncio Cloro tomaram o título de Augusto, Severo e Maximínio Daza receberam o de Césares. Desta vez o império foi dividido: Galério ficou com o Ilírico e a Ásia Menor, e Maximiniano com o resto do Oriente. Constânncio Cloro reteve para si a Gália e a Bretanha enquanto Severo ficou com a Itália, a Espanha e a África.

[134](#) Constânncio Cloro morreu em Eboracum (hoje, York) aos 25 de julho de 306. Seu filho Constantino foi imediatamente eleito Augusto pelos soldados da armada da Bretanha. Esta proclamação contrária às regras estabelecidas não foi ratificada por Galério, que designou Severo como segundo Augusto e concedeu a Constantino somente o título de César.

[135](#) Maxêncio, proclamado Augusto em Roma, em 306, conservara o poder. Deixou atrás de si a reputação de tirano de costumes estarecedores, de crueldade sem escrúpulos. Só poupou os cristãos por jogo político.

[136](#) Esta reforma do paganismo, com a nomeação de um sumo sacerdote em cada província, cujo papel primeiro lembra o dos bispos cristãos, servirá de modelo para Juliano, o Apóstata, uns cinquenta anos mais tarde.

[137](#) Eusébio conta estes dez anos desde o primeiro edito de Diocleciano de 24/2/303 ao edito de Milão de março de 313. De fato, a perseguição foi muitas vezes interrompida no curso destes dez anos e jamais teve repercussão na parte do império submissa a Constânncio Cloro e depois de Constantino.

[138](#) Os manuscritos estabelecidos por E. Schwartz, que servem de base para esta tradução, omitem o parágrafo 3.

[139](#) O texto original do edito, menos a subscrição, fora conservada por Lactânio, no *De morte persecutorum*, 34. Eusébio dá-lhe a tradução grega, mas ele modificou o texto que ainda sofreu numerosas correções. O edito foi publicado em Nicomédia, aos 30 de abril de 311. Galério morreu uma semana depois, aos 5/5/311.

LIVRO NONO

CAPÍTULO 1

Tréguas fictícias

1. A revogação da vontade imperial supracitada foi afixada por toda parte e em todo lugar da Ásia e nas províncias circunvizinhas. Durante esses eventos, Maximino, o tirano do Oriente, terrivelmente mais ímpio que todos os homens e que se transformara no mais ardoroso inimigo da religião do Deus do universo, não aderiu de forma alguma ao que fora escrito; e ao invés do edito supracitado, oralmente ordenou aos magistrados sujeitos a sua autoridade que abrandassem o combate contra nós. Como, porém, não lhe era lícito contradizer à decisão dos imperadores colocados acima dele, manteve oculta a lei proclamada e cuidou que não fosse promulgada nas regiões onde ele governava. Em mandamento oral ordenou aos magistrados sob sua autoridade que suspendessem a perseguição contra nós. Estes transmitiram por escrito uns aos outros o teor desta ordem.

2. Por isso, Sabino, investido entre eles da dignidade de prefeito do pretório, manifestou aos governadores de cada província a vontade do imperador por meio de uma carta em latim:

3. “Há muito que a majestade de nossos senhores, os divinos imperadores, dotados de zelo muito belo e sagrado, decidiu orientar os espíritos de todos os homens pelas sendas honestas e retas da vida, a fim de que até os que evidentemente adotaram costumes alheios aos dos romanos prestem aos deuses imortais o devido culto.

4. Mas em alguns a obstinação e a vontade excessivamente tenaz a tal ponto os desviaram que nem a justa consideração da ordem dada, nem o receio do castigo de que foram ameaçados puderam afastá-los da própria determinação.

5. Como, porém, aconteceu que, em conseqüência deste modo de agir, muitos se expunham ao perigo, inspirados na generosidade natural de sua piedade, a divindade de nossos senhores, os poderosos imperadores, julgou ser alheio a seu próprio e divino propósito lançar os homens por tal motivo em tão grande perigo, e ordenou que fosse escrito a Tua Prudência, por meio de minha Devoção que, se algum dos cristãos por convicção observar a religião de seu próprio povo, debes livrá-lo da situação embaraçosa e perigosa, e não considerar réu de castigo a nenhum deles, sob esse pretexto. De fato, comprovou-se, no decurso de um prazo bastante longo, que não se deixam persuadir por meio algum a renunciar à sua obstinada conduta.

6. Tua Solicitude deve, portanto, escrever aos curadores, aos comandantes e aos prepostos aos burgos¹⁴⁰ de cada cidade, a fim de se tornarem cientes de que doravante não precisam se preocupar acerca deste edito.” Assim se faça, em cada eparquia...

7. E eles, julgando ser verídica a decisão que esta carta lhes comunicava, tornaram pública a vontade imperial em documentos endereçados aos curadores, aos chefes e magistrados rurais. Não foi somente por carta que obedeceram a essas ordens, mas ainda e muito melhor, pelos atos. Para execução da vontade imperial, a todos os que estavam encerrados em prisões por causa da confissão da divindade, libertavam-nos fazendo-os sair publicamente; despediam também os que dentre eles, por punição, haviam sido condenados às minas. Supunham de fato que isso pareceria bom ao imperador, mas

enganavam-se.

8. Esses acontecimentos assim se realizaram de repente, à semelhança de uma luz brilhante a raiar depois de uma noite tenebrosa (cf. 2Cor 4,6). Era de se ver em cada cidade reunirem-se as comunidades, realizarem-se assembléias muito numerosas e, no decurso destas reuniões, cumprirem-se os ritos costumeiros. Os infiéis pagãos, todos eles ficavam muito impressionados com esses fatos, admiravam o caráter maravilhoso de tal transformação e proclamava grande e único verdadeiro o Deus dos cristãos.

9. Os nossos que haviam participado fiel e corajosamente do combate das perseguições, recuperavam seu modo de ser livre e franco diante de todos. Quanto aos que, de espírito fraco, haviam naufragado na fé, apressavam-se de bom grado a procurar a própria cura; suplicavam os que se mantiveram fortes, pedindo que os socorressem estendendo-lhes as mãos e suplicavam a Deus que deles tivesse piedade.

10. Além disso, os genuínos atletas da religião, libertados dos padecimentos nas minas, voltavam também para casa. Altivos e alegres, atravessavam as cidades, cheios de indizível felicidade e de segurança impossível de traduzir em palavras.

11. Nas grandes estradas e praças públicas, grupos numerosos prosseguiram viagem, a louvar a Deus por cânticos e salmos. Aqueles que, pouco antes, podiam ser vistos acorrentados e sujeitos a cruel castigo e expulsos da pátria, eram reencontrados com rostos risonhos e alegres, de volta ao lar. Assim, os mesmos que outrora clamavam contra nós, congratulavam-se conosco por aquilo que sucedia, ao contemplarem esse espetáculo, contra toda expectativa.

CAPÍTULO 2

Subseqüente mudança

Mas, estas coisas, o tirano, inimigo do bem e adversário de todos os bons, não era capaz de suportar. Ele reinava, conforme dissemos, nas regiões do Oriente, e impediu durante seis meses inteiros que fosse observado este modo de agir. Planejou, pois, tudo o que pôde para destruir a paz. Em primeiro lugar, tentou, sob determinado pretexto, proibir que nos reuníssemos nos cemitérios;¹⁴¹ depois, por intermédio de homens malvados, fez com que lhe fosse enviada contra nós uma embaixada, porque eles incitaram os cidadãos de Antioquia a pedir, qual enorme graça, que jamais fosse lícito a um cristão habitar em sua cidade e sugeriu ainda a outros que procurassem obter idêntico favor. O chefe de tudo isso, na própria Antioquia, era Teotecno, homem cruel, embusteiro, malvado, oposto ao significado de seu nome. Ao que parece, era curador das finanças da cidade.

CAPÍTULO 3

Ídolo recentemente erigido em Antioquia

Foi ele, pois, que principalmente nos combateu, zelosamente empregou múltiplos recursos para nos expulsar, como ladrões ímpios arrancados de seus covis, que planejou toda espécie de processos contra nós através de calúnias e acusações e foi o responsável da morte de grande número dos nossos. Por fim, erigiu um ídolo de Zeus Fílio, com atos de magia e feitiçaria; criou em sua honra ritos e iniciações impuras; inventou purificações abomináveis; manifestou até junto do imperador sua magia, por meio de oráculos que o acreditavam. E foi ainda ele que, para lisonjear os gostos do mestre, excitou o demônio contra os cristãos, declarando que Deus mandava que fossem expulsos para além dos limites da cidade e dos campos circunvizinhos, porque eram seus inimigos.

Petições contra nós

1. Ele foi o primeiro a agir assim, propositadamente. Todos os outros magistrados residentes nas cidades sujeitas à mesma autoridade começaram a adotar semelhante decreto e os governadores de cada província, vendo que isto era apazível ao imperador, sugeriram a seus subordinados a agir de igual modo.
2. Num rescrito, o tirano aprovou os decretos, como lhe sendo muito agradáveis, e reacendeu-se novamente a perseguição contra nós. Em cada cidade foram instalados pelo próprio Maximino sacerdotes dos ídolos e acima deles, como supremos pontífices, alguns que especialmente se haviam destacado nas funções municipais e ilustrado em todos os cargos. Esses magistrados desenvolveram grande zelo na celebração de cerimônias em honra dos deuses.
3. A extraordinária superstição do senhor, numa palavra, incitava, conseqüentemente, a todos os que lhe estavam sujeitos, chefes e subordinados, a fazer tudo o que podiam contra nós com o fito de obter seu favor; e em troca dos benefícios que esperavam receber, era-lhes concedido o grande favor de poder reclamar a morte dos cristãos e contra eles exercer novas crueldades.

CAPÍTULO 5

Pseudo-Atos

1. Havendo, então, forjado os *Atos de Pilatos*¹⁴² e de nosso Salvador, repletos de blasfêmias de todo gênero contra Cristo, eles os enviaram, com a aprovação do soberano, às regiões sujeitas a seu poder e, por meio de avisos, recomendaram que em todos os lugares, nos campos e nas cidades, fossem expostos de maneira bem visível. Os mestres das escolas cuidassem de ministrá-los em lugar do ensino habitual às crianças, fazendo com que os aprendessem de cor.
2. Estas ordens, portanto, foram cumpridas. Outro, tribuno de uma legião (*stratopedarches*) que os romanos denominam “dux”, deteve em Damasco da Fenícia algumas mulheres de má vida que ele retirou da praça pública e, sob ameaças de torturas, forçou-as a declarar por escrito que outrora eram cristãs, que tinham visto entre os cristãos ações vergonhosas e cometiam abominações até no recinto das igrejas. Induziu-as a declarar assim tudo o que ele quis para caluniar nossa fé. Transcreveu em *Atas* suas palavras, que ele comunicou ao imperador e este mandou afixar tal escrito em todos os lugares e cidades.

CAPÍTULO 6

Testemunhos prestados nesta época

1. O tribuno, contudo, pouco tempo depois suicidou-se, recebendo o castigo de sua maldade. Para nós renovaram-se as sentenças de exílio e cruéis perseguições, assim como terríveis medidas tomadas pelos governadores de todas as províncias. Deste modo, alguns que se haviam distinguido no anúncio da palavra divina eram presos e recebiam inexoravelmente a sentença de morte. Entre estes, na cidade de Emesa da Fenícia, três homens que se haviam declarado cristãos foram jogados às feras para ser devorados. Um deles foi o bispo Silvano, de idade muito avançada, que exercera seu múnus durante quarenta anos completos.
2. Ao mesmo tempo ainda, Pedro, que presidia às comunidades de Alexandria de forma insigne e servia aos bispos de genuíno exemplo pela virtude de sua vida e conhecimento profundo das Escrituras

divinas, foi detido e arrastado sem razão alguma, de forma inteiramente inesperada e assim imediatamente, sem julgamento, como se fosse por ordem de Maximino, teve a cabeça cortada. Com este, grande número de outros bispos do Egito tiveram idêntica sorte.

3. Luciano, também ele ótimo varão, famoso pela vida continente e pelos estudos sagrados, sacerdote da comunidade de Antioquia, foi levado à cidade de Nicomédia, onde então estava o imperador. Fez diante do magistrado a apologia da doutrina por cuja causa ele ali comparecia; e após encarceramento, foi morto.

4. Em pouco tempo, o inimigo do bem, Maximino, urdiu contra nós tais coisas que evidentemente surgiu então uma perseguição muito mais cruel que a precedente.

CAPÍTULO 7

Edito contra nós afixado em estelas

1. Era no meio das cidades, o que jamais acontecera, que as petições votadas contra nós e os rescritos contendo ordens imperiais correspondentes, viam-se gravadas em colunas de bronze que eram erigidas. Nas escolas, as crianças tinham diariamente na boca Jesus, Pilatos e os *Atos* injuriosamente elaborados.

2. A meu ver, é indispensável inserir aqui o próprio edito de Maximino, inscrito em estelas a fim de que, juntamente, evidenciem-se a arrogância, ostentação e orgulho do ódio a Deus que ele manifestou, assim como o horror ao mal, vigilante contra os ímpios, da justiça divina que o seguiu de perto. Perseguido por ela, não tardou a tomar a nosso respeito decisão oposta, formulada em leis escritas.

3. CÓPIA DA TRADUÇÃO DO EDITO DE MAXIMINO EM RESPOSTA ÀS PETIÇÕES FORMULADAS CONTRA NÓS E INSCRITA NA ESTELA DE TIRO.

“Neste momento, já o brio debilitado do pensamento humano recuperou forças, tendo sacudido e dissipado a escuridão e as trevas do erro. Anteriormente, esse desvio atacara os sentimentos de homens mais infelizes do que ímpios, envolvendo-os na sombra letal da ignorância. Agora reconhecem que a Providência benéfica dos deuses imortais tudo governa e dá consistência a todas as coisas.

4. Seria indescritível a que ponto nos foi grato, o gosto e o agrado que sentimos, ao receber tão grande prova de vossos piedosos sentimentos. Já anteriormente, ninguém desconhecia a reverência e piedade que demonstráveis para com os deuses imortais. A fé que neles depositais não se revela por simples e vazias palavras, mas continuamente por extraordinárias e assinaladas obras.

5. Nossa cidade, portanto, com toda justeza pode ser denominada sede e morada dos deuses imortais; numerosas provas evidenciam que se deve à presença dos deuses celestes seu estado florescente.

6. Eis, no entanto, que vossa cidade, negligenciando todos os seus interesses particulares e menosprezando os pedidos anteriores relativos a suas peculiares questões — quando novamente notou que esses adeptos, cheios de maldita insânia, recomeçavam a rastejar, como uma fogueira abandonada e extinta, cujo fogo reavivado vem atear imensos incêndios — logo procurou refúgio em nossa piedade, como sendo o apoio central de todas elas, e sem demora pediu cura e socorro.

7. É evidente que este pensamento salutar vos foi inspirado pelos deuses, por causa de vossa religiosidade. Certamente, foi o altíssimo e grande Zeus, protetor de vossa ilustre cidade, que preserva de corrupção ruínosa vossos deuses lares, vossas mulheres e filhos, a família, as casas quem inspirou a

vossas almas esse propósito salutar. Foi ele também quem mostrou e manifestou a que ponto é excelente, esplêndido, salutar aproximar-se, com o devido respeito, do culto e das cerimônias sagradas dos deuses imortais.

8. Ora, seria incrível encontrar alguém tão insensato, tão pouco razoável que não compreenda ser devido à amável solicitude dos deuses o fato de que a terra não recuse as sementes a si confiadas, nem iluda a esperança dos camponeses por vã expectativa. E que na terra se não instale o espectro duma guerra sacrílega sem entraves; não venham a morrer os corpos ressequidos por causa da elevada temperatura da atmosfera; o mar, agitado por ventos impetuosos, não levante vagalhões; não irrompam súbitos furacões, excitando tremendas tempestades; mesmo a terra, nutriz e mãe de todas as coisas, em terrível terremoto, não perca o nível, perdendo suas bases mais profundas; as montanhas elevadas não se escancarem, formando abismos. Ninguém ignora que esses males e outros ainda piores com freqüência advieram no passado.

9. E tudo isso, por causa do erro pernicioso e da vã insensatez destes homens malvados, enquanto tal erro dominava suas almas e, por assim dizer, cobria de ações vergonhosas, todas as regiões da terra.”

10. Em prosseguimento, acrescenta entre outras coisas: “Agora lancem um olhar sobre as vastas planícies: já florescem as messes, as espigas ondulam, os prados, graças a benéfica chuva, se esmaltam de ervas e de flores; o clima é temperado e muito suave.

11. De resto, alegrem-se todos porque, graças a nossa piedade, nossas vítimas, nosso culto, a atmosfera forte e firme suavizou-se; em conseqüência, sejam felizes, usufruindo da paz mais serena, segura e tranqüilamente! E todos os que, tendo se corrigido inteiramente deste erro cego e deste desvario, voltaram a um modo reto e perfeito de encarar a realidade, mais ainda se regozijem, como alguém que se livra de tempestade imprevista ou de doença grave, e obtém o suave fruto de ainda usufruir da vida.

12. Mas, se permanecerem em sua detestável loucura, sejam banidos e mantidos bem longe de vossa cidade e de vosso território, conforme nos suplicastes. Assim, em conformidade com vosso zelo louvável, vossa cidade se livrará de toda mácula e impiedade e, segundo um desejo inato, prestar-se-á às cerimônias sagradas dos deuses imortais, com a devida veneração.

13. E a fim de saberdes a que ponto nos foi aprazível vosso pedido sobre o assunto, independente de vossas petições e postulados, por espontânea vontade e pela benevolência a que somos propensos, concedemos em consideração a vossa devoção o grande favor que quiserdes implorar, qual recompensa de vossa religiosa proposta.

14. E agora, concordai em agir assim e acolher este favor, pois o obtereis sem tardança. Esta graça, outorgada a vossa cidade, constituirá perene testemunho, aprazível aos deuses imortais, de vossa piedade; demonstrará a vossos filhos e descendentes que alcançastes de nossa benevolência justa recompensa em razão dos princípios que regem vosso comportamento.”

15. Esse rescrito contra nós foi afixado em cada província e tirava-nos qualquer vestígio de esperança, pelo menos humanamente. Realizava a palavra divina: “*De modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos*” (Mt 24,24; cf. 24,8-10).

16. A esperança quase se extinguiu na maioria, mas subitamente, enquanto em algumas regiões os encarregados de afixar o edito contra nós estavam ainda a caminho, sem terem atingido o termo da viagem, Deus, o defensor de sua Igreja, pôs freio ao orgulho do tirano e mostrou que o céu lutava

Acontecimentos subsequentes: fome, peste, guerra

1. No entanto, as chuvas de verão habituais e as chuvas do inverno, a estação que se atravessava, recusaram o habitual tributo à terra, sobre a qual a fome se abateu de improviso; além disso, sobreveio a peste e outra epidemia, uma úlcera que por causa do ardor se chamava carbúnculo (*anthrax*), de modo significativo. Espalhava-se insidiosamente pelo corpo inteiro e punha em grande perigo os dele afetados. Atacando, no mais das vezes, especialmente os olhos, cegava aos milhares os homens, bem como as mulheres e as crianças.

2. A esses males, veio por acréscimo ao tirano a guerra contra os armênios. Desde a antiguidade, eles eram amigos e aliados dos romanos; eram também cristãos e cumpriam zelosamente os deveres de piedade para com a divindade. O inimigo de Deus, ao tentar forçá-los a sacrificar aos ídolos e aos demônios, de amigos transformou-os em inimigos e de aliados em adversários.

3. Tudo isso sobreveio de uma só vez, num só e mesmo tempo e confundiu a insolente audácia do tirano contra a divindade, pois ele afirmava sem pudor que, devido a seu zelo em favor dos ídolos e da guerra que nos fez, não sucedera fome, nem peste, nem guerra em sua época. Assim, todos esses males juntos aconteceram simultaneamente e constituíram o prelúdio de sua queda.

4. Mas, enquanto ele próprio se afadigava na guerra contra os armênios com seus exércitos, a fome e a peste em conjunto devastavam cruelmente o restante dos habitantes das cidades sujeitas a seu poder; de tal modo que uma só medida de trigo era vendida por dois mil e quinhentas dracmas áticas.

5. Milhares de homens morriam, portanto, nas cidades; mais numerosos ainda eram os defuntos nos campos e nas aldeias, de sorte que os cadastros dos contribuintes, outrora cobertos de nomes de camponeses, estavam quase totalmente em branco, pois quase todos haviam perecido em bloco por penúria de alimento ou pela doença pestífera.

6. Alguns pensavam ser conveniente vender a outros em melhor situação o que tinham de mais precioso em troca de pequena quantidade de alimento; outros, que haviam vendido pouco a pouco seus bens, estavam reduzidos à mais extrema miséria; outros ainda que mastigavam pequenos fiapos de ervas ou que comiam sem receio certas plantas venenosas, arruinavam a saúde do corpo e morriam.

7. Em cada cidade, mulheres de alto nascimento, forçadas pela necessidade a uma vergonhosa situação, vinham mendigar nas praças públicas, dando provas de sua precedente educação liberal pela vergonha estampada em seu rosto e pelo seu porte.

8. Outros ainda, ressequidos como fantasmas, lutavam aqui e ali contra a morte; vacilavam e caíam, impossibilitados de se manterem de pé; tombavam estendidos no meio das ruas e pediam que se lhes desse um pedacinho de pão; estando com um sopro de vida, gemiam de fome; faziam um último esforço para pronunciar esta dolorosíssima palavra.

9. Outros — os que pareciam mais providos — ficavam estupefactos diante da multidão dos mendigos; depois de lhes ter fornecido uma quantidade de auxílios, tomavam uma atitude cruel e impiedosa, pelo temor de que eles próprios viessem a sofrer os mesmos males que os mendigos. Já, contudo, no meio das praças públicas, cadáveres nus, jogados à rua, insepultos, por vários dias, constituíam aos que os viam o mais miserável dos espetáculos.

- 10.** Já alguns tornavam-se alimento dos cães. Foi sobretudo por isso que os vivos puseram-se a matar os cães, de medo de que, raivosos, se entregassem à antropofagia.
- 11.** A peste não menos devorava as famílias, principalmente aquelas que a fome não era capaz de exterminar, por terem víveres em abundância. Os sobreviventes, então, magistrados, governadores, inúmeros funcionários, deixados pela fome à doença pestífera, como uma espécie de propriedade, sofriam morte violenta e muito rápida. Os lugares todos estavam cheios de gemidos; em todos os cantos, praças e ruas, não se via outra coisa senão lamentações, com a música das flautas e o ruído das batidas que as acompanham comumente.
- 12.** Era deste modo que a morte combatia, com as duas armas citadas, a da peste e da fome conjuntamente. Ela consumia em pouco tempo famílias inteiras, de tal modo que se viam os corpos de dois ou três mortos carregados num mesmo funeral.
- 13.** Tal era o salário do orgulho de Maximino e dos decretos promulgados contra nós em cada cidade, ficando então evidente para todos os pagãos as provas do zelo dos cristãos em todas as coisas e de sua piedade.
- 14.** Eram os únicos, com efeito, que em tal conjuntura de males, mostravam por obras sua compaixão e amor pelos homens. Durante todo o dia uns se devotavam ao cuidado e à sepultura dos mortos; havia milhares, dos quais ninguém se ocupava; outros reuniam em um mesmo lugar a multidão dos que, em cada cidade, estavam esgotados pela fome e distribuíam pão a todos. Mas, também, o fato era claro e proclamado por todos; glorificava-se o Deus dos cristãos e confessava-se que somente eles eram piedosos e religiosos. Na verdade, demonstraram-no os próprios fatos.
- 15.** Em compensação destes eventos, Deus, o grande e celeste aliado dos cristãos, mostrou pelos meios referidos as ameaças e a cólera contra todos; após, restituiu-nos, em resposta aos excessos contra nós, a irradiação benevolente e brilhante de sua Providência para conosco. Entre trevas espessas, fazia maravilhosamente brilhar pacífica luz dele oriunda, e manifestava visivelmente a todos que Deus mesmo se encarregava de nossos interesses. Ele flagelava e convertia, segundo a ocasião, seu povo, provando-o; mas, tendo-os suficientemente instruído, manifestava-se benevolente e misericordioso para com todos os que nele põem a esperança.

CAPÍTULO 9

Catástrofe que pôs fim à vida dos tiranos e palavras que proferiram antes de morrer

- 1.** Foi certamente desta forma que o rei soberano, Deus do universo e Salvador, contra tiranos muito ímpios, suscitou Constantino, a respeito do qual mais acima afirmamos que foi imperador, filho de imperador, piedoso, oriundo de pai piíssimo e sapientíssimo (e Licínio, segundo depois dele, ambos assinalados pela inteligência e piedade). Tendo eles disposto as tropas de acordo com as normas bélicas, Deus combateu a seu lado, de forma extraordinária. De um lado, em Roma, Maxêncio caiu sob Constantino; de outro, no Oriente, Maximino não lhe sobreviveu muito tempo, pois sucumbiu também ele de morte ignominiosa sob os golpes de Licínio, então ainda não atacado de demência.
- 2.** Inicialmente, Constantino, o primeiro dos dois imperadores em dignidade e ordem, teve compaixão dos que em Roma suportavam a tirania. Tendo em suas orações invocado, como aliado, o Deus do céu e seu Verbo, o Salvador de todos, Jesus Cristo, avançou com todo o exército, prometendo aos romanos a recuperação da liberdade herdada de seus antepassados. [143](#)

3. Maxêncio, porém, depositava maior confiança nos malefícios da magia do que na benevolência dos súditos; por isso, nem ao menos ousava sair das portas da cidade. A multidão inumerável de seus hoplitas e milhares de batalhões de soldados enchiam todos os lugares, os campos, as cidades das cercanias de Roma e da Itália inteira, a ele sujeitas.¹⁴⁴ Sobrevém, contudo, o imperador que a Deus se aliara; no primeiro, segundo e terceiro confronto com o tirano, alcança vitórias completas; avança através de toda a Itália, e já se encontra próximo de Roma.

4. Em seguida, não é forçado a combater com os romanos por causa do tirano, porque o próprio Deus arrasta-o para longe das portas, como que algemado. O prodígio outrora realizado contra os ímpios — que a maioria recusa crer, julgando uma fábula, mas que para os fiéis é fidedigna, por constar dos Livros Sagrados — impõe-se simplesmente pela própria evidência a todos, fiéis e infiéis, que contemplam as maravilhas com os próprios olhos.

5. Assim como no tempo de Moisés e da raça outrora piedosa dos hebreus, “os carros do Faraó e suas tropas, ao mar Deus lançou; a elite dos seus cavaleiros e chefes, o mar Vermelho devorou, o abismo os recobriu” (Ex 15,4-5), Maxêncio também e os hoplitas e lanceiros que o cercavam “caíram no fundo, como pedra” (Ex 15,5), quando, diante da força de Deus que estava com Constantino, deu as costas e atravessou o rio que tinha diante de si e do qual fizera contra si mesmo um instrumento de perdição, ao construir cuidadosamente uma ponte unindo as margens por meio de barcas.¹⁴⁵

6. Dele se pode dizer: “Ele cava e aprofunda um buraco, mas cai na cova que fez. Sua maldade se volta contra a cabeça, sobre o crânio lhe cai a própria injustiça” (Sl 7,16-17).

7. Foi certamente deste modo que, rompida a ponte construída sobre o rio, a passagem desaparece e as barcas superlotadas afundam de repente no abismo. O primeiro foi ele próprio, o mais ímpio dos homens e logo os escudeiros que o cercavam, conforme anunciavam os oráculos divinos, “caíram como chumbo nas águas profundas” (Ex 15,10).

8. Assim, é com justeza que, se não por palavras, ao menos pelas ações, como haviam feito os companheiros do grande servo de Deus Moisés, os vencedores, com o auxílio divino, podiam de algum modo cantar e repetir o hino dirigido outrora contra o ímpio tirano: “Cantemos ao Senhor, porque se vestiu de glória. Ele lançou ao mar o cavalo e o cavaleiro. O Senhor é minha força e meu canto, a ele devo a salvação” (Ex 15,1-2). “Quem é igual a ti, ó Senhor, entre os deuses? Quem é igual a ti? Ilustre em santidade, admirável nas façanhas, hábil em maravilhas” (Ex 1,11).

9. Constantino cantou estas e outras palavras semelhantes e afins, através de suas ações, a Deus, chefe supremo e autor da vitória, ao entrar com hinos de triunfo em Roma. Todos em conjunto, os membros do Senado, os dignitários, o povo romano, bem como suas criancinhas e mulheres, o recebiam com a alegria nos olhos, cordialmente, qual libertador, salvador, benfeitor, entre exuberantes aclamações de júbilo.

10. Mas ele, que possuía como coisa natural a piedade para com Deus, sem se deixar absolutamente comover pelos clamores, nem exaltar pelos louvores, estava bem cômico do socorro vindo de Deus. Logo ordenou que se colocasse o troféu da paixão salutar na mão da sua estátua.¹⁴⁶ Sustentando na mão direita o sinal salvífico da cruz, ergueu-a no lugar mais freqüentado pelos romanos. Mandou gravar em latim uma inscrição nesses termos:

11. “Por intermédio deste sinal salutar, verdadeira prova de denodo, librei e salvei vossa cidade do jugo do tirano; e ainda restabeleci o Senado e o povo romano em sua antiga dignidade e esplendor,

após a libertação”.

12. Em seguida a esses acontecimentos, o próprio Constantino, e com ele Licínio, cuja mente ainda não se alterara, nem incidira na subsequente loucura, obtiveram a propiciação da parte de Deus, o autor de sua prosperidade. Ambos, com uma só vontade e parecer, promulgaram uma lei absolutamente favorável aos cristãos.¹⁴⁷ E enviaram a narrativa das maravilhas realizadas por Deus em seu favor e da vitória obtida contra o tirano, bem como o teor da lei a Maximino, que ainda governava os povos do Oriente e que fingia hipocritamente ter-lhes amizade.

13. O tirano ficou muito contrariado com as notícias; mas não quis dar a impressão de ceder o passo aos outros, nem suprimir o que ele havia mandado, receoso diante daqueles a quem ordenara. Escreveu, portanto, como que espontaneamente aos governadores sob suas ordens, esse primeiro rescrito em favor dos cristãos, onde inventa mentirosamente o que jamais fizera e engana-se a si próprio.

CAPÍTULO 9A

Cópia da tradução da carta do tirano

1. “Jóvio Maximino Augusto a Sabino. À Tua Eminência e a todos os homens, a meu ver, evidencia-se que nossos senhores e pais, Diocleciano e Maximiano, havendo constatado terem quase todos abandonado o culto dos deuses para se associarem ao povo dos cristãos, com razão ordenaram que aqueles que se haviam afastado da adoração dos deuses imortais, fossem reconduzidos ao culto dos deuses, por punições e castigos bem manifestos.

2. Da primeira vez, porém, que sob felizes auspícios vim ao Oriente, fui informado de que em certos lugares os juízes haviam exilado pela razão supramencionada grande número de homens capazes de prestar serviço nos negócios públicos; por isso, dei ordens a cada juiz de que futuramente nenhum deles se mostrasse impiedoso em relação aos provincianos, mas antes os reconduzissem por lisonjas e exortações ao culto dos deuses.

3. Então, segundo minha ordem, os juízes acataram tais determinações e nenhum dos habitantes das regiões do Oriente foi exilado ou maltratado; ao contrário, visto que nada de penoso lhes advinha, voltaram ao culto dos deuses.

4. Depois disso, no ano passado, quando cheguei em boas condições a Nicomédia e lá me detive, os cidadãos desta cidade, trazendo estátuas dos deuses, me procuraram, pedindo instantemente que, de modo algum, ainda permitisse a tal povo habitar na pátria deles.

5. Mas, ao ter conhecimento de morar na região grande número de adeptos desta religião, respondi-lhes que acolhera com alegria e gosto esta petição, mas verificava que tal desejo não era unânime. Se, pois, alguns perseveravam nesta superstição, cada qual guardasse suas preferências, e reconhecesse quem o quisesse o culto dos deuses.

6. Contudo, aos habitantes da mesma cidade de Nicomédia e às outras cidades que também instantemente me haviam apresentado sobre o mesmo assunto idêntica petição, a saber, que nenhum cristão habitasse em suas cidades, vi-me na necessidade de responder amigavelmente, porque todos os antigos imperadores haviam observado a mesma regra e aprovou aos próprios deuses, por quem subsistem todos os homens e obtêm bom andamento os negócios públicos, que eu confirmasse a petição que as cidades apresentavam em favor do culto de suas divindades.

7. Nessas condições, embora não raro no tempo precedente tenham sido enviados rescritos a Tua Excelência e que igualmente lhe tenha sido ordenado por mandamentos não tratar com dureza os provincianos que desejassem conservar tais costumes, e sim com indulgência e moderação, de sorte que não sofram violências ou extorsões da parte dos *beneficiários*, nem de quem quer que seja, decidi conseqüentemente relembrar, pelas presentes letras a Tua Excelência, que, por palavras lisonjeiras, melhor obterá que nossos provincianos aceitem o culto dos deuses.

8. Em seguida, se alguém, por própria iniciativa, julgar que deve adotar o culto dos deuses, convém acolhê-lo. Mas se alguns preferem seguir o próprio culto, abandone-os a sua própria escolha.

9. Por isso Tua Excelência observe o que lhe é ordenado. Ninguém tenha a faculdade de inquietar nossos provincianos com violências e extorsões monetárias, de sorte que se prefira, conforme escrevemos mais acima, por meio de palavras persuasivas, recomendar a nossos provincianos o culto dos deuses. E no intuito de que nossa presente ordem venha ao conhecimento de todos os nossos provincianos, publique o que ordenei por meio de um mandamento que seja afixado.”

10. Maximino assim agiu, coagido pela necessidade, embora a ordem diferisse de seu modo de pensar. Não era verídica, nem fidedigna, visto que, já antes, apesar de ter concedido semelhante permissão, sua maneira de agir havia sido versátil e enganadora.

11. Em conseqüência, nenhum dos nossos ousou convocar assembléias, nem expor-se publicamente, porque a carta não o permitia. Ordenava apenas a abstenção de ultrajes contra nós; não obstante, não nos concedia o direito de convocar reuniões, nem construir igrejas, nem realizar nenhuma das costumeiras celebrações.

12. Entretanto, os imperadores promotores da paz e da piedade haviam escrito a Maximino que desse as mesmas permissões que eles próprios haviam concedido a todos os seus súditos por editos e leis. Este homem, assaz ímpio, porém, tinha preferido não outorgá-las. Só o fez quando, sob a pressão da justiça divina, viu-se enfim constrangido.

CAPÍTULO 10

Vitória dos imperadores agradáveis a Deus

1. Eis o motivo que o impeliu. Ele não era capaz de carregar o pesado e imerecido encargo do poder supremo que lhe fora confiado; mas, por sua inexperiência quanto à moderação e à razão convenientes a um imperador, governou com total imperícia; e sobretudo, illogicamente se exaltava, em sua orgulhosa insensatez. Já relativamente a seus sócios no império, acima dele em tudo pelo nascimento, a formação, a educação, a dignidade, a inteligência, e pela mais eminente das virtudes, a sabedoria e a piedade para com o verdadeiro Deus, ousou tentar prevalecer e declarar-se o primeiro a merecer as honras.¹⁴⁸

2. Levando sua insensatez até a demência, violou os pactos feitos com Licínio e declarou-lhe guerra implacável. Depois, em breve tempo, revolucionou tudo, perturbou as cidades e, reunindo um exército de milhares de homens, saiu com seus soldados em linha de batalha contra Licínio. Tinha o espírito cheio de orgulho, pelas esperanças que depositava nos demônios, tidos como deuses, e nas miríades de seus hoplitas.

3. E, ao iniciar a luta, viu-se privado da proteção divina. A vitória, provinda do único e exclusivo Deus do universo, coube ao detentor do poder de então.

4. Começou Maximino por perder os hoplitas, nos quais depositara confiança. Todos os seus guardacostas o abandonaram sem defesa, sozinho e passaram para o lado do vencedor. O infeliz despojou-se bem depressa das incômodas insígnias imperiais; covarde, sem brio, desencorajado, sumiu no meio da plebe; depois fugiu, escondeu-se e, na tentativa de salvar-se, atravessou campos e aldeias, escapando com dificuldade das mãos dos inimigos. Suas próprias ações proclamam que são fidedignos e verídicos os oráculos divinos, ao declararem:

5. “Nenhum rei se salva com exército numeroso, o valente não se livra pela sua grande força; para salvar, o cavalo é ilusão, e todo o seu vigor não ajuda a escapar. Eis que o olho do Senhor está sobre os que o temem, sobre aqueles que esperam em sua misericórdia, para da morte libertar a sua vida” (Sl 32,16-19).

6. Foi, portanto, assim que o tirano envergonhado voltou às regiões que estavam sob seu domínio. Primeiro foi tomado de furiosa cólera contra muitos sacerdotes e profetas dos deuses que outrora admirara e cujos oráculos o ha-viam estimulado a declarar a guerra. Denominou-os charlatães, sedutores e, sobretudo, traidores de sua imunidade e mandou matá-los. Depois deu glória ao Deus dos cristãos e promulgou para a liberdade destes uma lei muito completa e perfeita. Em breve, porém, sem que se lhe tenha concedido prazo algum de tempo, terminou a vida por miserável morte. A lei que ele promulgara assim versava:

CÓPIA DA TRADUÇÃO DO MANDAMENTO DO TIRANO EM FAVOR DOS CRISTÃOS, TRADUZIDA DO LATIM AO GREGO.

7. “O Imperador César Caio Valério, Maximino, Germânico, Sárмата, Pio, Feliz, Invencível, Augusto. De todos os modos e continuamente, velamos pelo bem de nossos súditos, e quisemos através dos meios mais adequados garantir os interesses de todos, o proveito e a vantagem comuns e também satisfazer os desejos particulares. Cremos que ninguém o ignora, mas quem remontar aos fatos tornar-se-á cômico de ser isto evidente.

8. Veio a nosso conhecimento que anteriormente, sob pretexto de terem os divinos Diocleciano e Maximiniano, nossos pais, dado ordem de se proibirem as assembléias dos cristãos, os *oficiais* efetuaram muitas extorsões e confiscações e, depois, elas se multiplicaram cada vez mais contra os nossos súditos, pelo bem dos quais nos empenhamos com a devida solicitude e cujos bens particulares tinham sido dissipados. Por isso, no ano passado, dirigimos aos governadores de cada província um rescrito, determinando que se alguém quisesse seguir tal costume ou observância religiosa, não encontrasse obstáculo na realização de seu desígnio, e por ninguém fosse impedido ou entravado e tivessem todos a liberdade de agir sem nenhum temor ou apreensão, a seu bel-prazer.

9. De resto, não nos escapa que alguns dos juizes transgrediram nossos mandamentos e foram causa de nossos súditos terem desconfiado de nossas prescrições e não compareceram senão após muitas hesitações às celebrações religiosas de seu agrado.

10. No intuito de doravante afastar qualquer suspeita ou ambigüidade, susceptível de ocasionar temor, decidimos publicar este mandamento. A todos se evidencie que se torna lícito, em virtude da presente concessão, aos que quiserem, abraçar esta seita e religião. Segundo o que desejar cada qual e lhe aprouver, adote a religião que preferir praticar habitualmente. Seja-lhes permitido também construir as próprias igrejas.

11. Além disso, a fim de que seja ainda maior a concessão, decidimos ordenar também o seguinte: Se acaso algumas casas ou terras, que de direito antes pertenciam aos cristãos e por ordem de nossos pais haviam se tornado possessão do fisco ou tinham sido tomadas por alguma cidade e esses bens foram

vendidos ou doados, ordenamos que retornem ao primitivo domínio dos cristãos, visando a que também nisso todos fiquem cientes de nossa bondade e providência.”¹⁴⁹

12. Tais as palavras do tirano. Apareceram antes do decurso de um ano desde que ele mandara afixar nas estelas os editos contra os cristãos. Nós, pouco antes, éramos tidos por ele na conta de ímpios, ateus, daninhos à vida humana, de sorte que não podíamos habitar em cidade alguma, nem no campo, nem mesmo no deserto; e agora, em prol dos cristãos, emitia mandamentos e leis. E aqueles que, pouco antes, sob seus olhos, eram entregues à morte, pelo fogo, o ferro, os dentes dos animais ferozes e das aves de rapina, aqueles que suportavam toda espécie de castigos, punições, e miserável fim de vida, como sendo ateus e ímpios, eles próprios agora recebiam do mesmo imperador a permissão de praticar a religião, a autorização de construir igrejas; o próprio tirano confessa que eles possuíam determinados direitos!

13. Após tal confissão, como que a título de recompensa desta ação, sofreu menos do que merecia; mas de repente foi atingido pelo castigo de Deus e morreu no segundo período da guerra.

14. Sua morte não foi acompanhada das circunstâncias que cercam a morte dos generais durante uma guerra e que muitas vezes, combatendo corajosamente pela virtude e por aqueles que lhe são caros, encontram com bravura, em plena batalha, um fim glorioso. Mas, qual ímpio e inimigo de Deus, Maximino sofreu o condigno castigo, permanecendo escondido dentro de casa, enquanto o exército estava ainda em linha de batalha. De repente ferido no corpo inteiro pelo flagelo de Deus, atacado por sofrimentos terríveis e dores insuportáveis, caiu prostrado com o rosto em terra. Devorado pela fome, suas carnes foram consumidas por um fogo invisível, que Deus acendera. Perdeu seu aspecto e forma anteriores, e dele só restavam ossos ressequidos, algo semelhante à figura de um corpo, após um tempo prolongado, reduzido a esqueleto. Os circunstantes não podiam pensar senão que o corpo se lhe tornara o túmulo da alma, enterrada num cadáver prestes a desaparecer por completo.

15. Queima-o com maior intensidade o calor proveniente de dentro das medulas; os olhos injetados saltam das órbitas e deixam-no cego. Ele, porém, nestas condições mal respirando e confessando o Senhor, invocava a morte. E finalmente, depois de ter atestado que era com justiça que sofria esses males por causa de seus excessos contra o Cristo, exalou o espírito.¹⁵⁰

CAPÍTULO 11

Destruição definitiva dos inimigos da piedade

1. Tendo, portanto, assim partido Maximino, o único supérstite dos inimigos da religião, e que se revelara o pior de todos, erguiam-se igrejas, restauradas desde os alicerces, por graça do Deus todopoderoso. A doutrina de Cristo, irradiante para a glória do Deus do universo, adquiria maior liberdade, enquanto a impiedade dos inimigos da religião se cobria de extremo desdouro e opróbrio.

2. Em primeiro lugar, o próprio Maximino foi declarado pelos imperadores inimigo comum dos homens; foi denominado, em editos públicos, tirano assaz ímpio, maldito, odiado por Deus. Das imagens colocadas em todas as cidades em sua honra e na de seus filhos, umas foram jogadas ao chão e inutilizadas; outras tiveram os traços recobertos de uma tinta sombria que os enegrecia e assim ficavam irreconhecíveis. Igualmente as estátuas levantadas para exaltá-lo foram derrubadas e quebradas; jaziam por terra, prestando-se a escárnio e zombaria daqueles que quisessem insultá-las e desprezá-las.

3. Em seguida, os outros inimigos da religião foram também destituídos de qualquer honra. Todos os

partidários de Maximino foram mortos, sobretudo os que destacara com postos de chefia, e que, por lisonja, haviam desprezado orgulhosamente a nossa doutrina.

4. Assim, o mais célebre, respeitado entre todos e mais fiel de seus companheiros, Peucétio, duas e três vezes cônsul, por ele nomeado *magister summarum rationum*. De igual modo, Culciano, que ocupara todos os cargos importantes e se tornou célebre pelo derramamento de sangue de milhares de cristãos no Egito. Além destes, havia muitos outros, por cuja ação sobretudo se fortificara e aumentara a tirania de Maximino.

5. A justiça reclamou também Teotecno, pois não esquecera de forma alguma sua atuação contra os cristãos. Depois de ter erguido em Antioquia um ídolo, esperava dias felizes; Maximino já o havia investido de muita autoridade.

6. Mas, ao chegar Licínio à cidade de Antioquia, mandou prender os magos e infligir torturas aos profetas e sacerdotes do novo ídolo, a fim de se informar por que artifício eles haviam criado o embuste. Coagidos pelos tormentos, tornou-se impossível continuar a ocultar o mistério; revelaram ser um dolo, artifício de Teocteno. Licínio infligiu a todos o merecido castigo. Primeiro, após numerosos suplícios, entregou à morte o próprio Teotecno e em segundo lugar aos seus companheiros de magia.

7. A todos esses acrescentaram-se os filhos de Maximino, já partícipes da dignidade imperial, que ele associara a si nas inscrições e imagens. Enfim, os parentes do tirano que precedentemente se exaltavam e tinham a audácia de oprimir os demais, com extrema ignomínia sofreram as mesmas penas que os acima mencionados. Pois não aceitaram antes a instrução, não conheceram nem compreenderam a exortação das Escrituras sagradas: “Não ponhais a segurança nos nobres e nos filhos dos homens, que não podem salvar. Exalam o espírito e voltam à terra, e no mesmo dia perecem seus planos!” (Sl 145,3-4).

[Ao Deus, Todo-poderoso... (Cf. início do Livro X)]

(a) Assim descartados os ímpios, as partes do império que lhes cabiam foram governadas firmemente e sem contestação apenas por Constantino e Licínio. Estes extirparam primeiro do mundo inteiro o ódio a Deus, depois manifestaram, através dos bens cuja administração Deus lhes havia sabiamente confiado, o amor à virtude e a Deus, a piedade e o reconhecimento para com a divindade, por meio da legislação em favor dos cristãos.

[140](#) Os “curadores das cidades” eram encarregados de verificar as contas das cidades e de exercer sobre elas a tutela de confiança. Eram funcionários nomeados pelo imperador e escolhidos, segundo o caso, entre os membros da ordem senatorial ou da ordem eqüestre. Cf. L. HOMO, *Les institutions politiques romaines. De la cité à l'État*, Paris, 1927, pp. 399-400.

[141](#) O pretexto era talvez de ordem moral: mulheres de má vida, que pretendiam ter sido cristãs, afirmam que nas igrejas se cometiam desordens vergonhosas. Se as igrejas foram destruídas nos anos precedentes, interditar as reuniões nos cemitérios era o mesmo que interditar todas as assembléias culturais.

[142](#) Bem cedo, a personagem de Pilatos tornara-se o centro de trabalho de pseudo-epigrafia. Imaginara-se que o procurador romano enviara ao imperador Tibério as Atas oficiais do processo de Jesus (cf. Justino *Apol.* I, 48; Tertuliano, *Apolog.*, 21,24). Os *Atos apócrifos de Pedro e Paulo* mencionam, também, uma assim chamada Carta de Pilatos a Cláudio. Contudo, não há até hoje nenhum conhecimento sobre estes pretendidos *Atos de Pilatos* além do que se diz aqui. Por outro lado, deve-se observar o papel que se lhe faz desempenhar nas escolas: é, ao que tudo indica, a primeira vez que se vê o Estado pagão interferir oficialmente para impor ensino anticristão.

[143](#) É estranho que, na *História Eclesiástica*, Eusébio não fale da conversão de Constantino e da visão que ele teria tido e que determinara sua vida. Desta visão, é preciso procurar a mais antiga narração em Lactâncio, *Sobre a morte dos perseguidores*, 44. Eusébio a narra em seu *De vita Constantini* I, 27. Conhecem-se as discussões polêmicas provocadas por esta narração. Aqui Eusébio se contenta em lembrar, para afirmar o cristianismo do imperador, que Constantino invocou o Deus celeste e o Salvador Jesus Cristo.

[144](#) Segundo o Panegírico de 313 (cf. *Paneg.* 9,3), as tropas de Maxêncio teriam cem mil homens. Conforme o historiador Zóximo,

cento e oitenta e oito mil. Estes números devem ser exagerados. “*Hoplitas*” são soldados de infantaria com armadura pesada.

[145](#) A batalha teve lugar, como se sabe, aos 28/10/312, junto à Ponte Mílvia, sobre o rio Tibre, a três quilômetros de Roma. Foi nesta ocasião que Constantino teve uma aparição da cruz no céu, com as palavras *In hoc signo vinces* “por este sinal vencerás”. Segundo a tradição, os soldados marcaram seus escudos com o símbolo da cruz e Constantino derrotou Maxêncio, que havia construído, para a ocasião, uma ponte de barcos, duplicando a ponte de pedra. Esta ponte de barcos se rompeu sob o peso das tropas e Maxêncio foi precipitado no rio com grande número de soldados. Daí a comparação que Eusébio faz com o exército do Faraó que foi engolido pelas águas do mar Vermelho.

[146](#) Pelo que se sabe das crenças religiosas de Constantino, talvez a estátua em questão representasse o imperador como *Constantino Apolo*. Era natural que o panegirista pagão não falasse em termos expressos do cristianismo do imperador. Por outro lado, parece estranho que, nesta época, o Senado tenha posto em relevo a cruz do Salvador. A impossibilidade de uma estátua imperial oficialmente cristã no Fórum em 313 é flagrante. O “troféu salutar da paixão” é, certamente, a cruz.

[147](#) Eusébio indica aqui o que se chamou o edito de Milão. Talvez um primeiro “edito” fora publicado em 312, logo depois da derrota de Maxêncio. O texto deste “edito” é reproduzido em tradução grega mais abaixo, no cap. 10, 5.2-14. O texto latino é dado por Lactâncio no *De morte persecutorum*, 48, 2-8.

[148](#) “Imperadores agradáveis” ou “amigos de Deus” são os favoráveis aos cristãos, a saber, Licínio e Constantino, que são também os “promotores da paz”. No primeiro momento, Eusébio julgou Licínio imperador piedoso, mas após sua morte, em 323, e sua memória condenada, Eusébio remanejou sua obra eliminando as passagens favoráveis a Licínio.

[149](#) Maximino não diz quem operará a restituição dos bens confiscados. Sua ordem fica, pois, no ar. O rescrito de Maximino é adaptação do edito de Milão.

[150](#) O flagelo de Deus é expressão tanto homérica quanto bíblica, cf. a propósito, a morte de Herodes, acima em I,8,5. A morte súbita de Maximino parece a Eusébio um benefício de Deus. O perseguidor teria merecido, segundo ele, longos e cruéis sofrimentos antes de morrer. Entretanto, não teve a glória de morrer no campo de batalha. No parágrafo 14, encontra-se a menção do flagelo de Deus. A maior parte dos parágrafos 14-15 se encontra, praticamente, repetida no *De vita Constantini* I,58-59.

LIVRO DÉCIMO

CAPÍTULO 1

Paz que Deus nos outorgou

1. Ao Deus, todo-poderoso e rei do universo, graças sejam dadas em todas as coisas; abundantes graças também ao Salvador e Redentor de nossas almas, Jesus Cristo, por cuja intercessão pedimos continuamente nos seja conservada firme e inabalável a paz, isenta de perturbações internas e externas.
2. Juntamente com essas preces, aos precedentes acrescentamos aqui o décimo livro da *História eclesiástica* e a ti o dedicamos, Paulino, [151](#) muito santo na minha opinião, proclamando-te, por assim dizer, o sigilo de toda a obra.
3. Com razão, inserimos aqui neste número perfeito o discurso perfeito, o panegírico da restauração das igrejas, obedecendo de algum modo à inspiração divina a estimular-me nesses termos: “Canta ao Senhor um cântico novo, pois ele fez maravilhas; sua direita o salvou e seu braço santo. O Senhor fez conhecer sua salvação, revelou sua justiça aos olhos das nações” (Sl 97,1-2).
4. Em obediência a este oráculo, cantemos o cântico novo relativo ao presente, porque, após os espetáculos e as descrições terríveis e sombrias, fomos julgados dignos de presenciar agora e celebrar maravilhas tais que muitos antes de nós, realmente justos e testemunhas de Deus, desejaram ver na terra e não viram, ouvir e não ouviram (cf. Mt 13,17).
5. Mas estes homens, havendo ocorrido o mais depressa possível, obtiveram nos céus bens muito superiores e no paraíso apossaram-se de delícias divinas (2Cor 12,2-4; Gn 2,15). Quanto a nós, confessando que esses bens vão além do que merecemos, ficamos estupefactos pela liberal magnificência de seu autor; admiramos também justamente com todas as forças da alma, venerando-o e atestando a verdade da Escritura,
6. que diz: “Vinde ver os atos do Senhor, é ele quem na terra faz assombros: acaba com as guerras até ao extremo da terra, quebra os arcos, despedaça as armas e atira os escudos ao fogo” (Sl 45,9-10). Alegremo-nos com as manifestas maravilhas em nosso favor e prossigamos nossa narrativa.
7. Desapareceu, portanto, da forma supramencionada, toda a raça dos inimigos de Deus; desvaneceu-se, de repente, da vista dos homens, de tal sorte que de novo cumpriu-se a palavra divina, expressa nesses termos: “Eu vi um ímpio muito poderoso elevar-se como um cedro do Líbano; passei de novo e eis que não existe mais, procurei-o, mas não foi encontrado” (Sl 36,35-36).
8. Já de resto um dia brilhante e luminoso, desanuviado, enche com raios de luz celeste as Igrejas de Cristo por toda a terra habitada. Também os que estavam fora de nossa confraria, nada os impedia de gozar, senão de bens iguais aos nossos, ao menos da irradiação e da participação desses bens concedidos por Deus.

CAPÍTULO 2

Restauração das igrejas

1. Todos os homens, por conseguinte, estavam livres da opressão dos tiranos e libertos dos males anteriores. Cada qual reconhecia como único Deus verdadeiro o que combatera em favor dos homens piedosos. Mas para nós principalmente, que havíamos depositado nossas esperanças no Cristo de Deus, uma alegria indizível, uma felicidade celeste expandia-se para todos nas construções que pouco antes haviam sido derrubadas pela impiedade dos tiranos e de certo modo redivivas após longa e mortal devastação. Víamos os templos se erguerem novamente das ruínas a alturas indefinidas e receberem esplendor superior ao dos templos outrora destruídos.

2. Mas os imperadores mais altamente posicionados corroboravam, aumentando e estendendo, por leis contínuas em favor dos cristãos, as dádivas provenientes da magnificência de Deus. Além disso, os bispos recebiam individualmente cartas, honras, ricos presentes do imperador. Talvez não seja despropositado, no devido lugar, que conste nesse livro, qual estela sagrada, textualmente esses documentos traduzidos do latim ao grego, para memória dos pósteros.

CAPÍTULO 3

Dedicações celebradas em todo lugar

1. Além disso, foi-nos oferecido o espetáculo desejado e almejado por todos: festas de dedicações em cada cidade, consagrações de igrejas recém-construídas, assembléias de bispos congregados para idêntica finalidade, concurso de fiéis de longe e de toda a parte, sentimentos amigáveis de povo para povo, unidade dos membros do corpo de Cristo (cf. Rm 12,5; 1Cor 12,12) num todo harmônico.

2. Conforme o anúncio profético a prenunciar misticamente o futuro, assim efetivamente se uniam ossos aos ossos, articulações às articulações (cf. Ez 37,7) e a palavra profetizada em enigmas se cumpria sem falha.

3. Uma só força do Espírito divino atravessava todos os membros; um só coração, idêntico e único anseio de fé; um só hino de louvor a Deus. Sim, era verdadeiramente perfeito o culto prestado pelos chefes eclesiásticos, os ritos sagrados dos sacerdotes e, na Igreja, celebrações dignas de Deus, ora pelo canto dos salmos ou pela audição das palavras que Deus nos transmitiu, ora pela realização de liturgias divinas e místicas: símbolos inefáveis da paixão do Salvador.

4. Unânimes, todas as idades, homens e mulheres, em plena intensidade de sentimentos, alegres de mente e espírito com orações e ações de graças glorificavam a Deus autor dos bens. E cada um dos bispos presentes pronunciava sermões de festa, segundo a medida do próprio talento, para realçar a solenidade.

CAPÍTULO 4

Panegírico do estado excelente dos negócios

1. Um homem, daqueles bem dotados, tendo composto um discurso, postou-se no meio da assembléia. A igreja estava repleta. Na presença de grande número de pastores que, em silêncio e ordem, prestavam ouvidos, diante de eminente bispo, de Deus amado, por cujo zelo e atividade se edificara o templo de Tiro, o mais belo da fenícia, proferiu as seguintes palavras:

PANEGÍRICO SOBRE A EREÇÃO DAS IGREJAS, DIRIGIDO A PAULINO, BISPO DE TIRO.

2. Ó amigos de Deus, sacerdotes revestidos da túnica sagrada, ornados da coroa celeste da glória, ungidos com a unção divina, revestidos da túnica sacerdotal do Espírito Santo.¹⁵² E tu, ó jovem

ornamento do santo templo de Deus, que Deus honrou com a prudência dos velhos, tu que mostraste obras magníficas e ações duma virtude nova e fulgurante; tu, a quem o próprio Deus, que contém o mundo inteiro, concedeu o privilégio de construir e restaurar sua casa sobre a terra, dedicada a Cristo, Filho único e primogênito, seu Verbo, e a sua santa e devotada Esposa.

3. Poder-se-ia dar-te o nome de novo Beseleel (cf. Ex 31,2), construtor dum tabernáculo divino, ou ainda de Salomão (cf. 1Rs 6-7), rei duma nova Jerusalém, muito superior à antiga ou ainda de outro Zorobabel (cf. Esd 3,4-6; Esd 6,16-22), que conferiu glória muito maior que a primeira ao templo de Deus.

4. E vós também, ovelhas do rebanho sagrado de Cristo, alvo de bons discursos, escola de sabedoria, auditório religioso, venerando e amigo de Deus.

5. Outrora, adquirimos o conhecimento dos maravilhosos sinais de Deus, dos milagres do Senhor em benefício dos homens, ao ouvirmos os textos divinos. Assim instruídos, torna-se-nos lícito dirigir a Deus hinos e cânticos e dizer-lhe: “Ó Deus, nós ouvimos com nossos ouvidos, nossos pais nos contaram a obra que realizaste em seus dias, nos dias de outrora” (Sl 43,2).

6. Mas agora, não é apenas pelas narrativas, por sons de palavras que conhecemos o braço estendido e a celeste mão direita de nosso Deus tão bom e rei universal (Sl 135,12); é, por assim dizer, pelas obras, por nossos próprios olhos, que vemos quanto as coisas de outrora, transmitidas pela memória, são fiéis e verdadeiras. Podemos cantar pela segunda vez o hino da vitória, proclamá-lo em alta voz nesses termos: “Conforme ouvimos, assim vimos também na cidade do Senhor dos exércitos, na cidade do nosso Deus” (Sl 47,9).

7. Em que cidade, a não ser naquela recentemente fundada e construída por Deus? “É a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade” (Tm 3,15). Outra palavra divina assim a anuncia: “Contam-se glórias de ti, ó cidade de Deus” (Sl 86,3). Foi dentro dela que o Deus de bondade nos reuniu pela graça do Filho único e cada um dos convidados canta e até exclama nesses termos: “Alegrei-me quando me disseram: ‘Vamos à casa do Senhor!’”, (Sl 121,1) e ainda: “Senhor, eu amo a beleza de tua casa e o lugar onde a tua glória habita” (Sl 25,8).

8. E não o diga somente cada qual para si, mas todos juntos, concordes e unânimes, venerando-o e bendizendo, digamos: “O Senhor é grande e muito louvável na cidade do nosso Deus, a montanha sagrada” (Sl 47,2). Ele é verdadeiramente grande “como é grande a sua morada, elevada e sem medidas” (Br 3,24-25); é “mais bela perante os filhos dos homens” (Sl 44,3). Grande é o Senhor, “porque só ele realiza maravilhas” (Sl 71,18). Grande é aquele que “faz grandes prodígios insondáveis, gloriosos, extraordinários, sem conta” (Jó 9,10). Grande “quem muda tempos e estações, quem depõe reis e entroniza reis” (Dn 2,21), “ele ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo” (Sl 112,7). “Depôs poderosos de seus tronos e a humildes exaltou; cumulou de bens a famintos” (Lc 1,52-53), e quebrou “os braços rebeldes” (Jó 38,15).

9. Não apenas a fiéis, mas também a infiéis comprovou as antigas tradições, ele, o taumaturgo, o autor de grandes obras, o senhor do universo, o demiurgo do mundo inteiro, o Todo-poderoso, todo bondade, um só e único Deus, a quem devemos cantar um cântico novo (Sl 97,1), subentendendo que “só ele realizou maravilhas, porque a sua misericórdia é para sempre; que matou reis poderosos, porque sua misericórdia é para sempre; ele se lembrou de nós em nossa humilhação, ele nos salvou dos nossos opressores” (Sl 135,4; 17-18; 23-24).

10. Jamais cessemos de celebrar assim aquele que de todos é o Pai. Relativamente a Jesus, para nós a

causa segunda dos bens, o introdutor no conhecimento de Deus, o mestre da verdadeira piedade, que arruína os ímpios, mata os tiranos, restaura a vida, o salvador dos desesperados que éramos, tenhamos na boca o seu nome e honremo-lo.

11. Somente ele, com efeito, sendo o Filho absolutamente único e cheio de bondade do Pai bondosíssimo, de acordo com a filantropia do Pai, assumiu de bom grado a nossa natureza, mergulhados que estávamos na corrupção daqui de baixo. Qual excelente médico que, para a saúde dos doentes, “perscruta os males, toca as coisas repugnantes e dos padecimentos alheios recolhe para si o pesar”, ele nos salvou, a nós que não estávamos apenas doentes e atingidos de chagas terríveis ou de feridas purulentas, mas ainda jazíamos entre mortos; atraiu-nos a si dos abismos da morte, porque nenhum dos espíritos celestes tinha tanta força para indene obter a salvação de tantos.

12. Somente ele ainda, portanto, tocou a corrupção de nossa profunda miséria; somente ele suportou nossa labuta; ele só tomou sobre si o castigo de nossas iniquidades (cf. Is 53,4-5). Ele nos reergueu quando não estávamos apenas moribundos, mas já completamente corruptos e apodrecidos, nos túmulos e sepulcros. Como outrora, também agora, solícito devido a seu amor aos homens, salva-nos contra toda esperança de qualquer um — e, portanto, também nossa —, faz-nos partícipes dos bens de seu Pai, ele o vivificador, o guia em direção à luz, nosso grande médico, rei e Senhor, o Cristo de Deus.

13. Mas outrora, quando o gênero humano todo inteiro achava-se imerso em noite tenebrosa e profundamente sombria, devido à sedução dos demônios malignos e à atividade dos espíritos ímpios, ele apareceu uma vez por todas e desligou as múltiplas cadeias de nossos pecados, como a cera se derrete aos raios do sol (cf. Sl 57,9).

14. E agora, após tal graça e beneficência, o demônio maligno em sua inveja e ódio, por assim dizer, fez irromper, mobilizou contra nós todos os seus poderes mortíferos. E primeiro, como cão raivoso que quebra os dentes nas pedras que lhe são jogadas, e exerce contra objetos inanimados sua cólera contra os que o expulsam, o demônio reverteu sua ira feroz contra as pedras das igrejas e os materiais inanimados das casas de oração. Assim, pensava ele, devastaria as igrejas. Em seguida, lançou terríveis assobios, sibilos de serpente, ora através de ameaças de tiranos ímpios, ora por meio de mandamentos blasfematórios de príncipes perversos. Depois, vomitou a morte dele originária e injetou-a nas almas que conquistara poções venenosas e letais; bem mais, fê-las perecer completamente, empregando sacrifícios mortais oferecidos a ídolos exânimes e excitou contra nós insidiosamente toda espécie de animais ferozes e selvagens em figura humana.

15. Então, novamente, o anjo do grande conselho (Is 9,6), o grande general de Deus, após o treino suficiente que haviam realizado os mais valorosos combatentes de seu reino com constância e firmeza totais, apareceu de repente, expulsou as forças inimigas e contrárias para a obscuridade e o nada, de sorte que pareciam jamais ter recebido um nome. Quanto a seus amigos e familiares, ele os exaltou com supereminente glória, em presença não só de todos os homens, mas ainda dos poderes celestes, do sol, da lua, das estrelas, do céu inteiro e do uni-verso.

16. Por conseguinte, então, coisa jamais vista, os imperadores mais altamente colocados,¹⁵³ cômicos da honra que lhes coube, puseram-se a cuspir na face dos ídolos mortos, a pisotear os ritos ímpios do culto dos demônios, a zombar do erro antigo transmitido por seus pais, a reconhecer como um só e único Deus, o benfeitor comum de todos os homens e deles próprios, a confessar o Cristo Filho de Deus, rei soberano do universo, a proclamá-lo Salvador em estelas, insculpindo em magníficos

caracteres, para perpétua memória, seus feitos, suas vitórias contra os ímpios, no meio da cidade que reina sobre as cidades da terra. Assim único desde os séculos, Jesus Cristo, nosso Salvador, foi não só reconhecido pelos mais poderosos na terra, como um dos reis nascido entre os homens, mas foi ainda adorado qual genuíno Filho de Deus do universo, sendo ele mesmo Deus.

17. E isto com pleno direito. Qual dos governantes, com efeito, alcançou tal grau de virtude que encheu com a fama de seu nome os ouvidos e a boca de todos os homens sobre a terra? Qual o rei que, depois de ter promulgado leis piedosas e sábias, pôde torná-las assaz conhecidas para ser escutado por todos os homens, desde as extremidades da terra até os limites do mundo habitado?

18. Quem transmutou os costumes bárbaros e selvagens de feras nações por suas leis suaves e filantrópicas? Quem, após ter sido combatido por todos durante séculos inteiros, manifestou poder sobre-humano, tal como floresce cada dia e se renova através do mundo?

19. Quem criou um povo, do qual jamais se ouvira falar, não oculto num recanto do orbe, mas habitante de toda a terra que está debaixo do sol? Quem também munuiu seus soldados de armas da piedade, a ponto que suas almas se tornaram talvez mais fortes que o diamante nos combates contra os adversários?

20. Qual o rei tão poderoso que, após a morte, dirige seu exército, ergue troféus contra seus inimigos, enche todo lugar, região, cidade, grega ou bárbara, com a dedicação de casas reais e templos de Deus, à semelhança dos ornamentos e ofertas magníficas deste templo onde nos encontramos, os quais são verdadeiramente veneráveis e grandes, dignos de provocar espanto e admiração, e oferecem provas manifestas da realeza de nosso Salvador? Hoje ainda “ele falou e tudo existiu; ele mandou e tudo foi criado” (Sl 32,9; 148,5). Quem, com efeito, podia se opor à vontade do rei soberano, do chefe supremo, do Verbo de Deus? Esses (ornamentos e oferendas) necessitariam de um discurso especial para serem com vagar cuidadosamente examinados e descritos.

21. Entretanto, aquele que reconhecemos como Deus não julga tão importante a atividade dos que labutaram a fim de construir este edifício em comparação com o templo animado que sois todos vós e a casa constituída de pedras vivas (1Pd 2,5) e bem encaixadas, forte e solidamente erguida “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular” (Ef 2,20). Rejeitaram-na (cf. Sl 117,22; Mt 21,42; Mc 12,10; Lc 20,17; 1Pd 2,7) não apenas os artífices da antiga casa agora inexistente, mas ainda os da construção até hoje subsistente, levantada por muitos, péssimos arquitetos de obras más. Mas o Pai experimentou a pedra angular; então e agora a colocou qual *pedra angular* desta Igreja, comum a todos nós.

22. Tal é, portanto, este templo vivo pertencente ao Deus vivo, que somos nós. Refiro-me ao santuário grandioso e verdadeiramente digno de Deus, cujo interior é inacessível, invisível à maioria, realmente santo e santo dos santos. Quem, depois de o ter contemplado, dele ousaria falar? Quem seria capaz de se curvar para olhar os seus recintos sagrados, senão o grande pontífice do universo, o único a perscrutar os mistérios da alma racional?

23. Talvez seja ainda lícito a outrem ocupar o segundo lugar depois de Cristo, mas somente a um só dentre seus pares, ao que foi nomeado general deste exército. O mesmo primeiro e sumo pontífice honrou-o com o segundo lugar dentre os outros sacerdotes terrenos. Trata-se do Pastor do vosso divino rebanho, que obteve o governo do povo por eleição e juízo do Pai, como se ele próprio o houvesse estabelecido enquanto servo e intérprete, novo Aarão ou Melquisedec, e que, assemelhando-se ao Filho de Deus,¹⁵⁴ permanece e graças às orações de todos nós é longamente mantido pelo Filho.

24. A este, portanto, somente, em seguimento do primeiro e sumo pontífice, seja lícito, senão em primeiro, ao menos em segundo lugar, contemplar e examinar o íntimo de vossas almas. A experiência e o tempo lhe permitiram conhecer exatamente a cada um de vós; seu zelo e solicitude vos firmaram na disciplina e doutrina da piedade. Mais que os outros, está realmente em condições de narrar suas grandes realizações, com o auxílio do poder divino, em palavras apropriadas às obras.

25. Nosso primeiro e sumo pontífice disse que “só aquilo que vê o Pai fazer, o Filho o faz igualmente” (Jo 5,19). Vosso pastor também, de certo modo fitando o mestre supremo com os olhos puros da mente, executa tudo aquilo que ele o vê fazer, e utilizando as ações dele como modelos e arquétipos, reproduz imagens tão fiéis quanto possível. Em nada fica atrás daquele Beseleel, que o próprio Deus encheu com espírito de sabedoria e de inteligência e de habilidade em arte e ciência, e destinou a ser o artífice da construção do templo através de “símbolos dos tipos celestes” (Ex 31,2-3; cf. Hb 8,5).

26. De igual modo, ele traz na alma a imagem do Cristo, com tudo o que ele é, o Verbo, a Sabedoria, a Luz. É indizível de que forma participastes de seu ardor, a fim de que de modo nenhum ficásseis atrás em grandeza de alma, em mão generosa e incansável; houve emulação da parte de todos vós, e magnanimidade dos doadores, relativamente às ofertas. Ele, portanto, pôs-se a construir este magnífico templo do Deus altíssimo, naturalmente segundo o modelo do templo perfeito, à medida que o visível pode se assemelhar ao invisível. Este local (é justo aludir a isto antes de tudo), estava entulhado de toda espécie de materiais impuros, devido aos maus desígnios dos inimigos. Ele não o desdenhou, nem cedeu à malícia dos culpados, embora tivesse sido possível escolher outro local — havia na cidade grande número de lugares adequados — onde o trabalho seria facilitado e muitas dificuldades seriam contornadas.

27. Por isso, ele próprio, em primeiro lugar, pôs mãos à obra; depois, estimulou o zelo do povo inteiro, e congregando-o qual uma só mão enorme, composta das mãos de todos unidos, encetou este primeiro combate. Ponderava que esta igreja, especialmente visada pelos inimigos na destruição, antes de nós fora a primeira a sofrer, sujeita a idênticas perseguições. Mãe, privada dos filhos, devia gozar com eles da magnificência do Deus inteiramente bom.

28. Por conseguinte, quando o grande pastor afugentou as feras selvagens, os lobos e toda espécie de animais ferozes e cruéis e quebrou as presas dos leões (cf. Sl 58,7), segundo as palavras das Escrituras divinas, houve por bem congregar novamente os filhos num só lugar e por isso, com pleno direito, também reedificar o redil do rebanho “para reprimir o inimigo e o perseguidor” (Sl 8,3), e opor uma refutação às audácias dos ímpios contra Deus.

29. E agora, os inimigos de Deus, que nem eram, já não existem (cf. Ap 17,8 e 11). Depois de terem por breve tempo causado terror, ficaram apavorados, porque foram submetidos a castigo indubitavelmente justo. Acarretaram ruína completa para si mesmos, seus amigos e suas casas, de tal sorte que as profecias, outrora insculpidas em estelas sagradas, revelaram-se realmente verdadeiras. Entre essas e outras mais, a palavra divina era verídica ao declarar sobre eles:

30. “Os ímpios desembainham a espada e retesam o arco para matar os retos de coração, para abater o pobre e o indigente. Mas a espada lhes entrará no coração e seus arcos serão quebrados” (Sl 36,14-15). E: “Sua lembrança sumiu com eco; pelo século e pelos séculos dos séculos apagaste o seu nome” (Sl 9,7.6), porque, mergulhados nos males, “eles gritam, e não há quem os salve; gritam ao Senhor, mas ele não lhes responde” (Sl 17,42). Todavia, “eles tropeçam e caem; nós, porém, nos levantamos e ficamos de pé” (Sl 19,9). E manifestou-se a verdade desta profecia aos olhos de todos: “Senhor, na tua

cidade reduziste a nada sua imagem” (Sl 72,20).

31. Estes, porém, à semelhança de gigantes, haviam empreendido uma luta contra Deus, e chegaram ao mesmo fim desastroso. Ao invés, a constância segundo Deus, abandonada e desprezada pelos homens, obteve os resultados que verificamos, conforme proclama a profecia de Isaías:

32. “Alegram-se o deserto e a terra seca, rejubile-se a estepe e floresça como o lírio; os desertos cobrir-se-ão de flores e exultarão. Fortalecei as mãos abatidas, revigori os joelhos cambaleantes. Consolai-vos, pusilânimes. Sede fortes, não temais. Eis que o nosso Deus vem para fazer justiça e fará justiça; ele vem para salvar-nos, porque, disse ele, a água jorrará no deserto e uma fonte na estepe. A terra seca se mudará em brejo, e a terra árida em mananciais de água” (Is 35,1-4; 6-7).

33. E essas palavras, outrora profetizadas oralmente, foram inscritas nos Livros Sagrados. Mas agora não nos são transmitidas por palavras, mas temos em realidade seu cumprimento. Esta igreja era deserta, árida, despojada e indefesa. “Como quem brande um machado no bosque, eles derribaram” as portas; “juntos, com machado e com martelo”, eles a tinham saqueado; destruíram seus livros; “atearam fogo no santuário de Deus; profanaram até à terra a morada de seu nome” (Sl 74,5-7). “Os viandantes” vindimavam esta igreja, depois de terem derrubado as cercas; “e o javali da floresta a devastava, e a fera solitária a devorava” (Sl 79,13-14). Agora, pelo maravilhoso poder de Cristo, quando ele quis, ela se tornou “como um lírio”. Com efeito, foi então conforme sua vontade que ela foi castigada por um pai vigilante, “pois o Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que ele acolhe” (Pr 3,11-12; Eclo 30,1-7; Hb 12,6; Ap 3,19).

34. Quando, pois, ela foi corrigida de forma comedida, como era preciso, recebeu do alto a ordem de se alegrar novamente; ela floriu “como um lírio”; rescende para todos os homens o odor divino, porque, diz a Escritura, “a água jorrou no deserto”, a onda da regeneração divina que confere a ablução salutar. E agora, o que há pouco tempo era deserto tornou-se “um brejo e na terra árida” brotou “uma fonte de água” viva, e “as mãos abatidas” se tornaram verdadeiramente fortes. Os presentes trabalhos são provas grandes e manifestas da força destas mãos. Mas, também os joelhos, outrora débeis e sem força, recuperaram a usual faculdade de andar e prosseguem, em linha reta, pelo caminho do conhecimento de Deus, apressando-se em direção do próprio rebanho, o do bom pastor.

35. E o Verbo Salvador não deixa sem assistência nem mesmo as almas entorpecidas, por causa das ameaças dos tiranos. Ao contrário, ele próprio dá-lhes tratamento e as estimula a aceitar a consolação que Deus lhes oferece, dizendo:

36. “Consolai-vos, corações pusilânimes. Sede fortes, não temais”. Nosso novo e esplêndido Zorobabel escutou, com o ouvido aguçado do espírito, depois deste amargo cativo e a “abominação da desolação”, a predição de que havia de gozar desses bens aquela que se tornara deserta por causa de Deus (Dn 9,27). Ele não desprezou o cadáver inanimado, porém antes de tudo, através de súplicas e sacrifícios, procurou tornar propício o Pai, com a unânime colaboração de todos vós. Depois, tendo tomado como aliado e auxiliar aquele que é o único a ressuscitar os mortos, reergueu a prostrada, previamente purificada e curada de seus males. Revestiu-a com uma veste, não a mesma de outrora, mas a referida pelos oráculos divinos, que anunciavam claramente: “A glória futura deste templo será maior do que a passada” (Ag 2,9).

37. Desta igreja, muito mais vasta que a primeira, ele delimitou todo o espaço. Consolidou o perímetro externo, cercado inteiramente de muralhas, de sorte a constituir uma segura fortificação do conjunto.

38. Abriu um vestíbulo, grande e elevado, voltado para os raios do sol levante, que oferecia de longe, fora dos recintos sagrados, uma ampla visão do interior;¹⁵⁵ mas também aos que são alheios à fé incita a dirigir o olhar para as primeiras entradas. Ninguém, aliás, podia passar diante do templo sem primeiro ficar penalizado ao se lembrar do abandono de outrora e da admirável e maravilhosa obra agora realizada. Talvez ele esperasse que alguém, assim compenetrado de dor, fosse atraído e impelido a entrar já pelo aspecto do edifício.

39. Não podem os que atravessam as portas penetrar lá dentro no santuário imediatamente com os pés sujos, não lavados; mas ele deixou o espaço maior possível entre o templo e as primeiras entradas, e ornou-o ao redor de quatro pórticos transversais; fez deste lugar um recinto quadrangular, com pequenas colunas que se erguem de todos os lados; os intervalos entre elas são fechados com grades proporcionais de madeira. No centro, um átrio a fim de se ver o céu, e oferecer ar luminoso, livremente exposto aos raios do sol.

40. Ali colocou os símbolos das purificações sagradas. Dispôs na frente do templo fontes para fornecerem em abundância água corrente onde podem se lavar os que penetram no recinto do templo. Este primeiro lugar pelo qual passam os que entram, oferece a todos beleza e agrado; e aos que ainda precisam das primeiras iniciações, apresenta a casa adaptada a suas necessidades.

41. Foi além, contudo, de proporcionar a visão desta entrada. O acesso ao templo se dá por meio de vestíbulos internos ainda mais numerosos. Abriu três portas de um só lado, expostas aos raios do sol, e aprouve-lhe que a do meio fosse muito mais alta e mais larga que as duas outras, decorada com placas de bronze firmadas com ferro e cinzeladas com relevos variados. Parecia uma rainha, e as duas outras, os guarda-costas.

42. De igual forma, providenciou pórticos de cada lado do templo, do mesmo número dos vestíbulos. Para iluminar de cima esses vestíbulos com bastante luz, planejou diferentes aberturas no edifício e proveu-as igualmente de vários ornamentos esculpidos em madeira. Quanto à própria basílica, ele a construiu com materiais ainda mais ricos e valiosos, e agiu com irrestrita liberalidade nos gastos.

43. Seria ocioso agora descrever o comprimento e a largura do edifício, a beleza esplêndida, a grandeza além de qualquer palavra, o aspecto resplandecente das obras de que estou discorrendo, a altura que vai até o céu, os preciosos cedros do Líbano empregados no edifício. O oráculo divino não silencia a menção deles: “As árvores do Senhor se alegram, disse, e os cedros do Líbano que ele plantou” (Sl 103,16).

44. Por que hei de descrever agora exatamente o plano arquitetônico cheio de sabedoria, a suprema beleza de cada uma das partes, se o testemunho da vista dispensa a notícia através do ouvido? Havendo assim terminado o templo, ornou-o de tronos elevados para honrar os que presidem, e além disso bancos dispostos em ordem para o conjunto (do clero), como convinha. Em seguida, colocou no meio o santo altar dos santos mistérios; e para torná-lo inacessível ao povo, cercou-o de grades de madeira reticulada, até em cima talhadas com fina arte, de sorte a oferecer um espetáculo admirável.¹⁵⁶

45. O pavimento também não foi descuidado; recobriu-o perfeitamente de mármore muito belo. Cuidou igualmente do exterior do templo. Mandou fazer com arte, de cada lado, êxedras e construções muito grandes artisticamente unidas, apoiadas nos flancos da basílica e ligadas por lanços à nave principal. Edificado o templo de Deus, nosso pacífico Salomão, mandou ainda construir os locais destinados aos

ainda necessitados da purificação e das abluções pela água e pelo Espírito Santo, de sorte que a profecia supracitada não ficou em palavras, mas realmente cumpriu-se.

46. Agora, com efeito, é verdade ser “a glória futura deste templo maior do que a passada” (Ag 2,9). Pois, visto que seu Pastor e Mestre uma vez por todas sofreu a morte pela Igreja, e após a paixão, transferiu o corpo, que ele havia revestido devido às manchas por ela contraídas, para o fulgor e a glória, e conduziu a carne que redimira da corrupção à incorrupção, era preciso e conseqüente que esta Igreja colhesse igualmente os frutos da economia do Salvador. Uma vez que dele recebeu a promessa de bens muito superiores aos terrenos, aspira a alcançar de forma durável, nos séculos futuros, a glória muito maior da regeneração pela ressurreição de um corpo incorruptível, na companhia do coro dos anjos de luz, no supraceleste reino de Deus, com o próprio Cristo Jesus, o benfeitor e Salvador universal.

47. Mas, com efeito, também atualmente, aquela outrora abandonada e desvalida, por graça de Deus, está circundada de flores. Tornou-se, na verdade, um lírio (Is 35,1), conforme a profecia; recuperou a veste nupcial e cingiu a coroa de decoro; foi instruída por Isaías a estar à frente do coro, para cantar a ação de graças a Deus nosso rei, glorificando-o com palavras de louvor.

48. Escutemo-la: “A minha alma se regozije no Senhor; porque ele me vestiu com vestiduras de salvação, cobriu-me com uma túnica de alegria; como um noivo que se adorna com um diadema, como uma noiva que se enfeita com as suas jóias. Com efeito, como a terra faz brotar a sua vegetação, e o jardim faz germinar as suas sementes, assim o Senhor Deus faz germinar a justiça e o louvor na presença de todas as nações” (Is 61,10). Com estas palavras conduz o coro.

49. De seu lado, em termos semelhantes, o esposo, o Verbo celeste, o próprio Jesus Cristo, lhe responde. Escuta o que diz o Senhor: “Não temas, porque foste envergonhada; não fiques confundida, porque foste humilhada. Com efeito, hás de esquecer tua eterna condição vergonhosa; não tornarás a lembrar o opróbrio da tua viuvez. Não foi como a uma esposa abandonada e acabrunhada que o Senhor te chamou, nem como à mulher repudiada desde sua mocidade. Teu Deus te diz: Por um pouco de tempo te abandonei, mas agora com grande compaixão torno a recolher-te. Em um momento de cólera, escondi de ti o meu rosto, mas com eterna compaixão me compadeci de ti, diz o Senhor, o teu redentor” (Is 54,4.6-8).

50. Levanta-te, levanta-te, tu que bebeste da mão do Senhor a taça da sua cólera; sim, o cálice, a taça da vertigem, o vaso de minha cólera, tu o bebeste, o esvaziaste. Dentre todos os filhos que deste à luz, nenhum que te console, ne-nhum que te tome pela mão. Certamente, vou tirar das tuas mãos a taça da vertigem, isto é, o cálice, a taça da mi-nha cólera. Tu não tornarás a bebê-la jamais. Antes, pô-la-ei nas mãos dos teus opressores, e que te têm humilhado.

51. “Desperta, desperta, mune-te da tua força, põe as vestes de gala. Sacode de ti o pó, e levanta-te. Assenta-te, desata as cadeias do teu pescoço” (Is 51,17-18.22-23; 52,1-2). Levanta os olhos em torno e vê: todos os teus filhos se reúnem e vêm a ti. Por minha vida, oráculo do Senhor, todos eles são como um adorno de que te cobres, tu te cin-girás deles como uma noiva. Com efeito, as tuas desolações, os teus ermos, a tua terra em ruína são agora estreitos demais para os teus habitantes e os teus devoradores estão longe.

52. “Os teus filhos de que estavas privada ainda dirão aos teus ouvidos: ‘O espaço é muito estreito para mim; arranja-me lugar para que eu tenha onde morar’. Então dirás no teu coração: ‘Quem me deu

à luz todos esses? Pois eu sou estéril e viúva. Estes, quem os criou? Eu tinha sido deixada só. Onde, então, estavam estes?’ ” (Is 49,18-21).

53. Tudo isso profetizou Isaías e com grande antecedência foi consignado a nosso respeito nos Livros Sagrados. Mas era preciso de algum modo que a veracidade dessas profecias fosse enfim apreendida através dos fatos.

54. Mas depois que o Esposo, o Verbo, dirigira tais palavras a sua esposa, a santa e sagrada Igreja, era conveniente que o paraninfo aqui presente (cf. Mt 9,15) que, pelas orações comuns de todos vós, fez estenderem-se vossas mãos, devia reerguer a abandonada, que jazia inanima-da, sem esperança da parte dos homens; pela vontade de Deus, o rei universal, e a manifestação do poder de Jesus Cristo, era preciso que ele a ressuscitasse, e uma vez ressurgida, a instituisse conforme o ensinamento dos oráculos sagrados.

55. Constitui, portanto, na verdade, grande maravilha, além de toda admiração, sobretudo para aqueles cujo espírito apenas atende às aparências externas das coisas. Mais maravilhoso do que este prodígio, porém, são os arquétipos e protótipos inteligíveis, modelos divinos, isto é, a renovação do edifício divino e racional das almas.

56. O próprio Filho de Deus o construiu à sua imagem e, por toda a parte e em tudo, deu-lhe a semelhança divina, a saber, uma natureza incorruptível, incorporeal, racional, livre de qualquer matéria terrestre, uma essência por si mesma inteligente. Uma vez que a fez passar do nada ao ser, para si e seu Pai, criou-a qual santa esposa, templo inteiramente sagrado. Ele mesmo o manifesta claramente, nesses termos: “Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (2Cor 6,16; cf. Lv 26,12; Ez 37,27). Tal era a alma perfeita e purificada, criada desta forma desde o começo, enquanto trazia a imagem do Verbo celeste.

57. Mas, em consequência da inveja e do ciúme do demônio maligno, voluntariamente começou a amar as sensações e o mal. Por isso, tendo dela se apartado a divindade, e de certo modo estando abandonada por seu protetor, tornou-se presa fácil, propensa a cair nas ciladas, e foi vencida pelos que longamente a invejavam. Derrubada pelas máquinas e engenhos dos inimigos invisíveis e adversários espirituais, levou miserável queda, de sorte que de sua virtude não restou pedra sobre pedra (cf. Mt 24,2; Mc 13,2; Lc 21,6). Em tudo e por tudo, jazia morta por terra, e privada naturalmente de conceitos a respeito de Deus.

58. Com efeito, ao cair a criatura feita à imagem de Deus, não foi o “javali da floresta” (Sl 79,14) visível, que a devastou, mas um demônio corruptor e feras espirituais, que inflamaram nela as paixões, de certo modo através dos “dardos inflamados” (Ef 6,16) de sua própria malícia: “atearam fogo no santuário” realmente “de Deus; profanaram até à terra a morada de seu nome” (Sl 73,7). Depois, tendo sepultado a infeliz sob um montão de terra, lançaram-na em completo desespero da salvação.

59. Mas seu defensor, o Verbo, luz divina e Salvador, após justo castigo de seus pecados, acolheu-a novamente, atendendo ao amor do Pai cheio de bondade para com os homens.

60. Havendo previamente escolhido as almas dos imperadores não elevados em dignidade, o Verbo começou por purificar toda a terra de homens ímpios e perniciosos, bem como dos próprios tiranos cruéis e inimigos de Deus, por intermédio dos príncipes muito amados de Deus. Em seguida, tornou público os seus íntimos, anteriormente a ele consagrados como sacerdotes vitalícios e que, envolvidos

numa tempestade de tribulações, abrigavam-se sob sua proteção; honrou-os dignamente com as magnificências do Pai. Enfim, as almas, também elas, que pouco antes se haviam maculado, e estavam sob um acúmulo de materiais de toda espécie em consequência dos mandamentos ímpios, purificou-as e limpou-as, por meio daqueles bispos, com picaretas e enxadas de duas pontas, isto é, com os ensinamentos penetrantes da doutrina.

61. Depois de ter tornado esplêndido e brilhante o campo da inteligência de todos vós, doravante confiou o múnus a este nosso chefe, prudentíssimo e amado por Deus. E ele, aliás, cheio de bom senso e prudência, soube reconhecer e discernir o grau de inteligência das almas que lhe foram confiadas. Desde o primeiro dia, por assim dizer, até hoje não cessou de construir. Aplica em vós ora o ouro brilhante, ora a prata acrisolada e pura, as pedras preciosas de grande valor, de sorte que em vós realiza por suas obras a profecia sagrada e mística, assim formulada:

62. “Certamente vou revestir de carbúnculo as tuas pedras; vou estabelecer os teus alicerces sobre a safira. Farei de jaspe as tuas ameias; e de cristal de rocha as tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas. Todos os teus filhos serão discípulos de Deus; grande será a paz dos teus filhos. Serás edificada sobre a justiça” (Is 54,11-14).

63. Sim, é na justiça que ele constrói e é segundo o mérito do povo inteiro que ele distribui as funções.¹⁵⁷ A uns, ele os circunda só da muralha exterior, cercando-os, como de um muro, de uma fé isenta de erro; numerosa, grande é a multidão dos incapazes de sustentar maior construção. A outros, confia o ingresso da casa, e ordena-lhes guardarem as portas e guiarem os que entram. São considerados com razão os guardiões do templo. Outros, ele os apóia sobre as primeiras colunas exteriores, dos quatro lados do átrio; ele os faz avançar sobre as primeiras interpretações da letra dos quatro evangelhos. A outros ainda, aproxima-os estreitamente de cada lado da basílica: são os catecúmenos, em crescimento e progresso, entretanto não são afastados por muito tempo da visão dos objetos interiores, idêntica à dos fiéis.

64. Entre esses últimos, escolhe as almas puras como ouro acrisolado, através do banho divino do batismo. Apóia a alguns em colunas mais fortes que as externas, isto é, as doutrinas místicas mais profundas das Escrituras; a outros, esclarece-os pelas aberturas voltadas para a luz.

65. Decora o templo inteiro com a única porta enorme da entrada em glorificação do rei soberano, um só e único Deus. Dispõe de cada lado do Pai soberano, os segundos raios da luz, o Cristo e o Espírito Santo. Ademais, através da igreja inteira, ele mostra, de modo irrestrito e bem variado, a claridade e a luz da verdade com pormenores. Por toda a parte e de todos os lados, ele escolhe as pedras vivas, sólidas, bem ajustadas das almas; e utilizando-as, prepara a grande morada real, brilhante, cheia de luz, por dentro e por fora, porque não somente a alma e a mente, mas também o corpo resplandece com a beleza das muitas flores da castidade e da sobriedade.

66. Há ainda neste santuário tronos e inumeráveis bancos e assentos, isto é, tantas almas sobre as quais pousaram os dons do Espírito Santo, tais como se manifestaram outrora nos santos apóstolos e os circunstantes; apareceram “como línguas de fogo, que se distribuíram e foram pousar sobre cada um deles” (At 2,3).

67. Mas, no chefe de todos justamente habita o próprio Cristo todo inteiro, enquanto nos que vêm em seguida, ele está à medida que participa cada qual do poder de Cristo e do Espírito Santo. Talvez os assentos dos anjos sejam as almas individuais que lhes foram confiadas a fim de serem instruídas e guardadas.

68. Que seria, porém, o venerável, grande e único altar senão o santo dos santos, a puríssima alma do sacerdote da comunidade? Junto dele, ao lado direito, está de pé o grande Pontífice do universo, Jesus, o Unigênito de Deus. Ele recebe com fisionomia jovial e mãos estendidas o odorífero incenso e os sacrifícios incruentos e imateriais das orações, oferecidos por todos os fiéis, e apresenta-os ao Pai do céu, o Deus do universo. Em primeiro lugar, ele próprio o adora e, sozinho, rende ao Pai a condigna homenagem; em seguida, pede-lhe que se nos mostre para sempre benevolente e propício.

69. Tal é o grande templo construído, em toda a terra sob o sol, pelo Verbo, o grande demiurgo do universo, depois de ter mais uma vez formado sobre a terra esta imagem inteligível das abóbadas celestes, de sorte a ser aí honrado e reverenciado o Pai, pela criação inteira e os seres vivos e racionais que estão sobre a terra.

70. Nenhum mortal é capaz de cantar dignamente a região supraceleste e os exemplares que aí se encontram das realidades terrenas, a Jerusalém denominada Jerusalém do alto e a montanha celeste de Sião, a cidade supracósmica do Deus vivo, no qual miríades de coros angélicos e a Igreja dos primogênitos inscritos nos céus (cf. Hb 12,22-23) celebram, em hinos inefáveis e inacessíveis a nossa razão, seu criador e chefe supremo do universo. Efetivamente, “os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9).

71. Tendo sido julgados dignos de participar destes bens, homens, crianças e mulheres, pequenos e grandes, todos juntos, num só espírito e numa só alma, não cessamos de confessar e bendizer o autor de tão grandes benefícios, “aquele que perdoa nossas culpas todas e cura todos os nossos males. É ele quem redime a nossa vida da cova e nos coroa de piedade e compaixão. É ele quem cumula de bens nosso desejo, porque nunca nos trata conforme os nossos erros, nem nos devolve segundo as nossas culpas. Como o Oriente está longe do Ocidente, ele afasta de nós as nossas transgressões; como um pai é compassivo com seus filhos, o Senhor é compassivo com aqueles que o temem” (Sl 102,3-5.10.12.13).

72. Reavivemos a memória dessas bondades divinas agora e para sempre. Contemplemos espiritualmente Cristo, autor e chefe da presente assembléia e deste dia brilhante e muito luminoso, noite e dia, em todas as horas e, por assim dizer, em cada sopro da respiração. Amemo-lo e veneremo-lo com toda a força de nossa alma. E agora, levantemo-nos e supliquemos-lhe de bom grado, em alta voz, que nos guarde até o fim em seu redil (cf. Jo 10,16), que nos salve e nos conceda o prêmio da vitória, a paz inquebrantável, inabalável, eterna, em Cristo Jesus nosso Salvador, por quem seja dada glória a Deus em todos os séculos dos séculos. Amém!

CAPÍTULO 5

Cópia das constituições imperiais relativas aos cristãos

1. E agora, enfim, citemos os mandamentos imperiais de Constantino e de Licínio, traduzidos para a língua latina. [158](#)

CÓPIA DOS MANDAMENTOS IMPERIAIS, TRADUZIDOS DO LATIM.

2. “Há muito, considerando que não se deve recusar a liberdade de religião, mas que é preciso deixar à razão e à vontade de cada um a faculdade de se ocupar das coisas divinas, conforme preferir, ordenamos que também os cristãos se conservem fiéis à própria convicção e à sua religião.

- 3.** Mas levando em conta que numerosas são as cláusulas evidentemente acrescentadas ao rescrito, que tal permissão outorgava a eles, talvez tenha sucedido que alguns dentre eles pouco depois tenham recuado diante da prática de tal culto.
- 4.** Por conseguinte, quando eu, Constantino Augusto, e eu, Licínio Augusto, chegamos felizmente a Milão e procurávamos tudo o que importava à utilidade e ao bem comum, entre outras coisas que nos pareciam proveitosas em geral, de vários pontos de vista, resolvemos, em primeiro lugar e antes de tudo, dar ordens para assegurar o respeito e a honra à divindade, isto é, decidimos conceder aos cristãos e a todos os outros a livre escolha de seguir a religião que quisessem, de tal modo que tudo que possa haver de divindade e de poder celeste nos seja propício, a nós e a todos os que vivem sob nossa autoridade.
- 5.** Assim, pois, num retíssimo e salutar propósito, declaramos nossa vontade de que a ninguém absolutamente se recuse a liberdade de seguir e preferir a observância ou a religião dos cristãos e de que seja concedida a cada qual a liberdade de dar consciente adesão à religião que julgar melhor, de sorte que possamos contar sempre com a habitual providência e a benevolência da divindade.
- 6.** Assim, fez-se mister que nos aprovesse publicar este rescrito, a fim de que, após a supressão completa das cláusulas contidas em nossas cartas anteriores a Tua Excelência a respeito dos cristãos, ficasse abolido o que se mostrasse inteiramente injusto e contrário à nossa brandura, e que agora, livre e simplesmente, cada um daqueles que tomaram a livre decisão de praticar a religião dos cristãos, possa observá-la sem nenhum impedimento.
- 7.** Eis o que decidimos declarar absolutamente a Tua Solicitude, a fim de que saiba termos concedido aos mencionados cristãos a faculdade livre e desimpedida de praticar a própria religião.
- 8.** Uma vez que Tua Excelência vê que lhes concedemos esta liberdade irrestrita, igualmente aos outros que quiserem é facultado seguir sua própria observância e religião, conforme evidentemente convém à tranqüilidade de nossa época. Assim, cada qual tem o poder de escolher e praticar a religião que quiser. Isso resolvemos de sorte que não pareçamos diminuir o rito ou a religião de ninguém.
- 9.** E, além disso, eis nossas determinações relativas aos cristãos. Os locais, onde eles costumavam anteriormente se reunir, e a respeito dos quais, numa prévia carta a Tua Excelência, outra norma havia sido prefixada, se talvez tenham sido comprados por nosso fisco, ou outro qualquer, sejam devolvidas aos mesmos cristãos sem pagamento nem reclamação de compensação, excluída toda espécie de negligência e equívoco. E se a alguns foram doados esses locais, restituam-nos o mais depressa possível aos cristãos.
- 10.** Assim, se os compradores dos ditos locais ou aqueles que os receberam de presente queiram reclamar algo de nossa benevolência, apresentem-se ao tribunal do juiz local, a fim de que, por nossa benignidade, seja-lhes atribuída certa compensação. Atenda a que todos esses bens sejam devolvidos integral e imediatamente à corporação dos cristãos.
- 11.** E visto que os supracitados cristãos não possuíam apenas os locais das reuniões costumeiras, mas é sabido que são proprietários de outros lugares não pertencentes a particulares, mas de direito a toda a corporação,¹⁵⁹ isto é, à comunidade dos cristãos, ordena que o total desses bens, segundo a lei acima citada, sejam incontestavelmente devolvidos na íntegra, aos ditos cristãos, isto é, à sua corporação e assembleia. As preditas disposições sejam manifestamente observadas, de tal sorte que os que os restituírem gratuitamente, conforme dissemos acima, aguardem uma indenização, graças à nossa

generosidade.

12. Em tudo isso, emprega o zelo mais eficaz para com a dita corporação cristã, a fim de que se cumpra o nosso mandamento o mais rapidamente possível, e também nesta questão, graças a nossa benevolência, se dê provisão à paz comum e pública.

13. Com efeito, por esta disposição, conforme declarado acima, a solicitude divina para conosco, já experimentada em muitas circunstâncias, há de permanecer firme em todo tempo.

14. E a fim de que os termos da presente lei e de nossa generosidade possam chegar ao conhecimento de todos, importa que o que escrevemos seja afixado por sua ordem, e em todos os lugares publicado para informação geral, de tal sorte que ninguém ignore a lei proveniente de nossa generosidade.

15. CÓPIA DE OUTRO MANDAMENTO IMPERIAL, EMITIDO AINDA COM A FINALIDADE DE PRESCREVER O BENEFÍCIO APENAS PARA A IGREJA CATÓLICA.

Ao venerando Anulino, saudações. O amor ao bem impele-nos habitualmente ao propósito de que toda propriedade alheia não somente não sofra dano, mas também (se for o caso), seja restituída, venerando Anulino.¹⁶⁰

16. Em conseqüência, determinamos que, ao receber esta carta, se ainda se encontram interditados, seja por cidadãos, seja por alguns outros, em qualquer cidade ou em outros lugares, bens pertencentes à Igreja católica dos cristãos, ordena imediatamente sua devolução a essas mesmas Igrejas, pois decidimos que as primitivas propriedades destas Igrejas retornem a seu domínio.

17. Visto que, conseqüentemente, tua Excelência compreende ser bem clara a formulação de nosso mandamento, que se apresse a restituir o mais depressa todas as coisas, jardins, casas, ou quaisquer bens pertencentes de direito às ditas Igrejas, e certifica-nos de que prestou a mais exata obediência ao presente mandamento. Boa saúde, caríssimo e venerando Anulino.”

18. CÓPIA DA CARTA DO IMPERADOR PELA QUAL ORDENA A CONVOCAÇÃO EM ROMA DE UM SÍNODO DE BISPOS, PARA A UNIÃO E CONCÓRDIA DAS IGREJAS.

“Constantino Augusto ao bispo de Roma Milcíades, e a Marcos. Numerosos e importantes escritos me enviou Anulino, o ilustríssimo procônsul da África, os quais referem ter sido Ceciliano, bispo da cidade de Cartago, censurado em muitos pontos por alguns de seus colegas que governam na África.¹⁶¹ Penaliza-me que, nestas províncias livremente confiadas pela divina Providência a Minha Dedicção, e nas quais numerosa é a multidão de povo, reine agitação por ínfima questão, com dissensão e divergência entre bispos.

19. Em conseqüência, aprouve-me que Ceciliano embarque para Roma, acompanhado de dez bispos dos que talvez o censurem e de dez outros que ele julgar necessários à defesa da própria causa, a fim de que lá, em sua presença e em presença de Retício, de Materno e de Marino, seus colegas, aos quais ordenei que fossem imediatamente a Roma com esta finalidade, ele possa ser ouvido, como é de seu conhecimento ser conforme à lei augusta.

20. Aliás, em vista de que possa ter cabal informação sobre essas questões, anexo à minha carta cópias dos documentos que me enviou Anulino, e remeti a seus ditos colegas. Uma vez lidos, Vossa Firmeza julgará de que maneira deve examinar minuciosamente a causa e encerrá-la de acordo com a justiça. Não escapa a Vossa Solicitude que, presentemente, dedico tal respeito à legítima Igreja católica que é de minha vontade que não tolere de modo algum cisma ou divisão, seja onde for. A divindade do grande Deus o guarde, venerando bispo, por numerosos anos.”

21. CÓPIA DA CARTA DO IMPERADOR, PELA QUAL ORDENA A REALIZAÇÃO DO SEGUNDO SÍNODO, PARA ELIMINAR QUALQUER DIVISÃO ENTRE OS BISPOS.

“Constantino Augusto a Cresto, bispo de Siracusa. Já anteriormente, quando maligna e perversamente, alguns começaram a se dividir a respeito da religião, do poder santo e celeste e da doutrina católica, no intuito de cortar inteiramente tais querelas entre eles, decidi chamar da Gália alguns bispos e convidar da África os que, em cada um dos partidos opostos, combatiam uns com os outros de forma obstinada e perseverante, a fim de que na presença do bispo de Roma, a questão que aparentava ser objeto das disputas pudesse, graças à presença deles, receber solução equitativa após exame completo e apurado da questão.

22. Mas, como costuma acontecer, alguns esqueceram-se até da própria salvação e da veneração devida à santíssima religião e, agora ainda, não cessam de sustentar as inimizades, sem querer conformar-se ao juízo já proferido.

Afirmam que foi somente uma minoria a expressar a própria opinião e sentença, ou ainda que, sem prévio e cuidadoso exame, foi emitido um juízo rápido e precipitado de tudo o que devia ser pesquisado. Daí provém que aqueles mesmos que deviam manter entre si concórdia fraterna e unânime, separaram-se de forma vergonhosa, ou antes abominável, oferecendo pretexto para zombaria aos homens cujas almas estão distanciadas da santíssima religião. Por conseguinte, tive de providenciar que possa ao menos agora, em presença de tantos, chegar a um termo a questão que, uma vez proferido o julgamento, deveria ter terminado com livre assentimento.

23. Temos, portanto, dado ordens a um grande número de bispos, vindos de muitos lugares diferentes, a que se reunissem na cidade de Arles,¹⁶² nas calendas de agosto, e por isso aprove-nos escrever-lhe que assumo o posto público, ao lado do ilustríssimo Latroniano, governador da Sicília, tendo consigo como adjuntos dois homens da segunda ordem que escolher, mais três escravos, aptos a servir-lhe durante a viagem, a fim de que possa encontrar-se naquele local no prazo determinado.

24. Deste modo, por meio de Tua Firmeza e da decisão conscienciosa, unânime e comum dos outros bispos reunidos, esta disputa, que infelizmente se estende até hoje devido a vergonhosas rivalidades, uma vez ouvidas as declarações de homens agora divididos e aos quais igualmente demos ordem de se apresentarem, poderá, embora tardiamente, ceder lugar a condições dignas da religião, da fé e da unanimidade fraterna. Que Deus todo-poderoso o guarde em saúde por numerosos anos.”

CAPÍTULO 6

1. *Cópia da carta imperial pela qual se concedem bens às Igrejas*

“Constantino Augusto a Ceciliano, bispo de Cartago. Uma vez que me aprove contribuir em todas as províncias nas Áfricas, Numídiás e Maurítânias, para as despesas de determinados servidores da santíssima religião católica, reconhecida pelas leis, enviei uma carta ao ótimo Urso, “*rationalis*” da África, e declarei-lhe que providenciasse a entrega de três mil *folles* contados a Tua Firmeza.

2. Uma vez recebido o pagamento da dita soma, ordena que essas quantias sejam distribuídas a todos os que anteriormente foram designados no memorando que Óssio¹⁶³ te enviou.

3. Mas se notares que falta alguma coisa para se completar o que determinei a respeito deste ponto em relação a todos eles, reclama de Heráclides, nosso procurador, aquilo que incontestavelmente verificar ser necessário. Com efeito, ordenei-lhe verbalmente que, se Tua firmeza lhe pedir dinheiro, cuide de contá-lo e entregá-lo sem hesitação.

4. Fui informado de que alguns de opinião inconsistente querem seduzir o povo, conduzindo-o da santíssima Igreja católica a uma doutrina perversa e falsa. Saibas que emiti ordens ao procônsul Anulino e também a Patrício, o vigário dos prefeitos, ali presentes, que dêem atenção conveniente a todos os outros assuntos e principalmente a este e não se deixem levar por negligência relativa à questão.

5. Por isso, se vires tais homens persistirem na insensatez, recorre sem hesitação aos supracitados juizes, e entrega-lhes a causa, a fim de que possam afastar do erro os demais, segundo lhes ordenei verbalmente. O poder do grande Deus o guarde durante numerosos anos.”

CAPÍTULO 7

1. *Cópia da carta imperial pela qual fica ordenado que os chefes das Igrejas sejam isentos de todo encargo público*¹⁶⁴

“Venerando Anulino, saudações. Na maior parte dos casos, o menosprezo da religião que conserva o máximo respeito à santíssima majestade celeste, manifestamente acarreta grandes perigos para os negócios públicos; ao invés, se acolhida e praticada conforme as leis, traz grande prosperidade ao nome romano e felicidade peculiar a todos os negócios humanos. São os benefícios de Deus que proporcionam essas vantagens. Em conseqüência, venerando Anulino, julguei oportuno, que os homens que, com a devida santidade e zelo por esta lei, prestam com solícitude serviço à religião divina, recebam condignas recompensas de suas fadigas.

2. Por isso quero que uma vez por todas, dentro da província que lhe foi confiada, os usualmente denominados clérigos que, na Igreja católica à qual está preposto Ceciliano, exercem o ministério em prol da santa religião, estejam isentos simplesmente, uma vez por todas, dos encargos públicos, a fim de não se afastarem por erro ou desvio sacrílego do serviço devido à divindade, mas, ao contrário, bem desimpedidos obedeçam a sua própria lei. Se eles prestam à divindade profunda adoração, sem dúvida há de derivar daí o maior bem para os negócios públicos. Saudações, Anulino caríssimo, assaz venerando.”

CAPÍTULO 8

Perversão de Licínio, mais tarde manifestada, e seu fim trágico

1. Tais eram, portanto, os dons provenientes da graça divina e celeste da manifestação de nosso Salvador; tal era também para todos os homens a afluência de bens oriundos da paz. E assim nossa época decorria com regozijo e em meio a festivas assembléias.

2. Mas, tal espetáculo era insuportável à inveja do demônio, que detesta o bem e ama o mal. Assim, pois, também a Licínio, para sugerir-lhe prudente reflexão, não foram suficientes os acontecimentos, mais acima relatados, atinentes aos tiranos. Ele, que fora julgado digno de ter próspero governo, de ser honrado ocupando o lugar imediatamente após o grande imperador Constantino, de entrar pelo casamento na família deste, contraindo a mais alta aliança, deixou de imitar os bons, e tornou-se êmulo da perversidade e malícia dos tiranos ímpios.¹⁶⁵ Apesar de ter visto, com os próprios olhos, o fim trágico da vida deles, preferiu as opiniões destes últimos à amizade e afeição de quem lhe era superior.

3. Cheio de inveja daquele que o havia cumulado de benefícios, declarou-lhe guerra criminosa, em extremo impiedosa, desobedecendo às leis da natureza, e extirpando do espírito a lembrança dos

juramentos, do sangue, dos tratados.

4. A ele, efetivamente o imperador cheio de bondade havia oferecido sinais de verdadeira benevolência: não desdenhara a afinidade com ele; não lhe recusara o casamento brilhante com sua própria irmã. Bem mais, fora julgado digno de torná-lo partícipe da nobreza que recebera dos pais, do sangue imperial que devia aos antepassados; havia-lhe concedido partilhar o poder soberano, como parente e co-imperador. Tinha-lhe outorgado governar e reger não pequena porção dos povos sujeitos aos romanos.

5. Mas Licínio, ao invés, agia de forma oposta; urdia cada dia maquinações contra seu superior, e imaginava toda espécie de ciladas, de certo modo correspondendo com malignidade ao benfeitor. Primeiro, pois, tentando dissimular suas tramas, fingia-se amigo; e aplicando-se o mais das vezes à astúcia e ao dolo, esperava alcançar facilmente a meta desejada.

6. Para Constantino, Deus era amigo, protetor e guarda; trouxe à luz as conjurações planejadas secretamente e na sombra, e superou-as. Extremamente eficaz é a grande arma da piedade para assegurar a proteção contra os inimigos e salvaguardar a salvação do indivíduo. Sob a proteção de tal arma, nosso imperador, muito amado de Deus, escapou às conjurações deste astuto, cujo nome se tornou odioso.

7. Ao verificar que suas tramas secretas não resultavam de forma alguma a seu gosto, porque Deus revelava toda astúcia e malícia ao imperador, amado de Deus, e não conseguindo mais dissimular, empreendeu guerra declarada.

8. Ao mesmo tempo que decidia lutar contra Constantino, já se dispunha a combater contra o Deus do universo, que sabia ser por ele honrado. Em seguida, no início cautelosa e silenciosamente, empreendeu atacar os súditos que eram religiosos e jamais absolutamente se haviam mostrado hostis a seu poder. Assim agia, arrastado por malícia natural, cruelmente exercida.

9. Não tinha, com efeito, diante dos olhos a lembrança dos que, antes dele, haviam perseguido os cristãos, nem daqueles que ele próprio havia eliminado, e cujas impiedades havia punido; mas, afastando-se da prudência, com o espírito evidentemente perturbado pela loucura, determinara guerrear contra o próprio Deus, enquanto protetor de Constantino, ao invés de combater o protegido.

10. Em primeiro lugar, expulsou da corte todos os cristãos, privando-se a si próprio, o infeliz, da oração que a Deus eles dirigiam em seu favor, da oração que, segundo doutrina dos maiores, devem eles fazer por todos os homens (cf. 2Tm 2,1-2). Depois, ordenou que, em cada cidade, fossem licenciados e privados da dignidade de seu posto os soldados que não aceitassem sacrificar aos demônios. E isso ainda foi pouco em comparação com medidas mais graves.

11. Por que relembrar, um após outro em pormenores, os atos do inimigo de Deus, e como este homem absolutamente fora da lei inventou leis ilegais. Decretou que os infelizes prisioneiros não seriam mais tratados de forma humanitária com distribuição de alimentos, ou não beneficiariam de compaixão alguma aqueles que se achavam algemados, definhando de fome. Decidiu que absolutamente ninguém poderia exercer a bondade e aqueles que, por natureza, eram inclinados à simpatia para com o próximo, não deviam praticar o bem. E entre suas leis havia uma inteiramente impudente e cruel; ultrapassava qualquer sentimento natural e civilizado. Sancionava um castigo para os compassivos, a saber, sofreriam a mesma pena que aqueles dos quais se haviam apiedado, seriam carregados de cadeias e encerrados nas prisões, e os que se mostrassem humanitários seriam submetidos ao mesmo

castigo que os condenados.

12. Tais eram as ordens de Licínio. Por que enunciar as novidades sobre os casamentos ou suas inovações acerca dos que saíam desta vida? Ousando ab-rogar as antigas leis romanas, reta e sabiamente estabelecidas, promulgou, em substituição, leis bárbaras e selvagens, verdadeiramente ilegais e contrárias às leis.

Inventou milhares de inspeções contra as nações subjugadas, todo gênero de exações em ouro e prata, novas cobranças sobre as terras e impostos pesados infligidos a homens que já não se achavam nos campos, mas que estavam mortos havia muito.

13. Quantas penas de exílio, este inimigo dos homens não infligiu a quem não havia cometido injustiça? Quantas prisões de cidadãos bem-nascidos e dignos de estima, cujas esposas legítimas ele obrigava a divorciar-se, para ser entregues a familiares corrompidos que as ultrajavam com ações vergonhosas? A quantas mulheres casadas e jovens virgens, esse velho decrépito não insultava, para satisfazer seus desejos desregrados? Para que prolongar esta lista, quando o excesso de seus últimos atos prova que os primeiros eram de pouca monta e mesmo absolutamente nada?

14. No cúmulo da loucura, atacou os bispos, visto que os considerava já enquanto ministros do Deus soberano, opositores de sua conduta; dirigia-lhes ciladas não ainda publicamente, mas oculta e astuciosamente, por receio do imperador que lhe era superior, e eliminava os mais reputados dentre eles através de insídias da parte dos governadores.¹⁶⁶ E o gênero de morte empregado contra eles era estranho e inaudito.

15. Os acontecimentos em Amásia e outras cidades do Ponto superam qualquer outro em excesso de crueldade. Ali, dentre as igrejas de Deus, umas foram novamente arrasadas, de alto a baixo; outras foram trancadas à chave a fim de que os que habitualmente ali se reuniam não o pudessem mais fazer, nem prestar a Deus a devida adoração.

16. Com a consciência onerada, não imaginava que, de fato, dali se elevavam preces em seu favor, mas estava persuadido de que fazíamos tudo pelo imperador amado por Deus, que lhe tornávamos propício. Desde então começou a descarregar sua cólera contra nós.

17. Entretanto, por adulação, os governadores, persuadidos de estarem a realizar o gosto deste ímpio, empregavam castigos destinados a criminosos contra certo número de bispos; embora jamais tivessem cometido qualquer injustiça, como se fossem assassinos, eram aprisionados e flagelados sem haver o mínimo pretexto. Alguns mesmo sofriam nova espécie de morte: com uma espada, matavam-nos, esquartejando-os, e depois deste espetáculo bárbaro de estremecer, jogavam-nos nas profundezas do mar, para serem devorados pelos peixes.

18. Então os homens religiosos recomeçaram a fugir e de novo os campos, de novo as florestas desertas e as montanhas abrigaram os servos de Cristo. Como o ímpio chegou a obter resultado, com estas medidas, concebeu o projeto de excitar uma perseguição contra todos nós.

19. Tal pensamento adquiriu força e nada o impediria de passar à ação, se Deus, o defensor das almas de seus servos, rapidamente não se antecipasse em oposição ao que ia suceder. Como, em trevas espessas e noite muito escura, brilha subitamente um grande astro, Deus para salvação geral, levou pela mão a esta região seu servo Constantino, “de braço levantado” (cf. Ex 6,1).

A vitória de Constantino e os benefícios que ele trouxe aos súditos do poder romano

1. Foi, portanto, a este que, do alto do céu, qual fruto digno de sua piedade, Deus concedeu os troféus da vitória sobre os ímpios. Quanto ao criminoso, com todos os seus conselheiros e amigos, prostrou-o aos pés de Constantino.¹⁶⁷

2. Pois, como Licínio havia levado até ao cúmulo a insânia contra ele, o imperador amigo de Deus concluiu que não podia mais tolerá-lo, e concebeu o prudente desígnio de unir a firmeza da justiça ao amor aos homens. Aproveu-lhe socorrer os que o tirano fazia infelizes e apressou-se a salvar a maior parte do gênero humano, desembaraçando-se de certos flagelos.

3. Precedentemente, de fato, tivera somente sentimentos humanitários e movera-se de compaixão por este homem tão pouco merecedor de simpatia. Ora, este não apresentava melhora alguma e não pôs termo a sua maldade; ao invés, aumentava sua ira contra os povos que lhe estavam sujeitos. Doutro lado, não restava esperança alguma de salvação aos maltratados, visto que uma fera cruel exercia contra eles tirania.

4. Por esta razão, unindo amor ao bem com o ódio ao mal, o defensor dos bons com o filho, o benevolente imperador Crispo, foi avante estendendo a direita salvadora a todos os que pereciam. Depois, como tinham por guias e aliados a Deus, o Rei soberano e o seu Filho, Salvador de todos, ambos, pai e filho, dividindo o exército, cercaram os inimigos de Deus, e obtiveram fácil vitória, pois tudo o que haviam combinado foi-lhes facilitado por Deus, de acordo com seus desejos.

5. Então, de repente e mais depressa do que se pode dizer, aqueles que ontem e anteontem respiravam morte e ameaças (cf. At 9,1) não existem mais (cf. Ap 17,8-11) nem se conserva lembrança de seu nome; suas imagens e estátuas foram tratadas com a merecida ignomínia, e o próprio Licínio sofreu igualmente o mesmo que viu com seus próprios olhos acontecer aos tiranos ímpios de outrora, porque não aceitara a advertência nem sabiamente aprendera pelas chicotadas infligidas aos vizinhos (cf. Jr 2,30). Procedeu pelo mesmo caminho da impiedade que eles, e foi arrastado com justiça a idêntico precipício.

6. Mas enquanto ele jazia, ferido deste modo, o grande vencedor Constantino, ilustre pelas virtudes oriundas da piedade, e seu filho Crispo, imperador muito amado de Deus, em tudo semelhante ao pai, recuperavam o Oriente que lhes cabia, e restabeleciam a precedente unidade do império romano. A terra inteira, nas duas direções: do Norte ao Sul, desde o sol levante até os confins onde declina o dia, submeteu-se àquele pacífico governo.

7. Os homens perderam o temor daqueles que anteriormente os pisavam aos pés. Celebravam dias de brilhantes festas e alegres assembléias. Tudo estava iluminado; com rostos sorridentes e olhos radiantes contemplavam-se mutuamente os que antes estavam cabisbaixos. Com coreografia e hinos nas cidades e nos campos, honravam primeiramente a Deus, soberano Rei, conforme haviam aprendido; em seguida ao piedoso imperador com seus filhos, amados de Deus.

8. Caíram no esquecimento os males antigos, perdeu-se a lembrança de toda impiedade; estabeleceu-se a fruição dos bens presentes, e mais ainda, a esperança dos bens futuros. Promulgavam-se, portanto, em todo o lugar, mandamentos muito humanitários pelo imperador vitorioso, e leis reveladoras de sua magnífica e verdadeira piedade.

9. Assim, certamente foi abolida toda tirania e somente Constantino e seus filhos conservavam firme e incontestado o governo do império que lhes competia. Antes de tudo, eliminaram do mundo o ódio a

Deus. Assim, dentre os bens que Deus em sua sabedoria lhes concedera, eles manifestaram, por meio de ações realizadas perante todos os homens, principalmente o amor à virtude, o amor a Deus, a piedade e o reconhecimento para com a divindade.

[151](#) Não se conhece bem a biografia de Paulino de Tiro. Em sua obra *Contra Marcelo*, Eusébio apresenta Paulino como sacerdote de Antioquia, sagrado bispo de Tiro e que, após a deposição de Eustácio, foi escolhido para substituí-lo em Antioquia.

[152](#) Esta frase se dirige ao clero em geral, e os termos empregados se inspiram na descrição do costume sacerdotal dado pelo Levítico. Não se deve procurar aí descrição das vestimentas do clero cristão.

[153](#) Trata-se sempre de Constantino e Licínio, que são os mais antigos augustos, no pensamento de Eusébio: o historiador conta a elevação de Constantino à dignidade de Augusto desde sua proclamação pelo exército da Bretanha, aos 25/7/306.

[154](#) O bispo de Tiro representa, para Eusébio, o Filho de Deus. Os elogios que aqui lhe são dirigidos se inspiram nesta semelhança.

[155](#) As descrições que seguem foram inúmeras vezes estudadas e comentadas pelos arqueólogos. Elas são tanto mais preciosas pelo fato de terem sido feitas na igreja mesma que o orador descreve, e que os assistentes podiam controlar os detalhes à medida que as coisas eram mencionadas. Deve-se levar em conta que Eusébio não era técnico, mas retórico, e não trocava o ritmo da frase pelas precisões lógicas de análise rigorosa.

[156](#) Não só na basílica de Tiro, mas em todas as igrejas das quais Eusébio deixou a descrição, tudo é grande, maravilhoso, mas não nos informa sobre as dimensões exatas, reais dos edifícios. Deve-se observar, na seqüência, como as três portas simbolizam as três pessoas da Trindade, das quais, a do meio, a maior das três, representa o Pai. Estas portas se abrem para o Oriente, para o Sol nascente. Nos ofícios litúrgicos, o bispo se posta sempre voltado de pé para o Oriente, numa postura simbólica: o Cristo é espontaneamente comparado ao Sol que ilumina as almas.

[157](#) Eusébio explica, nos parágrafos seguintes, o simbolismo do templo: cada uma das partes representa uma categoria de almas. Mas é muito difícil interpretar exatamente o detalhe deste simbolismo.

[158](#) O primeiro dos documentos reproduzidos por Eusébio é o que se designa geralmente sob o nome de edito de Milão. Admite-se, hoje, que não houve nenhum edito promulgado em Milão. Os dois imperadores ali se encontraram em fevereiro de 313, para celebrar o casamento de Licínio com a irmã de Constantino, e concertaram sobre a política a ser tomada a respeito dos cristãos. A partir deste momento, Constantino dirigiu, aos governadores das províncias, instruções formais que lhes prescreviam devolver os bens confiscados às igrejas e isentar o clero dos *munera civilia*. Quando Licínio venceu Maximino, fez fixar, em Nicomédia, aos 13 de junho de 313, suas decisões relativas ao cristianismo. São estes rescritos que levam o nome de edito de Milão. Na verdade, é um rescrito de Nicomédia.

[159](#) Vê-se por aí a que ponto tinha-se desenvolvido a propriedade eclesial. Não compreendia só as igrejas e suas dependências, mas ainda imóveis de toda espécie, jardins, campos, casas para uso dos bispos e do clero.

[160](#) Anulino era, então, procônsul da África. Seu nome se encontra em certo número de documentos relativos às origens do cisma donatista.

[161](#) Cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, 2ª ed., Paulus, 1997; cap. V. Donatismo: a grande crise da Igreja africana, pp. 61-74.

[162](#) A carta sinodal enviada ao papa Silvestre pelo concílio de Arles, aos 1º/8/314, menciona 33 nomes de bispos. Se, aos bispos presentes, juntamos os bispos representados, chega-se ao total de quarenta e sete bispos da Gália, da África, da Itália, da Espanha, da Dalmácia e da Bretanha. Pode-se dizer que toda a cristandade do Ocidente estava representada.

[163](#) Óssio, bispo de Córdoba, é o conselheiro eclesiástico de Constantino. Constantino o encontrou na Gália ou talvez em Roma. O certo é que Constantino não cessa de utilizar seus serviços. Será encarregado de reunir em Alexandria um concílio para tentar pôr fim à controvérsia ariana. Em 325, será um dos esteios do concílio de Nicéia, e até a morte, ocorrida provavelmente em 357, sua autoridade será invocada com respeito.

[164](#) A lei que concede a isenção dos cargos públicos data de 31/10/313, mas já tinha sido concedida ao clero da África desde abril deste ano. A resposta de Anulino é de 15 de abril. Isenções semelhantes também eram concedidas aos presidentes das sinagogas judaicas, aos professores, médicos, gramáticos, reitores, filósofos, atletas. Na seqüência, muitos, aproveitando-se da isenção, entravam no clero para escapar das taxas e Constantino foi obrigado a interditar aos ricos o acesso ao clero. Cf. *Código de Teodósio*, XVI, II, 3.

[165](#) Licínio jamais se mostrou cristão. A tolerância que concedeu ao cristianismo foi por pura política e sempre menos generosa que a de Constantino.

[166](#) Entre os bispos que foram vítimas da perseguição de Licínio, cita-se especialmente Basílio de Amásia, no Ponto. Os mártires mais conhecidos deste período são os Quarenta mártires de Sebaste, na Armênia. Licínio podia, de fato, temer uma conspiração. Sabia que os cristãos não lhe tinham simpatia e os acusava de orar somente por Constantino.

[167](#) Segundo Eusébio, a campanha de Constantino contra Licínio teve os traços de cruzada. Constantino foi levado à guerra sobretudo por razões políticas, mas não se pode descartar que a atitude de Licínio a respeito dos cristãos tenha influenciado sua decisão. A guerra se iniciou em 323 e terminou em 324 por duas vitórias conseguidas por Constantino. Relegado na Tessalônica,

Licínio faleceu no começo de 325.